

O LIVRO DO TEMPO

Guillaume Prévost

A pedra
esculpida



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Guillaume Prévost

A Pedra Esculpida

O Livro do Tempo

Formatação/Conversão: Reliquia

Digitalização: Digital Source



Orelha do Livro:

Aquela não era a primeira vez que seu pai sumia. Samuel sabia disso, os avós contavam histórias... Antes de casar-se com sua mãe, já havia acontecido. Mas nunca por tanto tempo. Fazia 12 dias que não tinham notícias. Será que ele o havia abandonado? Não foi capaz de agüentar a tristeza depois da morte da esposa?

Com a certeza de que algo mais estava acontecendo, Sam refaz os últimos passos do pai e esbarra em mistérios nunca imaginados. Entre eles, uma escultura de pedra e um livro antigo no porão da livraria do pai. O menino percebe que a pedra esculpida tem um encaixe, como se precisasse de uma chave para funcionar, e começa a perceber que o pai deixou pistas. Quem sabe até uma missão. Na esperança de rever o pai, Sam parte em busca de algum objeto que possa fazer a pedra esculpida funcionar. E é então que as coisas se complicam. Depois de conseguir uma moeda furada que se encaixa perfeitamente na pedra, ele une as duas peças. Um calor intenso percorre seu corpo e, nauseado, Sam percebe que não está mais no porão da livraria. Certamente é um outro lugar. Mas não é só isso... parece um outro *tempo!*

De alguma forma, a pedra o transportou para uma outra época. E o que é mais estranho, ele vai atuar na história, tendo um papel decisivo em diversas situações. Na verdade, transforma-se em uma espécie de herói nas épocas que visita: salva um livro valioso das mãos de vikings assassinos, ajuda no resgate de um major da Primeira Guerra Mundial, desvenda uma conspiração no antigo Egito...

Mas viajar pelo tempo não pode afastá-lo de seu real objetivo: encontrar o pai.

Com a ajuda da prima Lilli, Sam embarca numa aventura para resgatar o pai, e logo vai descobrir que o tempo é poderoso e pode não estar exatamente a seu favor...

Primeiro volume da série. O Livro do Tempo, *A pedra esculpida*, de Guillaume Prévost, é uma aventura emocionante através de lugares e épocas distintas da História. Sucesso na França, e já publicado nos Estados Unidos, as aventuras de Sam continuarão no segundo volume. *As sete peças*.

GUILLAUME PRÉVOST nasceu em 1964, em Madagascar. Professor de História, lecionou em um colégio em Paris e fez críticas literárias. Apaixonado por História, dedicou-se a escrever ficção. O Livro do Tempo, sua primeira obra dedicada ao público jovem, é uma aventura emocionante que retrata importantes momentos da história mundial.

Sumário

- I
[Sam](#)
- II
[A pedra esculpida](#)
- III
[Iona](#)
- IV
[O tesouro de Colum-Chill](#)
- V
[Na linha de frente](#)
- VI
[Sozinho no escuro](#)
- VII
[O Palácio dos Milhões de Anos](#)
- VIII
[O escaravelho de vidro](#)
- IX
[Conselho de família](#)
- X
[Álbum de recortes](#)
- XI
[Nova partida](#)
- XII
[A guilda dos imaginistas](#)
- XIII
[Os hamsters de Bruges](#)
- XIV
[O segredo de Van Eyck](#)
- XV
[Três libras e doze cêntimos](#)
- XVI
[O alquimista](#)
- XVII
[Versão latina](#)
- XVIII
[Surpresa](#)
- XIX
[Hansoku-Make](#)

I

Sam

Samuel se jogou na cama resmungando: vontade zero de sair. Lançou um olhar de raiva para a mochila aberta aos seus pés e para a manga do quimono que dela despontava parecendo murmurar com insistência: "Mexa-se, Sam, hoje tem competição!" Sim, era dia de competição, o problema era justamente esse. E não era uma competição qualquer: "Torneio 14-16 anos, todas as faixas". Um teste diabólico, fruto de um cérebro doente e antiesportivo, que se concluía em geral por uma luta com um brucutu 15 centímetros mais alto e 20 quilos mais pesado. Ora, Samuel não tinha nenhuma vontade de se deixar moer todo — pelo paquidérmico Monk, por exemplo — para terminar com a cabeça esmagada por um par de volumosas nádegas. Não, hoje não. Em primeiro lugar, era seu aniversário e...

— Sammy, que está fazendo? — gritou uma voz impaciente no andar de baixo. — Vai perder o ônibus!

— Tudo bem, vó, estou descendo.

Porém, em vez disso, afundou-se ainda mais no travesseiro. Do quarto ao lado chegava o timbre estridente de uma cantora histérica que não parava de se extasiar com a beleza do garoto com quem acabava de cruzar na praia:

Como é bonito

Como é fofo

Ele está de olho em mim

O garoto da praaaia!

Patético.

Na origem dessa algazarra, sua prima Lili, que não tinha nada melhor para fazer sábado de manhã além de reunir as colegas para longas conversas de menina, recheadas de toneladas de banalidades sonoras. Como desculpa, Lili tinha apenas 12 anos — ou seja, a idade da estupidez —, e aquilo era para ela um meio de se consolar das repetidas ausências da mãe: esta a criara sozinha durante muito tempo, mas, de uns meses para cá, não desgrudava do seu mais recente namorado. Lili era uma peste, geralmente agressiva com Sam — e era culpa dele se ambos viviam na casa dos avós? —, sempre zombando dos outros, em particular no terreno escorregadio dos resultados escolares. E realmente, de maneira

incompreensível, pelo menos a julgar pelo gênero de tolices que escutava, Lili voava de sucesso em sucesso na escola, voltando todas as tardes com notas mais excepcionais que na véspera e abocanhando no fim do ano tudo que existia de medalhas e prêmios. Um verdadeiro mistério.

Espero que ele se comporte,

Oh! sim, o garoto da praaaaia!

— Sammy! São quase dez horas!

Samuel suspirou e deu um tremendo pontapé na mochila. Todo mundo tinha uma igual, mesmo.

Pulou da cama, enfiou o tênis sem amarrar e abriu a porta rosnando. Que falta de sorte, Lili e seu pequeno bando haviam se espalhado pelo corredor. Formavam para ele uma espécie de corredor polonês de sorrisos zombeteiros e camisetas vermelhas, laranja ou cor-de-rosa que mal lhes cobriam o umbigo.

— Lembrou do esparadrapo, Sammy? — perguntou sua prima num tom falsamente benevolente. — E a pomada para os roxos? É que você não pode se machucar, meu querido. Lembra-se da última vez?

Da última vez, Samuel havia sido esmagado com 43 segundos de luta pela protuberante barriga do paquidérmico Monk. Péssima lembrança. Torcera o tornozelo, que inchara bastante. Sem skate durante um mês.

— Tente pelo menos passar da primeira rodada — acrescentou ela com as mãos nas cadeiras. — Afinal, nunca se sabe!

— Obrigado pelo conselho — ele replicou. — E se eu encontrar o garoto da praia pode deixar que lhe entregue a sua foto, juro. Nunca se sabe...

Ele desembestou pela escada sem se voltar enquanto as garotas cacarejavam ruidosamente às suas costas. No pé da escada, sua avó o esperava agitando um saco de papel bem fechado.

— Sammy, afinal o que você está aprontando? Vai perder o torneio! Você que gosta tanto de judô! Não está doente, espero...

Ela sacudia seus brincos de um branco quase azul com uma expressão de surpresa preocupada.

— Está tudo bem, vó, eu só estava fazendo um aquecimento. Por acaso papai telefonou?

Numa fração de segundo, sua avó baixou os olhos para dissimular o embaraço.

— Não, querido, não. Talvez lá pelo meio-dia...

— Pede então para ele me pegar no ginásio?

— Claro, claro.

Mas havia tanto entusiasmo em sua voz quanto se ele a houvesse interrogado sobre a probabilidade de Tom Cruise o chamar para almoçar.

— Pronto, Sammy, fiz seus sanduíches. Corra agora, ou não chegará na hora. E, por favor, tenha cuidado, lembre-se do ano passado.

Samuel mordeu a língua para não responder. Beijou a avó, pegou o skate e saiu.

Afundado no banco de trás do ônibus, Sam começou a contemplar a paisagem de casinhas todas idênticas que desfilavam através do vidro e o aproximavam lentamente do centro da cidade. Fazia dez dias que seu pai não dava sinal de vida... Nenhum e-mail, nenhum telefonema, nenhuma carta. Não era a primeira vez, mas mesmo assim... Dez dias! Na família, circulava que Allan era o protótipo do excêntrico. Que, aos 5 anos, era capaz de seguir um cachorro na rua por dois ou três quilômetros antes de notar que se perdera. Que, aos 10, começara uma abominável coleção de aparas de unha e não hesitara em escrever a um número incalculável de celebridades para que lhe enviassem exemplares. O pior é que recebera algumas respostas: um jogador de tênis, uma cantora de rock, um apresentador de jornal da televisão... Ele arquivara as preciosas relíquias num fichário vermelho que sua avó ainda conservava no sótão. Cada aquisição merecia um saquinho transparente com o nome, a data e a carta de acompanhamento. Durante vários dias seguidos Allan chegara a se instalar diante do jornal da televisão procurando adivinhar a que dedo do jornalista pertencia aquela pontinha de unha que ele prendera com durex no seu precioso fichário — de sua parte, Sam achava que era um pedaço da unha de um assistente insignificante.

Só que, puxa, seu pai não tinha mais 10 anos... Era suficientemente adulto para não colecionar mais unhas nem correr atrás dos cachorros, e, claro, para dar notícias caso tivesse que se ausentar por alguns dias. Embora, pensando bem, desde a morte da mãe de Sam, Allan vivesse quase num outro mundo. Antes tão alegre, sempre disposto a uma corrida de bicicleta ou a uma partida de *Burnout* no videogame, de repente ele se fechara como uma ostra. Sua avó achava que era o sofrimento, que passaria com o tempo. Contudo, três anos depois do acidente de carro, o melhor era render-se à evidência: a situação tendia a piorar. Sua avó tinha consciência disso tudo, tanto que no início do ano convencera Allan a deixar Sam com ela. O pai recusara sem muita convicção, depois acabou aceitando. Aliás, quem sabe não era melhor assim? Francamente, não tinha mais cabeça para o filho. Mal conseguia abrir sua livraria dois ou três dias por semana, e isso quando a vovó conseguia convencê-lo ou um de seus fiéis clientes o incomodava ao telefone. Vazio na alma, dizia a vovó, falta de força de caráter, replicava tia Evelyn — mãe de Lili —, depressão profunda, decretava o médico.

Dez dias antes, Allan desaparecera. Tudo bem, ele costumava dar esse tipo de escapada, mas em geral elas raramente passavam de dois ou três dias. Voltava, quase sempre carregado de presentes, explicando que tivera que fazer uma viagem urgentíssima aos Estados Unidos para comprar esta ou aquela obra rara

que lhe haviam encomendado. A avó escutava com indulgência, depois estalava duas beijocas em seu rosto e Sam ficava contente demais para lhe censurar o que fosse.

Só que dessa vez Allan não se decidia a voltar. E, além de tudo, era aniversário de Sara Um pai, ainda que seja o protótipo do excêntrico, pode esquecer o aniversário do filho?

Sam desceu do ônibus em frente ao ringue de patinação. Havia um sorveteiro por ali e o sol já estava tão quente que ele pensou em comprar uma casquinha. Mas a dez minutos de uma competição em que podia ser amassado que nem uma batata, aquilo não era muito sensato. Ainda mais que seu estômago já dava uns roncões esquisitos: a perspectiva de encarar os brutamontes do clube, provavelmente.

Deslizou o skate pela calçada e começou a fazer uns *slaloms* a toda velocidade por entre passantes, carrinhos de bebê, crianças desobedientes e sacolas de compras. Que adrenalina aqueles obstáculos móveis que ameaçavam desviar a cada instante e soltavam gritinhos quando você roçava neles! Raspou por um ou dois meios-fios, transpôs um banco de cimento e se preparou para fazer a curva que levava ao ginásio.

Bong! Uma colisão violenta, um barulho de folha de metal amarrotada, e Sam se viu de bruços, com a impressão de que a praça inteira acabava de cair na sua cabeça. Devia ter batido numa velha móbilete ou num latão de lixo ou...

— Caraça!

Sam levantou-se com precaução. Um latão de lixo que falava, então...

— Caraça! É aquele magricela do Faulkner! E que, além do mais, sabia seu nome.

— Não faça isso, Monk — interveio uma voz feminina. Monk. Ele simplesmente entrara no Monk!

Movido por um instinto de sobrevivência cuja existência acabava de descobrir, Sam rolou para o lado no momento em que o gordo Monk lançava-se sobre ele, com uma menina e outro cara agarrados em seus ombros.

— Não, Monk! Não!

— Vou acabar com você! Vou acabar com você!

Sam ergueu-se de um pulo e evitou por um triz um impressionante nocaute que certamente o teria transformado numa pasta. O sangue afluía às suas têmporas, mas, aparentemente, não quebrara nada — ainda.

Monk fez cara de quem ia atacar de novo quando, por sorte, vários curiosos que haviam assistido à cena avançaram para detê-lo.

— Calma! Calma! — interferiu um alto barbudo num terno bem-comportado.

— Ele fez de propósito! — vociferava Monk esticando o braço. — Ele veio em cima de mim de propósito! Veja o que ele fez.

Apontava com o dedo sua sacola derrubada, da qual saíam peças metálicas e alguns circuitos impressos,

— Está vendo, senhor? Isso me custou uma fortuna!

Enquanto Monk se exasperava revolvendo olhos furiosos, Cathie, a menina que havia tentado segurá-lo, aproximou-se de Sam.

— Tudo bem! Quebrou muita coisa?

Cathie fazia parte do clube de judô de Sainte-Mary. Tinha 17 ou 18 anos e, nessa época, supervisionava o treino dos menores. Era uma moça muito bonita, que sorria o tempo todo e que Sam custava a acreditar que pudesse andar com Monk.

— Eu... não, está tudo bem, obrigado — balbuciou. — Eu estava atrasado para o torneio e...

— O torneio? Não soube que foi adiado? Adiado? O torneio tinha sido adiado?

— Mas eu achava que tinham avisado a todo o mundo! A equipe de Fontana não pôde vir, o ônibus deles está enguiçado há dois dias. A competição foi adiada para o próximo sábado. Não tinha um recado na sua secretária?

— Ahn... não! Quer dizer, talvez... Meu pai...

Mas Sam calou-se de repente. O clube devia ter telefonado para a livraria, uma vez que era o endereço que constava da sua matrícula. Ora, ele não sentia a menor vontade de explicar a Cathie nem a ninguém que estava morando provisoriamente com a avó, que seu pai não estava lá para atender o telefone e que ele então não tinha como checar a secretária.

...deve ter esquecido... — murmurou apertando os dentes.

Cathie se abaixou para pegar o skate que estava enfiado como uma espada na grade da praça.

— Parece intacto, incrível. Vocês dois poderiam ter se esmigalhado.

— ME SOLTA, JÁ DISSE! — berrava Monk, que não parecia nada calmo. — Esse imbecil vai ter que pagar o meu material, e depois...

Os três passantes que o cercavam mal conseguiam segurá-lo, e seus olhinhos verdes no meio do rosto escarlate lançavam raios assassinos.

— É melhor você sumir — sussurrou Cathie enfiando o skate embaixo do braço de Sam. — Ele precisa de um tempo para se acalmar.

— Mas você não vai...?

— Não se preocupe, sei me virar com ele. E depois, ninguém garante que os circuitos estejam danificados. A gente ia fazer um *upgrade* nos computadores do clube. Monk é fera em informática, você sabe...

Monk, fera em informática? Mas então ele tinha cérebro? A menina continuava a sorrir.

— Assim que encontrar com suas máquinas, ele vai esquecer você. Vai, se manda, nos vemos no sábado.

Deu um acenozinho para Sam, que não pensou duas vezes. Na hora agá, pois Monk explodia de novo:

— SAMUEL FAULKNER, SEU MISERÁVEL! VOU FAZER PICADINHO DE VOCÊ!

II

A pedra esculpida

A livraria de Allan Faulkner situava-se num daqueles bairros antigos de Sainte-Mary que não haviam parado de se degradar nos últimos trinta anos. A escolha daquele minúsculo sobrado vitoriano, com colunas azuis carcomidas e postigos descascados, apertado entre duas outras casas ainda mais estropiadas, era simplesmente incompreensível, já que todos os comerciantes dignos desse nome haviam abandonado a rua Barnboim fazia tempo. Só tinham ficado uns velhotes tão gastos quanto as fachadas de suas lojas, os quais víamos sair de manhãzinha como fantasmas, depois voltar lá pelas 9h, a cesta cheia de comida, doidos para chegar e se trancar em casa.

Nesse contexto, não se pode dizer que a abertura da livraria tivesse despertado o entusiasmo da vizinhança: um mero bom-dia ou boa-noite, alguns comentários rabugentos quando algum freguês — um temerário — parava o carro em cima da calçada ou quando Sam, ao voltar da escola, raspava o meio-fio com seu skate. E ponto final. Apenas Max, um velho quase surdo que morava três casas adiante, topava bater um papo.

Papos estranhos, por sinal, em que era preciso berrar suas frases diversas vezes para se ter uma chance de ser ouvido — o que limitava bastante o intercâmbio.

Por que seu pai escolhera aquele canto esquecido da cidade? Para se proteger, sugeria a avó de Sam, e se manter afastado da zoeira do mundo. Allan tinha vendido a bonita casa deles de Bel-Air — muitas recordações de Elisa — e começara a procurar um local para instalar sua livraria. Um refúgio, na realidade. Mas um refúgio opressivo quando se tem 13 anos — quase 14 —, quando se acaba de perder a mãe e, sobretudo, quando se está ligado em shopping center, luzes de néon e atividade frenética.

Sam subiu até o topo da escada da entrada para espiar os arredores.

Nada se mexia. Não tinha certeza se ter ido ali tinha sido uma boa idéia. Talvez tivesse sido melhor avisar sua avó... Mas, no fim das contas, o torneio fora suspenso, ele tinha um dia longo à sua frente e era seu aniversário. Que mal havia em dar um pulo em casa? Pois ainda era a casa dele, não era? Pegar uns CDs, ficar um pouco com suas coisas... "E se certificar de que papai não voltou de repente", acrescentava uma voz interior misteriosa. "Ou se não deixou pistas do seu sumiço." Seu avô tinha passado duas vezes na livraria aquela semana, mas quem sabe?

Girou a chave na fechadura. A porta rangeu e a tabuleta "Livraria Faulkner - Livros Antigos" vacilou em cima do frontão.

— Papai?

O silêncio era total. Ele atravessou o saguão e o salão, onde alinhavam-se prateleiras de livros exatamente como numa biblioteca. Havia mesas e cadeiras para as pessoas se sentarem e consultarem as obras, além de dois sofás com luz fria para se ler à vontade. Uma boa parte do dinheiro da casa de Bel-Air estava ali, naqueles velhos papéis amarelcidos e encadernações de couro. Como seu pai tinha conseguido acumular tudo aquilo era um enigma, assim como sua capacidade de atrair clientes. Dito isto, era provável que seus avós pusessem a mão no bolso de vez em quando...

Ele passou então para a cozinha. Estava tudo em ordem. A lavadora de louça estava limpa e, pelo barulho de sucção produzido no vão pelo tubo, parecia fechada há vários dias. A geladeira estava praticamente vazia, afora iogurtes vencidos, um pacote de salsichas e duas latas de cerveja. Nenhum festim recente por ali. Sam foi então para o andar de cima e não conseguiu deixar de sentir um aperto no coração ao reencontrar seu quarto. Seus pôsteres de Tony Hawk e Viggo Mortensen na parede, sua coleção de carrinhos antigos — bem diferente dos pedaços de unhas —, seus desenhos e seu violão, da época em que tentara desajeitadamente aprender a tocar. Mas não estava ali para sentir pena do seu destino. Enfiou dois velhos CDs na mochila, só para constar, e foi dar uma geral no escritório do pai. Infelizmente, não havia nenhuma carta com explicações em cima da mesa, nenhum papel relativo à sua partida nas gavetas, nenhuma nota fiscal de agência de viagens no cesto. Quanto aos armários do quarto, pelo que se via, continham as roupas essenciais, e as três grandes malas amarelas de viagem não haviam saído do lugar.

Cada vez mais estranho... Seu pai teria partido subitamente sem uma muda de roupa? Ou será que pretendia se ausentar apenas poucas horas, um dia no máximo? Porque a escova de dentes também estava ali, sequinha, e a pasta de dentes e o barbeador elétrico... A menos... Sem querer, a imagem terrível de uma lataria de automóvel toda retorcida numa ribanceira passou por sua cabeça. Ele expulsou a visão com a mão: não, não podia ter acontecido nada de grave com seu pai. Ele não era o protótipo do excêntrico? E os excêntricos sempre se safam, seu avô lhe dissera. Havia obrigatoriamente uma explicação.

Sam desceu a escada e parou diante da mesinha do telefone. Bem ao lado, a secretária eletrônica prateada piscava: "20 mensagens — memória cheia!" Sam acionou-a. Zumbido, clique:

— Senhor Faulkner? Passei pela sua livraria semana passada e vi um exemplar de *Vinte mil léguas submarinas* que eu estava querendo...

Bip! Sam pulou para a mensagem seguinte:

— É da Livraria Faulkner, rua Barnboim? Eu queria saber os horários de funcionamento, estou atrás de uma edição rara de...

Bip! Mensagem seguinte.

— Allan? É Thomas Mourre. Conseguiu arranjar a Bíblia de Plantin que encomendei? Porque tenho que...

Bip! E assim por diante. A maioria era de mensagens de clientes ou curiosos, às quais se acrescentavam um engano, uma propaganda — "Hum, senhor Faulkner? Se um dia planejar trocar suas janelas ou seus postigos, nossa empresa oferece..." etc. —, um gerente de banco querendo marcar uma reunião — visivelmente de mau humor — e seis tentativas de sua avó tentando falar com o filho. Todas essas mensagens tinham mais de uma semana. A do clube de judô não estava entre elas, claro: não havia mais espaço na fita.

Na verdade, apenas uma chamada diferia do resto. Uma voz distante, metálica, deformada pela distância ou pelo ruído da linha:

— Allan? Sou eu... Sei que está aí... Não banque o idiota, responda. Allan, está me ouvindo? Allan? Responda, miserável!

Um longo vazio, depois:

— Ok, eu avisei...

O misterioso interlocutor desligara em seguida. Sam passou a fita várias vezes: a chamada datava do dia seguinte ao desaparecimento de seu pai. O tom era ameaçador, e, o que era ainda mais ameaçador, quase íntimo. Ora, Samuel não via a quem a voz podia pertencer. Haveria um elo qualquer com aquela partida inesperada? Talvez sim, se considerássemos o aviso e o subentendido que a mensagem continha: "Ok, eu avisei..." Talvez não, se considerássemos que Allan não escutara nenhuma daquelas mensagens. E agora?

Sam teve uma idéia: apertou a tecla *Redial* do telefone para recompor o último número discado dali. Seu pai estava sem carro há três anos e pegava muito táxi. Poderia ter chamado um para ir para a estação ou o aeroporto... As companhias de táxi eram obrigadas a conservar os registros de suas corridas — ele aprendera isso num folhetim policial —, era possível saber...

— Alô? — bradou uma voz rouca no outro lado da linha. Se era a telefonista da companhia, ela tinha que parar de fumar. Imediatamente.

— Sim, alô — começou Samuel. — Estou ligando para pedir uma informação...

— Como? — berrou a voz num tom assustado.

— Eu queria uma informação, por favor. Meu pai lhe telefonou há alguns dias e...

— Mais alto, cabeça-de-vento! Cabeça-de-vento... Era o seu Max! O vizinho surdo que nem um poste que morava a dois passos dali!

— Mas... é o seu Max?

— Sou, por quê?

— Seu Max, é Sam, filho do Allan Faulkner da livraria. Meu pai deve ter lhe telefonado há uns dez dias...

— Marmoraria o quê? Não preciso de nada, imagine, principalmente de mármore! Maldito telemarketing!

E a linha caiu.

Samuel permaneceu alguns segundos com o aparelho na mão, sem saber o que fazer. Seria melhor fazer uma visita ao seu Max. Era possível que seu pai tivesse ligado para ele para lhe pedir que regasse um vaso de flores ou alguma coisa do tipo... Mas teria lhe contado para onde estava indo? Um nome, um destino. Ainda que o velho não fosse fácil de acompanhar, não havia de toda forma nenhuma outra pista.

Sam pegou a mochila para sair quando percebeu a porta do porão. Seu avô tinha garantido que verificara o subsolo... Sam vacilou por um instante. Ora, podia ficar mais um minuto. Acendeu a luz e desceu os dois lances de escada que levavam ao depósito. Allan guardava ali pilhas de livros em estantes metálicas, a que se somavam um estoque de papel-cartão, material para encadernação e uma grande tapeçaria na parede dos fundos para proteger da umidade e do frio. "É o que parece", supunha Sam, pois só estiveram no porão três ou quatro vezes, e isso assim que tinham se mudado: aquele era o domínio do seu pai. Nesse dia, em todo caso, não havia ninguém.

Começou a descer a escada e, ao chegar no meio, estacou. Alguma coisa estava errada. O depósito não estava como de costume. Pelo menos, não como em sua lembrança. Parecia... que tinha encolhido, é. Isso parecia idiota, mas a única matéria em que Sam se distinguia na escola era desenho: era uma questão de volumes, bastava calcular. Caminhou até a parede dos fundos contando os passos: um, dois, três, quatro, cinco. A conta não batia, faltavam pelo menos uns dois metros para chegar a sete ou oito. O que significava...

Aproximou-se do pano na parede, uma imitação de tapeçaria medieval, com um unicórnio e uma linda princesa. Encostou o dedo e sentiu uma resistência: não, a parede continuava no lugar, devia ter sonhado. Bateu com força: o som era espantosamente oco. Seu pai teria acrescentado uma divisória naquele lugar? E depois a disfarçado atrás da tapeçaria? Mas para esconder o quê? Outro depósito? Obras ainda mais valiosas?

Sam levantou o tecido pesado e se enfiou por debaixo. Trava-se efetivamente de uma divisória, um daqueles painéis de placas de gesso que qualquer um pode montar sozinho. Passou as mãos sobre a superfície, deslizando-os progressivamente para a direita. Dois metros adiante sentiu dobradiças sob os dedos: uma porta. Empurrou-a, com o coração a mil: — Papai?

O novo cômodo estava vazio... Era iluminado por um pequeno abajur e mobiliado bem sumariamente: uma cama dobrável, um banquinho e só. Por um lado, Sam estava aliviado por não encontrar o pai ali

estendido ou desacordado. Ou ainda pior... Mas um bilhão de perguntas se atropelava na sua cabeça. Ele avançou para perto da cama e percebeu um livro grosso no chão. Foi até a luz: não tinha título nem autor, apenas uma capa vermelha, espessa e toda rachada. Abriu-o ao acaso. Um livro de história, com certeza: "Crimes e castigos sob o reinado de Vlad Tepes". Percorreu rapidamente a página dupla dedicada a vários suplícios, tormentos e outras torturas praticadas por um tal de Vlad Tepes no século XVI em algum canto da Valáquia — que nome! Uma obra antiga mas nem tanto, uma centena de anos talvez, pelo tipo de caracteres e de impressão. Seu pai era louco por história, mas daí a se fechar naquele quatinho miserável para ler as façanhas de um "valaquiano" sanguinário!

Sam pegou uma lanterna pendurada num gancho e vasculhou lentamente o resto do quarto. Nada, exceto um bloco cinzento num canto: uma volumosa pedra de uns 50 centímetros de altura, vagamente oval no topo. Aproximou-se para examiná-la. Era uma espécie de totem ou máscara vodu, no estilo dos que vemos nos filmes de terror anunciando invariavelmente uma terrível maldição para quem a descobre. Apenas uma de suas faces era decorada: uma espécie de sol na parte alta, com um círculo no centro e alguns raios, que, na realidade, eram fendas — meia dúzia ao todo. Na parte inferior, um buraco fora escavado, mais ou menos do tamanho e da profundidade da mão. Parecia um pote de amendoins do paleolítico, mas sem os amendoins. Em suma, não fazia o menor sentido. A menos que seu pai de repente tivesse entrado para uma seita...

Enquanto Sam passeava a lanterna em volta da pedra, seu olhar foi atraído por uma rodela de metal que brilhava a alguns centímetros. Pegou-a, virou-a e revirou-a na palma da mão: uma moeda encardida com um furo no meio, um desenho exibindo linhas entrelaçadas e sinais que lembravam a escrita árabe. Mas de que país exatamente, mistério... Em todo caso, não parecia nem muito antiga nem muito valiosa. Quem sabe o suposto totem não era simplesmente um jogo tradicional oriundo de uma região distante? Arremessava-se uma moeda e ela tinha que acertar ou na cavidade principal

— contava menos pontos —, ou num dos ratos do sol — contava mais pontos. Sensacional, não acham?

Mas quando tentou enfiar a moeda em uma das fendas, não conseguiu: não ficava presa no vão e caía sempre. A rigor, o último lugar em que ela poderia prender... Sem levar muita fé, enfiou a moeda no centro do sol: ela se ajustou perfeitamente, como atraída por uma força invisível.

"Bom", pensou, "estamos progredindo..."

Foi então que percebeu um zumbido. Colou o ouvido na pedra: ela emitia uma espécie de vibração, bastante regular e distante... E mais, parecia-lhe que não estava mais completamente fria. Sua imaginação, provavelmente. Porém... Sim, alguma coisa emanava dela. Um calor... Um calor e uma espécie de magnetismo. Sam teve a impressão de que o chão em volta dele começava a vibrar e que bastaria encostar os dedos na pedra quente e oval para sentir sua estranha palpitação. Esticou a mão...

A última coisa de que teve consciência foi de uma ardência atroz que subia pelo seu braço e incandescia seu corpo.

III

Iona

Sam caiu de joelhos, o estômago embrulhado e o corpo sacudido por espasmos. Vomitou dolorosamente sem conseguir parar, ao mesmo tempo que considerava com estupefação a terra cheia de capim nas suas mãos. Capim... Capim?

Quando finalmente conseguiu levantar a cabeça, quase desmaiou: não estava mais no depósito. Estava... em lugar nenhum. Uma praia pedregosa com tênues bancos de areia e um mar imenso além. Estava no meio de uma ladeira que levava a uma espécie de cabana selvagem, entre rochedos atapetados por capim-gordura. O que lhe acontecera? E suas roupas? ONDE ESTAVAM SUAS ROUPAS? Seu jeans, sua camiseta? Vestia apenas uma espécie de camisolão tosco, encharcado de suor, que lhe cobria braços e pernas. E que o arranhava, a propósito. E aquelas ardências? Ainda sentia a mordida do fogo que o consumira quando tocara na pedra. Uma tocha humana... E, entretanto, sua pele estava milagrosamente intacta, tão rosca quanto a de um bebê. Como se tudo aquilo não passasse de um sonho.

Levantou-se vacilante. A pedra... Devia ter uma relação. Ali estava ela, a dois ou três metros. Só que não era mais exatamente a mesma. Um pouco mais alta, um pouco mais escura. Porém, os mesmos motivos: um sol com raios fendidos e uma cavidade escura na parte de baixo. De repente Samuel foi tomado por uma imensa esperança: bastaria recolocar a moeda no centro do desenho e tudo voltaria ao normal. Tratava-se de um pesadelo, claro, e nesse pesadelo ele tinha que recolocar a moeda mágica no lugar certo... Vasculhou meticulosamente o capim à sua volta, depois esfregou furiosamente o chão: nenhum vestígio da moeda. Procurou mais adiante, levantou os cascalhos, cavucou com as mãos: nada. Tentou diversas formas de seixo, mas nenhum se encaixava no diâmetro do sol. Praguejou, xingou a pedra e, para terminar, explodiu em soluços. Não era um sonho... Não era um sonho!

Precisou de longos minutos para recobrar uma calma aparente. Fosse o que fosse que lhe tivesse acontecido, raciocinou, chorar não o ajudaria a enfrentar a situação. Estava vivo, afinal de contas, não é mesmo? E começava a sentir frio.

Pôs-se de pé, espanou-se e começou a subir a ladeira para melhorar seu campo de visão. Estava na realidade numa ilha bem grande. Uma ilha verde e agreste, descampada e varrida pelo vento. Atrás dele, o rolo infinito das ondas e, acima, um céu carregado de nuvens atravessado aqui e ali por colunas de luz dourada. E lá adiante... Casas, sim, aquilo se parecia com casas. Uma fumaça. Tinha até gente! Minúsculos pontos pretos em movimento, dava para perceber!

— Olá! — berrou. — Olá!

Mas a distância era muito grande e o vento soprava no sentido contrário. Sam começou a correr, sem se preocupar com seus pés descalços que afundavam na terra fofa do matagal. Havia uma aldeia, a ilha era habitada! Iam lhe explicar tudo!

Teria se sentido mal no porão? Talvez tivesse sido transportado com urgência num helicóptero — eis o motivo daquele camisolão de doente! —, ocorrera um acidente e... Felizmente, ele se salvara e aquelas pessoas iam acolhê-lo. Poderia se secar e telefonar para sua avó a fim de tranquilizá-la...

Ela devia estar morta de aflição!

Ofegante após dez minutos de corrida, Sam obrigou-se a diminuir a marcha. A aldeia estava a apenas algumas centenas de metros. Não era uma aldeia de verdade, aliás, era antes um acampamento de cabanas cercado por uma paliçada, com uma casa de pedra no meio. Um acampamento de férias? Uma comunidade de hippies curtindo seu retorno à natureza?

Parou completamente. Dali, percebia melhor os moradores. Pelo menos um dos grupos, reunidos perto do que devia ser um cercado de carneiros. Pareciam apontá-lo com o dedo, discutindo. Somente homens, também vestidos bizarramente. Todos com uma batina marrom bem comprida com um cinto de corda engraçado. Sam bateu na testa. Monges, claro! Uma ilha de monges! Quando seu pai souber disso!

Recomeçou a andar, mas com certa prudência. Não tinha lembrança de um estabelecimento religioso daquele tipo na região. Seu mal-estar no porão devia ter sido levado bem a sério para que o mandassem para tão longe de casa! Provavelmente ficara inconsciente por vários dias. Apesar disso, afora os vômitos, não se sentia tão mal...

Agora o grupo de homens avançava para ele. Em desordem e agitados. Alguns brandindo cajados ou espadas. O estômago de Sam contraiu-se de novo. Um dia ele vira uma reportagem sobre clubes de fanáticos pela Idade Média que se reuniam nos fins de semana para viverem como na época das cruzadas. Malucos, em sua opinião... Mas em todo caso ele não tinha escolha: não havia mais ninguém na ilha. Suas vozes chegavam até ele, fiapos de frases inaudíveis, carregadas pelas rajadas do vento sibilante:

— *Dia dite...*

— *Go rev... me agot...*

Parecia o linguajar élfico do *Senhor dos anéis*. De repente para dar um tom "pitoresco", com certeza.

— *Bhi ag Colum-Chill! Acht bhi...*

Sam limpou a garganta e ergueu timidamente a mão à guisa de saudação:

— Olá!

Estavam a apenas 20 metros.

— ... *uatguigh nah-Alban*?

Foi então que se produziu uma coisa ainda mais estranha que todo o resto: sem que tivesse feito o menor esforço para isso, *Sam começou a compreender o que aqueles homens falavam!* Um segundo antes, era uma língua desconhecida com ênfases guturais, no segundo seguinte... era como se a tivesse praticado desde que nascera!

— Eu lhe disse! — exclamava um barbudo meio corcunda. — Ele apareceu assim, do nada, na enseada de Colum-Chill.

— É um espião deles — vociferou um outro com um olhar acusador.

— É um batedor, veio para nos roubar!

— Chega! — interrompeu-os o que andava na frente e devia ser o chefe. — Vamos primeiro ouvir o que ele tem a nos dizer. Em sua infinita misericórdia, Deus talvez esteja nos enviando seu último mensageiro... De onde você vem, garoto?

— Deve ter naufragado — interveio um alto e magro antes mesmo que Sam pudesse reagir. — Nesta estação, os barcos de pescadores saem e...

— Vai se calar, Espichado? — cortou o chefe. — Ele parece bastante grandinho para se explicar, não acha?

Samuel tentou controlar o tremor que sentia subir pelas pernas. Matutava um pretexto qualquer. Quanto às razões de sua presença na ilha, considerando a maneira como aquelas pessoas se comportavam, era melhor ser evasivo.

— Eu... eu naufraguei — afirmou num sopro, um sopro de consonâncias élficas. — Meu... meu barco virou.

— Está vendo! — disse Espichado.

— Mentira! — gritou o corcunda. — Ele apareceu do nada!

— Convenhamos, irmão Socado, você não tem mais a visão da sua mocidade! — objetou o chefe. — E trata-se da enseada de Colum-Chill, talvez seja um sinal... Nosso venerado mestre não olhou sempre por

vocês, irmãos?

— Sim, padre abade — aprovaram os outros em coro.

— Apesar desses tempos ferozes em que vivemos, nada de ruim poderia vir da enseada de Colum-Chill, concordam? Nunca o Senhor autorizaria nossos inimigos a aviltar lugar tão sagrado... Logo, até prova em contrário, podemos presumir que esse garoto simplesmente naufragou na nossa ilha. Aliás, quem sabe se não ganharemos alguma coisa com a sua chegada? Os caminhos de Deus são repletos de curvas e desvios, mas sempre nos conduzem por caminhos de sabedoria.

Em seguida, dirigindo-se a Samuel:

— Qual é o seu nome, meu menino?

— Sam — ele deixou escapar após certa hesitação.

— *Saum* — repetiu o abade com um "aum" sonoro... — E foi batizado, Saum?

— Sim — disse Sam sacudindo a cabeça (ele pronunciava o sim: "Ta", mas mal se dava conta disso).

— Então conhece o sinal-da-cruz?

Todos o observavam com um olhar inquisidor e Sam achou que o melhor seria fazer uma demonstração: passou os três dedos sucessivamente na testa, no peito e nos ombros. Murmúrios intercalados por "Amém!" saudaram seu gesto e as espadas e cajados se abaixaram como por encanto. O abade sorriu para ele.

— Perfeito, Saum, pelo que vejo você é um bom cristão, e não um desses selvagens do Demônio! Então estava num barco de pescador, é isso mesmo?

Sam concordou: o que poderia ter dito?

— Muito bem, Saum, para os próximos dias e a menos que eu decida de outra forma, você se juntará à nossa comunidade. Dormirá no estábulo onde o frei intendente lhe dará uma medida de palha. Está formalmente proibido de entrar no dormitório e na adega, e, no que se refere à igreja ou ao *scriptorium*, só pode freqüentar acompanhado de um de nós. Vejamos, o frei Ranald, por exemplo. Já que ele se mostrou tão solícito ao defendê-lo, terá que cuidar de você! Com os deveres e restrições cabíveis, naturalmente.

Havia uma espécie de advertência nessas palavras que o frei Ranald — o que tinha o apelido de Espichado — pareceu captar, pois se inclinou com deferência.

— Infelizmente para você — prosseguiu o abade —, nossa ilha de Iona o recebe em suas horas mais tristes. Talvez tivesse sido melhor você ter morrido com sua barca. Os Estrangeiros Brancos estão a caminho neste momento. Saquearam outros mosteiros e outras cidades a dois dias de vela daqui. Ora, somos de longe os mais ricos e eles não ignoram isso. Receio que de agora em diante seu destino esteja ligado ao nosso, Saum.

Deu-lhe um tapinha na nuca que se pretendia paternal, mas que quase o derrubou.

— Deus está nos pondo à prova, meu menino! Talvez precisemos lutar... Mas esta noite o horizonte está limpo, podemos dormir tranqüilos.

Ia se virar para tomar o caminho da aldeia, mas Sam fervilhava curiosidade:

— Desculpe, padre abade, será que poderia me...

O superior deu meia-volta, as sobrancelhas furiosamente franzidas.

— A primeira regra que deve aprender, pescador Saum, é o silêncio. Ninguém fala aqui a não ser que eu o tenha interrogado ou que ele seja obrigado a fazê-lo expressamente em função do serviço. E sobretudo no recinto da abadia... Vai se lembrar disso? Irmão Ranald, zele para que no futuro seu pupilo respeite a lei comum.

O irmão Ranald foi na direção de Samuel, e, com o olhar, obrigou-o a baixar os olhos com humildade.

Sam logo teve que se render à evidência: não era um simples fim de semana de fanáticos por fantasias. Aquelas pessoas não estavam brincando; eram monges de verdade. Mas monges retardatários, que deviam ter desembarcado no mínimo do planeta Chiqueiro para aceitarem viver naquelas condições! Sua abadia era na verdade um monte de barracos de tábuas instalados no meio de uma montanha de lama. Apenas a igreja de pedra, no centro, com seu campanário desengonçado, lembrava vagamente a civilização. Quanto ao resto...

Primeiro, Samuel foi levado ao estábulo onde o intendente preparou sua enxerga — era este o nome para a cama — atirando uma braçada de palha no chão, perto da única vaca. Forneceu-lhe também uma batina esburacada com um capuz e um cobertor de lã grossa. Ordenou-lhe que ficasse ali esperando a refeição da noite, e, pelas suas maneiras contrariadas, Sam presumiu que fosse daqueles, como Socado o corcunda, que não haviam digerido a súbita irrupção do menino-saído-de-lugar-nenhum. E não estavam errados, num certo sentido...

A única janela do estábulo estava vedada por uma tábua, mas Sam aproveitou as brechas da madeira para observar o vaivém dos irmãos na noite que caía. Contou uns quinze ou vinte monges de idade variável, a maioria de baixa estatura, exceto o abade e o Espichado. Todos pareciam saber de cor seu papel e aparentemente não sentiam vontade nenhuma de falar. Alguns transportavam tinas e grandes sacos, outros reforçavam a paliçada fixando novos moirões; outros ainda entravam e saíam da igreja, entre eles alguns que trabalhavam numa vasta casa, a mais bem iluminada de todas, situada ao pé do campanário. Tudo isso no maior silêncio, afora o delicioso "vutch! vutch!" das sandálias arrastando na lama.

Samuel, para dizer a verdade, não sabia mais o que pensar. Tinha realmente ouvido falar de uma lona em algum lugar na Nova Escócia, mas, francamente, aquilo não era na porta ao lado! E fosse lá o que fosse que tivesse provocado sua ida para a ilha, isso não esclarecia o mistério daquela abadia maluca nem os propósitos obscuros manifestados pelo abade: quem eram aqueles Estrangeiros Brancos? Que perigos aqueles monges pareciam tanto temer? *E, sobretudo, como Sam conseguia entender aquele idioma bizarro?*

A porta do estábulo se abriu de supetão.

— Saum? — sussurrou a voz do Espichado. — É hora da ceia, corra. E, lembre-se, nenhuma palavra!

Sam se apressou e o seguiu na quase escuridão até um prédio longo contíguo às cozinhas: o refeitório. Quando entrou, todos os homens se voltaram para ele. Eram mais numerosos do que imaginara, uns trinta pelo menos, divididos em duas longas mesas. O abade estava sentado ao fundo, sozinho, enquanto um monge de pé se preparava para abrir um livro enorme num púlpito. Nenhum dos irmãos abriu a boca, mas raspavam suas tigelas de uma maneira tão peculiar que parecia um código. Socado, o corcunda, que era um dos primeiros instalados à direita, lançou um olhar venenoso para ele. O irmão Ranald arrastou Sam para o banco da esquerda e, assim que ocuparam seus lugares, o monge de serviço começou a leitura. Samuel supôs que devia se tratar de um texto em latim, mas, ao Contrário do "élfico de Iona", não conseguia entender sequer uma palavra. O tradutor simultâneo que haviam enfiado na Cabeça dele não era compatível com duas línguas ao mesmo tempo...

O irmão cozinheiro então apareceu com um caldeirão pesado. Passou pelas tigelas e as encheu uma depois da outra com nina sopa aromática cheia de ervas escuras — parecia cabelo. Em geral, Samuel nunca tomava sopa em casa, questão de princípio. Mas estava faminto e, além disso, sentia-se observado por trinta pares de olhos. Mergulhou então corajosamente sua "colher" no líquido fumegante, retirou dele um bom tufo de salada emaranhada e se preparou. Assim que pôs na boca... Em primeiro lugar, queimou o palato — segundo grau, no mínimo —, depois, o gosto era incrivelmente amargo, como um concentrado dos piores repolhos que ele já tinha comido. E impossível cuspir de volta, naturalmente. Apertou bem forte os dentes, sentiu as lágrimas invadirem seus olhos e acabou absorvendo tudo tapando o nariz — queimadura do esôfago de terceiro grau. Quis se refrescar imediatamente com a caneca colocada à sua frente, mas igualmente sem sucesso: a beberagem que continha era fétida, um álcool com gosto de estéreo que o fez engasgar. Espichado desferiu-lhe um pontapé discreto por debaixo da mesa e Sam resolveu não tocar mais na sopa. Assim, apenas beliscou um pedaço de toucinho, um cantinho de carne que conseguira salvar no meio de uma horrível fatia de gordura e uma parte de um queijo duro como pedra. Se a

"sobremesa", uma espécie de pasta grossa e quente ligeiramente açucarada, tinha um melhor aspecto, caiu-lhe no estômago como um bloco de cimento, obrigando-o a engolir de um gole o conteúdo da caneca. Ele, que fazia manha na casa da avó quando não tinha hambúrguer com fritas!

Superada a prova da refeição, o irmão Ranald conduziu-o de volta ao estábulo à luz vacilante de uma vela. O céu estava escuro e estrelado, e o mesmo vento imprevisível disparava suas rajadas.

— Sinto muito, Saum — murmurou Espichado —, não posso deixar o fogo com você, o abade não quer. Tem medo que você incendeie...

Abriu a porta e deu-lhe passagem.

— Em todo caso, peguei isso para você...

Tirou de sua batina um pedaço de pão preto que lhe enfiou nas mãos.

— Há também um balde com água em cima da manjedoura, se souber ordenhar uma vaca...

Ranald não disse mais nada e fechou rapidamente o ferro-lho atrás de si. Sam ouviu a enorme chave ranger na fechadura. Estava novamente sozinho. Ou quase: em sua homenagem a vaca soltou um mugido tonitruante. A propósito, aproximando-se às apalpadelas no escuro, Samuel constatou que ela estava deitada na palha da sua cama. A noite prometia!

IV

O tesouro de Colum-Chill

Samuel teria adorado acordar no seu quarto, debaixo do seu Cobertor, com o rádio saraivando: "São sete horas, moçada, está na hora de começar a se mexer! E para sacudir seus ouvidos na HitFM, agora mesmo, o mais recente sucesso de Linkin Park..." Em vez disso, teve direito apenas a uma violenta rabada e a um mugido dilacerante. Inconcebível, o barulho que uma vaca pode fazer dormindo! E mastiga, e ruma, e bufa... Quando não era pior... Sem falar nos malucos da abadia, que ficaram o tempo todo passeando na igreja, cantando estridentemente — só eram silenciosos de dia! —, até mesmo badalando os sinos em horas inacreditáveis. Resumindo, ele não pregara o olho.

Já era de manhã... Trancado com sua barulhenta — e fedorenta — amiga, Sam não encontrou nada melhor para fazer a não ser assistir ao bale dos monges da sua janela. A atividade era treino com espada, alguma coisa entre *Guerra nas estrelas* pelas roupas e videocassetadas pelo resultado. Num certo momento, ele chegou a se perguntar se não estava assistindo à filmagem de um reality-show: "Eles são trinta, são os únicos numa ilha deserta e fizeram a aposta de viver como monges do ano 1000! Observe-os comendo ervas, lutando na lama e cantando depois da meia-noite! Todos os sábados é você que vai votar para escolher o novo abade!" Etc.

Só que não havia câmera.

Por volta do meio-dia — seu estômago roncava de fome —, Espichado finalmente apareceu. Tinha enrolado na mão um barbante com todo tipo de ganchos.

— Saum — sussurrou —, estamos indo pescar!

— Pesc...

Ai! Os monges o haviam levado ao pé da letra! Contavam com ele

para arranjar peixe! Não iam se decepcionar...

— Rápido!

Sam obedeceu e seguiu o frei Ranald em silêncio. Saíram pelos fundos do acampamento para evitar o contingente dos irmãos armados e, uma vez ao abrigo dos ouvidos indiscretos, Espichado estendeu-lhe

um pedaço de pão com uma fatia de queijo que tirou da manga.

— Pegue, coma. Você provavelmente não está acostumado a fazer uma única refeição diária.

Sam se atirou avidamente no pão dourado e menos avidamente sobre a fatia de queijo pálida e dura como um pedaço de osso.

— Não o mastigue — aconselhou Espichado —, deixe-o desmanchar na boca.

Afastaram-se resolutamente da abadia e, enquanto contornavam prados de um verde intenso e muretas de pedra, Sam se atreveu finalmente a fazer sua pergunta:

— Aonde estamos indo?

— Você não é filho de pescador, estou certo? — disse Ranald à guisa de resposta.

— Ahn, bem, eu...

— Inútil mentir... Se eu lhe emprestasse essa linha de pesca — acrescentou sacudindo a linha — você seria incapaz de usá-la. Tem os dentes muito brancos e as mãos muito finas para um simples pescador.

Sam procurava rapidamente uma história plausível para lhe opor, mas não encontrou.

— Aliás, não creio que o abade tenha acreditado em você. Provavelmente ele prefere nem saber...

Samuel não entendia nada senão que estava prestes a ser desmascarado.

— Irmão Socado tampouco tem a vista muito curta, não é mesmo, Saum? Você veio mesmo pela enseada de Colum-Chill? Será que pelo menos sabe quem era Colum-Chill?

Sam fez não com a cabeça.

— Colum-Chill era um santo. Foi ele que fundou nossa abadia, há mais de duzentos anos. Vinha da Irlanda. Escolheu Iona como ponto de partida para levar a palavra de Cristo à Caledônia. Na época, os pictos e os anglos estavam longe de ser Cristãos.

No meio dessa rajada de nomes, Sam reconheceu apenas um: a Irlanda. E a Irlanda, pelo que ele se lembrava, ficava a oeste da Europa, a milhares de quilômetros. Como fora parar ali?

— Além disso, fez mais de um milagre. Combateu guerreiros e monstros, falou com os anjos e com Deus. Hoje, os monges vêm de muito longe para honrar sua memória e se instruir em sua escola.

Havia então uma escola em Iona?

— Eu mesmo — continuou —, sou originário de Dublin. Eu devia passar três anos na abadia me aprimorando nos livros, mas...

Seu olhar se perdeu ao longe no oceano.

— Eles não vão demorar — suspirou fitando o horizonte.

— Quem são eles?

— Os Estrangeiros Brancos? Na verdade, não sabemos onde moram. Muito longe ao norte, em todo caso. Há alguns meses, vêm singrando as costas da região com seus grandes barcos. Atrás de saques e rapinas. E ouviram falar do tesouro de Colum-Chill...

— Um tesouro?

— Um tesouro, sim. O mais suntuoso e rico do país. Posso lhe mostrar, se quiser. Está vendo a enseada lá embaixo?

Ele apontava, a uns 400 ou 500 metros à esquerda, para a pequena baía onde Sam acordara.

— Foi por ali que Colum-Chill chegou à ilha. E está vendo aquele outeiro, à direita? E ali que vamos esconder o tesouro. Siga-me, vou explicar.

Começaram a escalar blocos de pedras que formavam uma colina em frente ao oceano. Atrás de uma das maiores pedras, havia uma fenda da largura de um homem, que abria para uma espécie de caverna. Esta era iluminada por um tênue poço de luz no teto e tinha alguma coisa da barriga de um animal pré-histórico, atormentado e sombrio. Duas vigas atravessadas pareciam sustentar uma parte da abóbada e um machado estava apoiado na lenha.

— Os Estrangeiros Brancos não têm misericórdia — explicou Ranald. — Os que não são mortos são reduzidos à escravidão. Dizem inclusive que vendem seus cativos e seu butim aos adoradores de Maomé...

Mas o tesouro de Colum-Chill, eles não terão.

Sam arregalava os olhos à toa, não via nenhum rastro de tesouro.

— E esse tesouro, onde está?

— Esta tarde a comunidade transportará as mais belas peças para cá. Aliás, já é mais que hora, se quer a minha opinião.

— Mas como podem ter certeza de que esses Estrangeiros Brancos não descobrirão seu esconderijo?

— Porque eu vou impedi-los — garantiu Ranald, com uma nuance de desafio na voz. — Assim que suas velas apontarem no sul, irei para a caverna. Cortarei essas vigas que você está vendo e a entrada desmoronará de repente. Eles poderão escavar a ilha de ponta a ponta, acredite em mim, nunca porão a mão no tesouro.

— Mas como fará para escapar depois? — retorquiu Sam. Ranald apontou para a chaminé natural acima deles.

— Se o Senhor permitir, tomarei o caminho dos ares. Foi também por isso que o abade me escolheu: sou o mais flexível e o mais esguio.

"O Espichado", pensou Sam.

— E se acontecer de não conseguir sair?

— Então morrerei... Como meus irmãos morrerão provavelmente combatendo esses malditos pagãos. Mas pelo menos o tesouro de Colum-Chill terá sido poupado.

Ele encarou Sam sorrindo.

— Não faça essa cara, garoto! Sua chegada repentina voltou a nos dar esperanças. Pelo menos, a alguns de nós. Às vésperas de enfrentar nossos inimigos, sua aparição na ilha não pode ser fruto do acaso: Colum-Chill deve ter guiado seus passos...

O tom do irmão Ranald era quase respeitoso e Sam presumiu que, na sua aflição, alguns monges lhe atribuíam uma importância que ele não tinha. Quer dizer, se estavam sendo indulgentes com ele, já era alguma coisa!

De volta à abadia e depois de ter deixado seus peixes na cozinha — Espichado dominava o anzol como ninguém —, Ranald lhe fez sinal para acompanhá-lo até a casa ao pé da igreja.

— Agora — sussurrou-lhe abrindo a porta do *scriptorium* —, você vai poder admirar o tesouro de Colum-Chill!

Sam ficou boquiaberto. Se o seu pai estivesse ali! Ele, que caía em êxtase assim que um livro ficava um pouco velho... Aqueles monges deviam ser os últimos a trabalhar daquele jeito! Alguns sentavam-se em banquinhos, um livro aberto à frente, copiando grandes rolos. Tudo à mão, e desconfortavelmente debruçados nos próprios joelhos! Outros cuidavam dos pergaminhos, dobrando-os e costurando para compor cadernos, que, uma vez reunidos, formavam livros. Outros ainda estavam de pé em frente a um púlpito e decoravam, com um pincel firme, páginas inteiras de texto com desenhos multicoloridos. Do teto descia uma profusão de lamparinas a óleo suspensas por correntes, espalhando no aposento uma luz muito suave. Nas laterais, estantes rudimentares acolhiam dezenas de exemplares terminados ou destinados à cópia. Alguns tinham capas de metal prateado esmeradamente trabalhado.

Sob o olhar severo de Socado, o corcunda, Ranald conduziu Sam até uma mesa inclinada bem no fundo, em cima da qual havia um livro como Sam nunca tinha visto. Sua capa de ouro maciço era esculpida e representava um personagem sagrado, com dois dedos erguidos, cercado de anjos e animais fantásticos. O que mais impressionava é que era incrustada com dezenas de pedras preciosas, azuis, vermelhas, verdes, algumas do tamanho do polegar... O tesouro de Colum-Chill!

— É a nossa mais bela cópia dos Evangelhos — sussurrou Espichado.

— Irmão Ranald — rosnou o corcunda. — A regra!

Ranald pareceu não prestar atenção à observação do Socado e este saiu resmungando. Sob o olhar maravilhado de Sam, moveu os poderosos ferrolhos e abriu o livro. As páginas estavam cobertas por uma bela letra antiga, ornamentada com uma profusão de cores, figuras humanas ou geométricas, pintadas com muito esmero. Sam não entendia nada daquilo, mas, ainda que se tratasse de uma cópia, uma obra como aquela devia valer uma fortuna!

Não fazia três minutos que contemplava o livro quando a porta bateu atrás deles. O abade fez sua entrada, acompanhado pelo corcunda.

— Irmão Ranald... — começou o abade. — Sejam quais Cotem as circunstâncias, esse menino não deve perturbar a paz do nosso *scriptorium*. Em hipótese alguma! Leve-o de volta para o estábulo e tranque-o até a hora da refeição.

— Mas, padre abade, o senhor mesmo havia dito que... — tentou se justificar Ranald.

— Limite-se a obedecer, Ranald, ou vocês dois vão fazer penitência... Aliás, a tarde avança, é hora de colocarmos nossos volumes a salvo. Que toquem o sino e que todos se dirijam ao *scriptorium*. Quanto a você, mocinho — acrescentou voltando-se para Sam —, você me ouviu claramente: não quero mais vê-lo na minha frente até a hora da refeição.

Um pouco atrás do abade, Socado, o corcunda, esfregava as mãos com um brilho triunfante no olhar.

Sam acordou sobressaltado, o rosto banhado de suor. Sua barriga estava toda dura e fazia barulhos abomináveis. A infame gororoba com repolho do cozinheiro não conseguia descer... Deu uma olhadela para o lado da janela: o dia mal nascia.

Foi então que constatou que aqueles roncões não vinham da sua barriga.

Levantou-se de um pulo e se precipitou para a janela. Havia gritos e clamores, o choque seco das armas. Em pânico, levou um certo tempo para abrir a janela. Do lado de fora, travava-se uma batalha generalizada... Os Estrangeiros Brancos tinham desembarcado. Pelo menos um punhado deles, altos e fortes, a cabeça protegida por capacetes com viseiras. Os monges se defendiam como podiam, alguns fazendo barricadas na igreja ou lançando-se num corpo-a-corpo desesperado.

A porta do estábulo se abriu de repente e a vaca mugiu de terror.

— Saum! Saum!

Era Espichado, com uma espada na mão. Trancou a porta atrás dele e se aproximou ofegante.

— Eles nos pegaram de surpresa... Ao amanhecer... Não estávamos preparados! Alguém acendeu uma fogueira para orientá-los! A abadia foi invadida!

Bum! Ouvia-se uma violenta estocada na porta.

— Você precisa salvar o tesouro, Saum, ou esses bárbaros vão roubá-lo!

— Eu? Mas vocês não iam para a caverna? — balbuciou Sam. — Nunca vou conseguir...

Bum! Segunda estocada na porta.

— Escute, Saum, não temos muito tempo.

E levantou a batina até o meio da canela para mostrar seu tornozelo sangrando.

— Fui ferido no pé, não serei suficientemente rápido. Você é ágil, tem uma chance de se safar.

Bum! As tábuas de madeira começavam a estalar e a vaca mugiu estrepitosamente.

— Além disso — acrescentou Ranald segurando-o pelo braço —, lá você ficará mais seguro. Cole na parede, agora, e assim que a porta ceder...

Não conseguiu terminar a frase, pois a estrutura de madeira veio abaixo. Um vulto prateado apareceu aos gritos.

— Vá, Saum! — ordenou irmão Ranald golpeando o intruso com a lâmina da espada.

Com as pernas vacilantes, Sam se lançou na penumbra, enquanto por toda parte soavam tinidos metálicos. Escondeu-se atrás de um barril, depois margeou a paliçada agachando-se. Ao chegar à extremidade do mosteiro, levantou a cancela que dava para os campos e começou a correr a toda velocidade.

— Vá, Saum! Vá salvar o tesouro de Colum-Chill! — ele julgava ouvir.

Quando alcançou a primeira mureta de pedra, atirou-se no chão. Ainda não estava muito claro, ninguém poderia vê-lo... Porém, ao se voltar, percebeu um monge na entrada da abadia, mu monge que não lutava e que parecia, ao contrário, numa grande conversa com o inimigo. Socado...

Socado, o corcunda, que traíra seus irmãos! Socado, que acendera a fogueira para guiar os saqueadores! Socado, que apontava o dedo em sua direção...

Sam continuou sua corrida abaixando a cabeça. Por sorte, os estrangeiros Brancos não o haviam notado. Quem podiam ser esses invasores, aliás? Em que século vivia Iona?

Contornando o esporão rochoso que o impedia de ver, Sam teve sua resposta bruscamente: duas grandes embarcações com a proa em forma de dragão haviam fundeado a oeste. Seu perfil esguio e suas velas retangulares vermelho cor de sangue não deixavam dúvida: drakkars! Drakkars, como nos livros de história! Os Estrangeiros Brancos eram vikings!

Sob o golpe da revelação, Sam perdeu o equilíbrio e se estatelou no capim verde. Tudo que se negava a admitir até aquele momento impunha-se a ele como uma evidência. A abadia, o *scriptorium*, os monges, os vikings... Ele viajara no tempo! ELE VIAJARA NO TEMPO!

Deu uma olhada para trás. Um dos guerreiros lançara-se no seu encalço enquanto os demais penetravam no mosteiro. No lugar de Socado não restava senão uma silhueta vagamente humana, encolhida no chão: os invasores deviam ter acertado as contas com seu cúmplice.

Sam começou a correr de novo. Tinha uma vantagem confortável, mas pernas duas vezes mais curtas que seu perseguidor. Um sol alaranjado lambia agora o oceano cinzento, imprimindo uma tonalidade irreal ao litoral. A praia que ele supostamente devia alcançar parecia-lhe do outro lado do mundo... Sem diminuir o ritmo — pensava nos conselhos de Patolino, seu professor de educação física, que tinha esse apelido

por causa da voz de pato: "Inspirem duas vezes, expirem fundo, não quebrem nunca o ritmo!" —, enveredou pelo atalho que percorrera na véspera com Espichado. Como parecia distante aquela pescaria! Finalmente, chegou a um ponto em que avistava a colina que dominava o mar. O viking continuava a uns bons 400 ou 500 metros atrás. Ou tinha certeza de que ia agarrar sua presa, ou não tinha jeito para correr. Usava um capacete monstruoso que o cobria até o queixo, além de uma espada e um escudo de pelo menos um metro e meio. O melhor a fazer era tentar evitar o confronto cara a cara...

Sam escalou os rochedos ofegando. Onde ficava mesmo a entrada da caverna? Lá adiante, um pouco mais em cima. Enfiou-se na abertura da rocha e quase tropeçou em uma das mesinhas que os monges haviam instalado para receber os livros. Rápido, o machado... Segurou o cabo e deu um golpe desajeitado na primeira e mais fraca das vigas. E se aquilo não funcionasse? E se o dispositivo fosse ineficaz? Redobrou as forças: um corte bem nítido aparecia na madeira. Mais um, mais um! A primeira viga cedeu num estalo. O monte de blocos em cima da entrada estremeceu, mas só isso. Sam esfregou as mãos: tinha duas bolhas enormes nas palmas. Paciência, o Estrangeiro Branco devia estar pertinho. Atacou a segunda viga, que vibrou violentamente sob cada um de seus golpes. E se toda a parede desabasse sobre ele sem aviso? BRUM! Sam não teve tempo de pular para trás. A abóbada desmoronou brutalmente, pelo menos uma tonelada de rocha obstruía a entrada. Tinha vencido!

Quando a nuvem de pó se dissipou um pouco e ele recuperou o fôlego, Samuel se certificou de que não causara muitos estragos. Apenas algumas mesas haviam sido danificadas e alguns livros haviam caído. Mecanicamente fez uma pilha com eles — reflexo de filho de livreiro. O menor desses livros tinha um formato peculiar, com uma argola na ponta da lombada. Seria para prendê-lo na cintura? No interior, curiosamente, havia vinte vezes a mesma página: o desenho de uma ilha que podia ser Iona, com um comentário. Que pena não saber ler latin... De repente, ficou imóvel: um barulho do lado de fora. Uma espécie de martelar abafado. O viking estava no seu rastro, claro que ouvira o estrondo. Será que já estava removendo os blocos?

Sam procurou com o olhar alguma coisa com que se defender. Aquele pedaço de viga, a rigor, poderia lhe servir de porrete... Nada senão livros, os mais valiosos com capa de couro — incluindo o volume em ouro que ele folheara no *scriptorium*. Examinando o lugar mais a fundo, acabou descobrindo um cofre enfiado numa reentrância da parede de pedra. Trouxe-o para o poço de luz para abri-lo. Moedas... Moedas de ouro e prata. O outro tesouro do mosteiro! Remexendo-as com o dedo, observou uma que tinha um furo no meio. Estampava uma inscrição ilegível e tinha mais ou menos o diâmetro da... Sim, da que ele utilizara outro dia no porão do seu pai! A famosa moeda que tão bem se encaixava no sol e que estava na origem de tudo! Como não pensara naquilo antes? Ele viera para Iona com uma moeda, precisava de outra moeda para partir. Do tamanho certo e furada no meio!

Sam enfiou o precioso objeto na espécie de calção que o intendente lhe fornecera. A praia de Colum-Chill ficava a menos de dez minutos dali. Se ele conseguisse alcançar a pedra...

Mediu com os olhos a altura da chaminé natural no teto da caverna. Pelo menos 15 metros. Fizera um pouco de alpinismo nas férias, aquilo devia estar ao seu alcance... O que lhe fazia falta, acima de tudo, era algo como uma perna-de-pau, pois era muito pequeno. Começou então a colocar os livros num

lugar seco bem no fundo da caverna, depois empilhou cuidadosamente as mesas umas sobre as outras. Após subir nessa escada improvisada, conseguiu se içar sem grandes dificuldades pelas falhas da rocha, agarrando-se dos dois lados. Subiu assim lentamente, tentando permanecer surdo aos berros do viking que se debatia diante do desmoronamento da entrada. Depois de três minutos nessa progressão, Sam desembocou no topo da colina por uma brecha um pouquinho mais larga que ele. Inalou o ar iodado a plenos pulmões. Agora só precisava ser discreto...

Ficou de bruços e rastejou como um lagarto pelo flanco oposto ao outeiro. A não ser que também escalasse até o topo, o viking teria poucas probabilidades de surpreendê-lo. Por precaução, contudo, esperou achar-se a uma boa distância para se levantar de novo. Direção: a enseada de Colum-Chill

Chegando ao declive que dominava a praia — Patolino o teria felicitado pelo seu *arranque* —, Sam correu para o meio dos rochedos. A pedra esculpida continuava lá! Ia voltar para casa! Febrilmente, pegou a moeda no calção e, após um último olhar à sua volta, encaixou-a na imagem do sol. A pedra começou a esquentar e muito rapidamente um calor infernal percorreu seu braço. Samuel abriu a boca para gritar, mas ninguém podia ouvi-lo.

V

Na linha de frente

Ahhrrrg!

O grito de Sam ficou estrangulado na garganta enquanto ele esvaziava o estômago de quatro no chão lamacento. A moeda de ouro dos monges não o levava de volta para casa!

Levantou-se tomando cuidado para não sujar nem o camisolão nem o calção. Fazia frio e havia neblina como numa manhã de primavera e ele estava no meio do que em outros tempos havia sido uma aldeia. Da rua principal restavam apenas abas de paredes esqueléticas, tetos esburacados, carcaças de ferro-velho e outras vigas desmoronadas. Uma aldeia em ruínas após um cataclismo... Ele procurou a pedra esculpida com os olhos: estava perto de uma antiga fonte, enfiada pela metade nas ervas daninhas. Quanto à moeda, naturalmente, já era.

Onde havia aterrissado daquela vez? E quando? Mesmo desmoronadas, as casas tinham portas e janelas de verdade, não era nada parecido com o estilo da ilha de Iona. Tampouco tinha prédios modernos. Entrou numa das habitações ao acaso: estava tudo virado de pernas para o ar, os móveis queimados, pedaços de cadeiras amontoados sobre restos de assoalhos de pedra invadidos pela lama. Saiu dessa casa, visitou outra, depois outra. Todas devastadas... Vasculhou num velho baú em busca de comida, mas sem sucesso. Aos pouquinhos foi chegando no fim da rua. A paisagem dos arredores tampouco era animadora: uma plataforma opaca e lodosa, colinas onde as árvores pareciam ter sido ceifadas pela tempestade do século. Ainda preferia o oceano Atlântico.

— Por... por aqui...

Samuel teve um sobressalto. Uma voz de além-túmulo erguia-se de algum lugar atrás de um celeiro partido em dois.

— Alg... alguém?

Sam julgou prudente não responder. Contornou um jardimzinho que tinha alguma coisa de lunar, tanto estava revirado e esburacado. A voz provinha de um fosso cheio de espinhos.

— Por favor...

Um homem jazia no fundo. Um soldado. Seu uniforme estava sujo de terra e ele parecia incapaz de se mexer. Uma de suas pernas estava curiosamente dobrada por cima dele. Tinha perdido muito sangue.

— Alguma coisa para beber, por favor.

O homem mal mexia os lábios, que desapareciam, assim como todo o seu rosto, sob uma espessa camada de sujeira. Apenas seus olhos sobressaíam como duas grandes manchas brancas.

— Água — gemeu.

O sotaque do soldado lembrava confusamente alguma coisa a Sam. Suas roupas e seu capacete também.

— O senhor está ferido?

— Meu cantil... por favor.

Sam desceu cheio de cuidado: desconfiava muito dos espinheiros, já que só tinha nos pés vulgares ancestrais de sandálias. Removeu o cantil de ferro enfiado sob os galhos, desatarraxou a tampa e levou o gargalo à boca seca do soldado. Este bebeu longamente antes de se saciar.

— Obrigado — disse ele com a voz mais clara —, é o bom Deus que o envia... Não... não sei o que você faz por essas Lindas. Nem nessas roupas... Mas você precisa ir pedir ajuda.

Sam sacudiu a cabaça para não interromper, pois percebia que o homem estava à beira do esgotamento.

— Você precisa sair da cidade. Do outro lado. Siga a estrada sem se expor. Sempre à direita. A um quilômetro, fica o forte de Souville. Mas você já deve saber disso, não é? Diga-lhes...

Tossiu debilmente.

— Diga-lhes que o major Chartrel... do 239° Regimento de Infantaria está ferido. Em Fleury, atrás do Celeiro dos Mortos. Eles vão entender. Não... não sei por que as ambulâncias não me resgataram. Devo ter perdido a consciência.

Voltou-se para Sam com um olhar suplicante.

— Fará isso, não é? Não me deixará aqui, certo? Não vou... não vou durar muito tempo, como vê.

Samuel balançou a cabeça.

— Bom... eu...

— O importante é seguir a estrada, garoto. E não suba nas cristas, está enxameado de alemães lá em cima.

O major Chartrel ia acrescentar alguma coisa, mas seus olhos se fecharam e ele roncou suavemente.

Não havia um minuto a perder.

Samuel se alçou do fosso e percorreu a comprida rua em sentido contrário. A guerra... Estava na guerra. Qual? Alemães, dissera o soldado. A Segunda Guerra Mundial, então? Mas Sam possuía dois ou três videogames bem realistas sobre o período e não reconhecia o uniforme. Não, devia ser a Primeira Guerra Mundial. Um dia, na aula de história, projetaram um filme preto-e-branco para eles. As trincheiras e tudo o mais... Sim, podia ser a Primeira Guerra Mundial. Chartrel... Um major francês, provavelmente.

Samuel enveredou pela estrada dobrando-se em dois. Num certo sentido, já estava acostumado... Só que com seu camisolão e seu calção brancos, constituía um alvo ideal. Sobretudo quando se está em pleno campo de batalha, daí as árvores estropiadas e as casas em ruínas...

De toda forma, não podia ficar ilhado na aldeia esperando um ônibus chegar para levá-lo de volta para casa! Além do mais, havia o ferido...

Sam atravessou sem problemas o campo uniformemente ermo e desolado. Não havia alemães à vista nas cristas. Talvez ainda fosse muito cedo... Será que existia horário para a guerra, assim como existiam horários para o escritório?

— Alto! Quem vem lá?

Três soldados pularam de repente de uma moita e obstruíram a estrada ameaçando-o com seus fuzis.

— E então, Marcel? — perguntou o mais alto com uma expressão pasma. — Atiro ou não atiro?

— Não atire, Jeannot — disse o mais velho —, precisamos primeiro saber de onde ele está vindo.

— Puxa, parece um guri! — exclamou o terceiro, com um bigode imponente.

— Você, quem é você? — interrogou o mais velho. — De onde vem?

— Venho da parte do major Chartrel, do 239º Regimento de Infantaria — disse Sam impulsivamente. — Ele está lá na aldeia de Fleury, atrás do Celeiro dos Mortos. Está ferido na perna. Acho que não está muito bem...

— Minha nossa, é o Chartrel! Foi considerado desaparecido na batalha de anteontem! Será que está vivo?

— E como sabe disso, guri? — perguntou o mais velho. — Será um ardil dos boches para nos atrair para uma armadilha?

— Bom, que vamos fazer? — interveio o varapau com cara de idiota.

— Atiro ou não atiro?

— Abaixе a arma, Jeannot! — ordenou o bigodudo. — É apenas um menino! E fala francês e conhece o major!

— Talvez — replicou Marcel —, mas não cabe a nós decidir. Vamos avisar o capitão.

Fez um movimento com o queixo na direção de Sam:

— Passe na frente, meu rapaz, e nada de gracinhas. Sam obedeceu sem uma palavra — aprendera em Iona as virtudes do silêncio—, perguntando-se em todo caso que trio de elite era aquele com que topara. Aparentemente o bobalhão era um calouro e fazia questão absoluta de estrear sua arma.

— E o corvo lá adiante, Marcel... Posso atirar nele?

— Imbecil, quer que os alemães nos descubram? Terá muitas oportunidades de fazer fagulhas se nos mandarem reconquistar Douamont!

Continuaram nessa discussão até o forte de Souville, um grande reduto de cimento que dominava a estrada e a cidade mais abaixo. Entraram no forte por um túnel, saudando o guarda de plantão na guarita.

— Quando é que você vem me render, Jeannot? — este perguntou.

— É que ainda não atirei! — replicou o panacão, como se isso fosse a coisa mais importante da vida.

Penetraram o túnel, depois uma série de galerias subterrâneas cuja sucessão Sam procurou memorizar. Chegaram então a uma sala de recreação, ela também subterrânea, onde vários soldados fumavam, se divertiam e jogavam baralho. Marcel se precipitou para um deles, que, reto como uma tábua, observava a agitação de certa distância.

— Capitão! — gritou Marcel em posição de sentido. — Capturamos um menino na estrada de Fleury! Ele diz que viu o major Chartrel vivo!

O capitão mediu com os olhos o recém-chegado, antes de deixar escapar num tom glacial:

— Leve-o ao meu gabinete.

Um dos soldados abandonou imediatamente o carteado e escoltou Sam até um recinto amarelo-sujo, iluminado por duas lâmpadas elétricas e tendo como móveis apenas uma mesa, três cadeiras e uma parede de prateleiras.

O capitão juntou-se a eles dez minutos depois.

— Deixe-nos, Châtaigner. Eu mesmo vou interrogá-lo. Quando ficaram a sós, o capitão convidou Sam a se sentar e se instalou atrás dele, com as duas mãos no encosto da sua cadeira,

— Eu poderia fuzilá-lo sumariamente — atacou sem preâmbulo. — Você está numa zona interdita... Todas as cidades dos arredores foram evacuadas, inclusive Verdun. Um civil que enfia o focinho por aqui é automaticamente suspeito de espionagem.

Ele observou o efeito produzido sobre Sam, mas este fazia de tudo para não mexer um cílio,

— Tenho pouco tempo para você, criança. Os alemães estão cada vez mais perigosos de umas semanas para cá, podem deflagrar a ofensiva a qualquer momento. E, tendo em vista a situação, ninguém virá me perguntar se tive ou não tive motivos para executá-lo...

Ele contornou Sam para olhá-lo de frente.

— Por enquanto vejo apenas duas opções. Ou a patrulha que enviei volta sã e salva com o major Chartrel e me contentarei em ver em você um jovem desmiolado em fuga. Você poderia ter escapado de um orfanato, por exemplo, ou de uma casa de correção. Isso explicaria seu camisolão...

Poderia ter se perdido querendo fugir e vir dar aqui em Fleury. Nesse caso, entrego você amanhã para a polícia e você se safará com um belo sabão. Ou então... ou então minha patrulha cai numa emboscada. Nesse caso, será considerado traidor. Com as conseqüências que pode presumir.

— Eu realmente falei com o major... — tentou argumentar

O capitão cortou-o rispidamente:

— Estou me lixando para suas belas palavras, rapaz, e tenho mais o que fazer que aturá-lo. Châtaigner vai levá-lo para a cela e logo nos veremos. Só que, quando ele o trouxer de volta, vai ser seu interesse me contar a verdade. Senão...

O capitão agarrou Sam pela gola e o sacudiu sem cerimônia até a porta.

— Châtaigner, isole esse pilantra. Dê-lhe uma coberta e alguma coisa para comer. Assim que o destacamento voltar, que o oficial responsável me faça o relatório.

Duas horas? Três horas? Sam perdera a noção do tempo. Estava enroscado num cobertor de um marrom sinistro e beliscava com a mão as últimas migalhas de torrada na sua tigela. Sua exalava um cheiro de umidade e urina, mas pelo menos ele não sentia frio. Sua grande esperança era que a patrulha pudesse voltar incólume ao forte. Se por infelicidade tivesse sofrido uma escaramuça... Apesar disso, não acreditava nas ameaças do capitão. Não se fuzilava uma criança de 14 anos mesmo em tempos de guerra. Não, ele quisera apenas assustá-lo... Em compensação, Sam devia evitar a todo custo terminar na delegacia de polícia, A pedra esculpida estava ali pertinho, a um quilômetro, se tanto. Se o mandassem para outro lugar, para um orfanato ou outra coisa qualquer, poderia lhe dizer adeus. Portanto precisava descobrir um jeito de...

O grande ferrolho rangeu horrivelmente e o bigodudo simpático que o trancafiara ainda há pouco emoldurou-se no umbral.

— Tudo bem, garoto? Não é muito perfumado aqui, não é mesmo? É a gaiola, que se há de fazer, não é um lugar para você! Vamos, de pé, vou levá-lo para tomar ar. Tem alguém querendo falar com você.

Samuel foi atrás dele com seu cobertor. Tomar ar era uma expressão, pois enveredaram na verdade pelas mesmas galerias escuras que na ida, até uma porta dupla metálica, do outro lado da sala de recreação. Embora estivesse convencido do contrário, Sam sentia um pouco de medo de sair num pátio diante de um pelotão de execução.

— O... o capitão está aqui? — perguntou, não muito sossegado.

— O capitão? Como não! Você vai ver o capitão logo logo!

O homem de bigode imponente abaixou a maçaneta e o fez entrar.

— Estou aqui esperando você, menino, é proibido fumar aqui dentro.

E eu bem que enrolaria um cigarrinho...

Samuel deu um passo à frente, e, pelo cheiro, identificou sem dificuldade o local: uma enfermaria ou um hospital improvisado. Havia várias camas alinhadas contra as paredes e uma dezena de feridos, entre os

quais alguns dormiam. Um enfermeiro de jaleco branco abriu um grande sorriso para ele.

— Leonard está aqui, meu rapaz, quer lhe agradecer!

Samuel aproximou-se da divisória atrás da qual haviam instalado o major Chartrel. Este estava deitado num lençol cinzento, com a perna sumindo sob uma espécie de gaiola gradeada. Seu rosto estava lívido, as faces fundas e Sam estimou que ele não devia ter mais de 25 ou 30 anos. Chartrel esboçou uma careta de boas-vindas.

— Obrigado... obrigado, menino. Foi na hora certa. Um pouco mais... Fui atingido por uma rajada há dois dias. Estávamos lutando por Fleury. Caí dentro de um fosso. Isso me salvou num certo sentido, mas sem você... A propósito, você tem um nome?

Sam procurou um prenome que soasse francês:

— Jacques... Meu nome é Jacques.

— Muito bem, Jacques, você é meu anjo da guarda. Os caras me contaram que você teve problemas com o capitão, masse preocupe, vamos ajudá-lo. Depois do que aconteceu...

Estendeu o braço para Sam e abriu lentamente a mão.

— Pegue... É o que eu queria lhe dar. Meu talismã. Achei numa trincheira o ano passado. Como ninguém reclamou...

Largou na palma da mão aberta de Sam uma medalha de pitila furada no meio, da qual só restava o contorno metálico azulado com a inscrição: "Republique Française".

— É a medalha militar, menino, só os bravos a recebem. Eu mesmo, quem sabe um dia não acabo recebendo uma? O sujeito a quem ela pertencia deve ter perdido o escudo central nu então foi perfurado por uma bala. Nessas condições, não vale mais nada, mas eu enfiei na cabeça que ela me protegeria. Afinal, precisamos nos agarrar a alguma coisa quando vamos para o meio do fogo! E a prova disso é que você apareceu. O major fitou Sam com a mesma intensidade que o irmão Ranald na véspera, um pouco como se o menino fosse dotado de superpoderes. Ao passo que ele apenas descera até o porão!

— Pegue, menino, você a merece!

Sam fechou os dedos sobre a medalha. Ela estava quente — o calor das mãos do major, ou outra coisa? Tinha agora sua moeda para partir de novo, sabia... Ignorava de onde lhe vinha essa certeza, *mas sabia*.

Nesse instante preciso, uma sirene disparou no forte, com um barulho terrível, de rasgar os tímpanos. Começaram a ecoar gritos na galeria:

— Alerta, alerta! Ataque! Ataque! Todos a seus postos!

Uma primeira explosão se produziu ao longe, como abafada pela espessura das paredes. Em seguida, outra, a poucos segundos de intervalo.

— Canalhas — exclamou o enfermeiro tirando seu jaleco. — Será que nunca vão nos deixar em paz!

Dirigiu-se para a porta pegando uma sacola na passagem.

— Fique aqui, menino, isso pode demorar. Vou ver se alguém precisa de mim.

Todos os doentes estavam agora sentados nas camas trocando comentários. No teto, a luz enfraquecia.

— Ai, eles devem ter atingido a eletricidade — suspirou o major. Houve três outras explosões e as lâmpadas se apagaram por um momento. Com a deflagração seguinte, a enfermaria ficou totalmente mergulhada no escuro.

Sam tomou sua decisão bem rápido: talvez não tivesse outra oportunidade.

— Obrigado — murmurou apertando a mão de Chartrel. Pegou seu cobertor e se precipitou pela porta. A entrada do forte, pelo que ele que se lembrava, ficava a três longas galerias dali, à esquerda. Começou a correr tocando de vez em quando a parede com a mão. Em duas ocasiões, quase foi derrubado por soldados que vinham na escuridão em sentido inverso.

— Para o abrigo! Rápido!

Na última bifurcação, provavelmente teria se enganado se não tivesse percebido ao longe a luz exterior. As explosões se multiplicavam, algumas muito próximas, fazendo o solo vibrar. Samuel se perguntou como ia convencer a sentinela a deixá-lo passar... Distraindo sua atenção, talvez?

Colou na parede e observou a guarita. Era Jeannot, o panacão, que montava guarda. Teve uma inspiração. Sobretudo se o panacão estivesse sozinho...

— Olá, Jeannot! — gritou Sam desgrudando da parede. — O capitão está à sua procura!

— Qual é o problema? — perguntou ele apontando a arma

— O tiroteio está comendo solto no abrigo de defesa... — continuou Sam. — Eles precisam de todo mundo!

— No abrigo de defesa?

— Exatamente, no abrigo! O capitão não tinha ninguém para mandar avisá-lo. Ele precisa de todos os atiradores...

— Os atiradores — murmurou o outro abaixando o fuzil. — Vou atirar?

— Se correr, sim! Os alemães não vão esperar!

— Mas... e a guarda?

— O capitão quer apenas que fechem o portão gradeado. Eu cuido disso, vá!

O grande tolo hesitou apenas alguns segundos, o tempo para seus neurônios captarem direito o que lhe pediam.

— Vou atirar! — repetiu com cara de bobo. — Vou atirar!

Enfiou-se finalmente no subterrâneo. Como era possível ganhar uma guerra com recrutas daquele tipo!

Depois que Jeannot desapareceu pela galeria, Samuel aproximou-se da grade. Do lado de fora, os bombardeios redobravam, erguendo enormes nuvens de poeira. Não era um bom momento para um passeio, mas realmente ele não tinha escolha: se por acaso um obus atingisse a pedra esculpida, ele poderia dizer adeus à sua época.

Aguardou até a explosão seguinte, depois deu um pique de uns 100 metros na direção da estrada de Fleury. O ar estava saturado de partículas e estrépitos, com raios riscando o céu intermitentemente. Ficou embaixo do cobertor rezando para que ele o camuflasse um pouco. Aparentemente os artilheiros do forte de Souville reagiam, uma vez que as detonações se cruzavam, revezadas pela crepitação dos fuzis. O soldado Jeannot devia estar no auge da felicidade!

De repente, quando se julgava fora da zona mais perigosa, Sam percebeu um assobio roçando seu ouvido... Localizado! Atirou-se ao chão e esperou, tentando se acalmar. Mais nenhum tiro... Ao cabo de dois minutos, começou a rastejar como uma serpente. E se os alemães houvessem atacado Fleury também? Deu uma olhada rápida na direção do vilarejo: não, o caminho estava livre.

Depois de 200 metros de percurso, chegou finalmente ao primeiro prédio em ruínas. Encostou no que restava de uma chaminé de lareira e constatou que estava preto de lama da cabeça aos pés. Uma camuflagem de profissional! Atrás dele, do outro lado da estrada, o forte era castigado sem descanso a

partir das cristas. Havia alguma coisa de insuportável naquele fogo mortal que não parava de ser despejado do céu. Nada a ver com filmes.

Quando se sentiu um pouco mais valente, planejou atravessar de uma casa para outra tomando cuidado para não se expor. A velha fonte demolida pela metade não mudara de lugar, assim como a pedra esculpida escondida entre as ervas daninhas.

Pegou a medalha do major e a apertou bem forte contra o Coração.

— Por favor, por favor, leve-me para casa. Tremendo, projetou-a em direção à pedra esculpida.

VI

Sozinho no escuro

Samuel sentiu o frio do chão materializar-se repentinamente sob suas mãos e pernas. A náusea o mantinha todo encolhido, mas agora controlava melhor seus espasmos e não precisou vomitar. Em compensação, estava escuro, uma escuridão absoluta. Será que a lâmpada do porão tinha se apagado depois da sua partida? Avançou às apalpadelas e tropeçou numa espécie de mesa compacta que não lhe evocava absolutamente nada. Não era a livraria, em todo caso... Levantou-se esticando os braços à procura de uma parede. Encontrou-a dois passos à sua frente, uma superfície lisa e tão fria quanto o chão. Mergulhou numa aflição angustiante. E se estivesse trancado? E se a pedra o tivesse transportado para um lugar de onde ninguém pudesse tirá-lo? Ouse tivesse ficado cego? Esse tipo de viagem no tempo devia ter conseqüências horríveis para o organismo!

Em pânico, começou a rodopiar como um animal na jaula. O aposento não era muito grande, 4 metros por 4 aproximadamente, mas não tinha nenhuma porta. Sentia-se como um rato! Deu diversos pulos sem conseguir alcançar o teto.

Uma saída por cima, então?

Subiu no grande bloco de pedra e ficou na ponta dos pés. Alguma coisa mole pendia no vazio. Agarrou-a com a ponta dos dedos e puxou com um golpe seco. Uma corda. Melhor, uma escada de corda, presa em algum lugar no alto. Pisou no primeiro degrau — na verdade uma correia amarrada atravessada — e começou a subir. Parecia ser resistente. Foi subindo sem forçar, para não ficar girando como um peixe na ponta da linha, e alcançou uma brecha no topo. A abertura dava para uma galeria também mergulhada na escuridão. Sam avançou de quatro apalpando o chão à sua volta. Ainda bem. Após ter rastejado por uma passagem mais larga, sentiu de repente a terra fugir: havia um poço circular no meio do subterrâneo. Sam teve que ficar de pé e lentamente, muito lentamente, contornar o obstáculo colado na parede. Retomou em seguida sua subida, e, na curva seguinte, pareceu-lhe que estava menos escuro. Sim, havia uma luz vacilante lá embaixo. Pôs-se novamente de pé e começou a correr. Uma lamparina a óleo, numa sala à direita...

— Meu Deus! — exclamou.

Hieróglifos, hieróglifos por toda parte! Com personagens de perfil! Todos desenhados em cores vivas e reluzentes. Alguns carregavam jarras, cestas de frutas, aves... Outros faziam a colheita do trigo ou tocavam música. Havia também utensílios colocados diretamente numa tábua: um pincel de madeira com o cabo esmagado e recipientes de barro cheios de pigmentos. Bem como rolos de papiros que provavelmente serviam de modelos, já que cada folha mostrava uma série de desenhos idênticos. Ele estava no Egito! Numa grande pirâmide, talvez!

Levantou a lamparina... As paredes estavam cobertas até o teto com figuras humanas ou cabeças de animal, cercadas por incontáveis sinais. Incrível!

Foi então que percebeu ruídos para o lado da galeria. Passos e sussurros:

... você o acompanhou de volta até a corte? — murmurava uma voz.

Alguém se aproximava. O pintor? Samuel só teve tempo de assoprar o pavio da lamparina.

— Até a corte, como o senhor me ordenou, patrão. Ele deve ter ido para o templo antes que os operários retornassem.

Duas pessoas. Uma língua cantante e agradável ao ouvido.

— Tem certeza de que ele não desconfia de nada?

— Absoluta. Ele fez a inspeção como previsto.

— Ele não falou dos objetos que queria depositar com o sarcófago?

— Nenhuma palavra.

Sam agora distinguia as sombras dançantes de um archote: os dois homens aproximavam-se.

— Paciência, teremos que agir antes que a câmara seja lacrada.

— Os funerais só acontecerão dentro de dez dias, patrão...

— E eu não sei disso!? — replicou a primeira voz num tom Imperioso. — Foi por isso que marquei a data. Dentro de cinco dias será lua cheia. Ele deverá se dirigir às piscinas do templo de Ramsés para a toailete ritual. Na sexta hora da noite, você colocará um dos seus homens no recinto. Uma flecha será o suficiente.

Seus passos arrastados imobilizaram-se no nível da porta e Sam viu a parede do fundo se iluminar. Um enorme deus com cabeça de falcão o mirava com seu olho único. Se os dois conspiradores resolvessem entrar...

— E depois, mestre?

— Depois, quando seu cúmplice desaparecer, cuidarei do resto.

— E... — hesitou o segundo interlocutor. — Quanto ao pagamento?

— Cada um receberá seis sacos de trigo e seis sacos de cevada, como combinado.

Deram meia-volta e suas vozes se afastaram na outra direção.

— Você me garante a discrição dos seus homens?

— Sim, mestre. Eles sabem a que se arriscam se me traírem.

— A agitação dos operários vai ser útil para nós, o vizir vai se distrair. Acha que pode haver uma revolta?

— Ignoro, mestre. Tem muita gente de cabeça quente de uns dias para cá...

Sam não compreendia mais o que diziam: a batida do seu coração cobria aqueles sussurros. Ficou assim paralisado no canto da parede até sentir novamente o sangue circulando em suas veias. Um sarcófago... O templo de Ramsés... Estava realmente na época das pirâmides!

Quando não ouviu mais nenhum barulho, resolveu sair do esconderijo. Voltar atrás não adiantaria nada, tinha que seguir a galeria esperando encontrar uma saída, E isso antes que os operários recomeçassem o trabalho!

Ficou de joelhos de novo e chegou tateando ao pé de uma escada. Uns quinze degraus depois, saiu num andar iluminado pelo mesmo tipo de lamparinas a óleo. Aquela galeria era magnífica, com um céu estrelado pintado no teto e decorada nas laterais com uma imensa barca dourada puxada por uma multidão de escravos. No centro da embarcação, um homem ricamente coroadado — o faraó? — segurava na mão um deus com cabeça de cão e outro com cabeça de carneiro. Samuel se arrependia de não ter prestado muita atenção nas aulas: Anúbis, Thot, Hórus, um monte de nomes misturados vinham à sua cabeça sem que ele lembrasse quem era quem. Constatou que não conseguia ler os hieróglifos. Seu tradutor integrado tinha suas limitações...

A extremidade da galeria dava numa bifurcação, e Sam escolheu o caminho da esquerda. Subiu uma nova escada e sentiu o calor cair pesadamente sobre seus ombros. Quem sabe um bom sinal... Mais cinco degraus e percebeu a luz do sol 20 metros adiante. Tirou a camisa e amarrou-a em volta de seu camisolão, pois a temperatura estava sufocante. A porta não era muito alta e parecia se abrir para um céu azul imaculado. Samuel infelizmente não teve tempo para verificar: gritos misturados chegavam do exterior.

— Vocês não têm o direito! — berrava uma voz rouca. — Vocês estão sob as ordens do vizir!

— Vai ver se não temos o direito — respondeu alguém. — Faz vinte dias que não recebemos.

— Isso mesmo! Isso mesmo!

Um chicote estalou.

— Se a equipe da Esquerda teimar em não se dirigir para o vale— replicou a voz rouca —, relatarei o fato diretamente ao vizir!

— Dê-lhe então bom-dia da minha parte! — lançou seu oponente. — E você lhe dirá que eu e minha equipe voltaremos para casa assim que esse túmulo estiver concluído. Não haverá muro canteiro de obras antes que nos paguem o que nos devem! No peso certo e na medida certa!

Rumores de aprovação.

— Nesse caso, o vizir irá me autorizar o uso da força! — ameaçou a voz rouca.

— Experimente, escriba! E, se quebrar nossos braços e mãos você mesmo terá que decorar as salas!

Houve risos e o argumento pareceu ter ido direto na mosca. O escriba não respondeu nada, mas se dirigiu com um passo furioso para a porta: Sam viu seu perfil recortar-se contra o fundo de céu azul. Recuou precipitadamente para um recinto na penumbra enquanto a silhueta animava-se com gestos largos.

— Já que você é tão esperto, Peneb, explique-me então por que não terminou o túmulo de Setni?

— Estávamos quase no fim, mas as tintas acabaram, escriba, você sabe muito bem disso. Aparentemente seus serviços não previram o suficiente.

— Estamos falando do túmulo de um sacerdote, não de um príncipe de sangue. Vocês deveriam ter trabalhado mais rápido!

A voz rouca descia a escada, Sam tinha certeza disso.

— Setni era o melhor sacerdote de Amon que o Egito conheceu em gerações. Deve ser glorificado na morte como foi em vida.

— E você é capaz, Peneb, de julgar as qualidades e os defeitos de um sacerdote? Sabe ao menos o tempo que vai levar para construir sua tumba?

Os passos estavam bem próximos e os archotes iluminavam a galeria como se fosse dia.

— Creio que o filho dele remunerou-o generosamente pelo nosso trabalho, escriba... Você e toda a Congregação da Tumba.

— As contas da Congregação não lhe dizem respeito, Peneb. Cuidado para não me provocar, nem a mim nem aos meus funcionários. Seus operários fariam melhor abreviando sua pausa e se certificando de que...

Bruscamente a luz tomou conta do recinto onde Sam se refugiara. Dois olhos escuros o fixaram, um homem de cabeça raspada, vestindo uma simples tanga e com um chicote na mão.

— E ISSO! — esgoelou-se o escriba. — O QUE É ISSO?

Não deu tempo para Sam abrir a boca, recebeu uma violenta chicotada na coxa.

— Um ladrãozinho na sepultura pela qual você é responsável, Peneb! Schlac! Segunda chicotada, cuja fustigada arrancou um grito do

menino. O escriba se exaltou:

— Vou dizer ao vizir como você toma conta do túmulo de Setni, ah, vou! Qualquer saqueador ou escravo tratante pode...

Uma terceira chicotada estava prestes a estalar, mas Peneb interpôs-se com firmeza.

— Pare imediatamente com isso, escriba! Se quer descontar sua cólera em alguém, é melhor se ver comigo!

Ambos estavam cara a cara, prontos para sair no tapa. O rosto do escriba estava deformado pela raiva.

— E pode pelo menos me dizer o que faz esse intruso no seu canteiro de obras, Peneb?

O outro não pestanejou.

— É meu sobrinho, escriba. Está aqui para aprender a profissão. E não o aconselho a se meter com ele no futuro...

Desafiaram-se mais uma vez com o olhar, depois o escriba deu meia-volta, rechaçando os curiosos aglomerados diante da porta.

— O vizir está de olho em vocês — resmungou. — Em toda a equipe da Esquerda! Lembrem-se disso!

Houve um silêncio interminável, que se prolongou bem além da sua partida. Todos os homens observavam Sam sem saber muito o que pensar. Um deles, finalmente, quebrou o gelo com um sorriso:

— E então, Peneb, não vai dar as boas-vindas ao seu sobrinho? Alguns aplaudiram e Peneb ajudou Sam a se levantar. O chefe de

equipe distribuiu as tarefas, depois arrastou Sam para a antecâmara onde ele mesmo cuidava de um afresco. Sem uma palavra, fez-lhe sinal para se sentar e voltou ao trabalho à luz das lamparinas, como se nada houvesse acontecido. Com a ajuda de um cinzel e um malho, gravava as figuras previamente desenhadas na parede sobre um gigantesco painel quadriculado. Quatro quintos já estavam esculpidos e ele terminava um personagem em tamanho natural que recebia um presente de um deus com cabeça de garça-real — ou uma outra ave qualquer com um longo bico adunco. Fascinado, prostrado pelo calor, não ousando se mexer pois sua coxa ardia, Sam observava-o modelar a pedra com destreza e esboçar as dobras de uma roupa ou o contorno de um braço.

Três horas assim se passaram, antes que Peneb lhe dirigisse a palavra tirando-o do seu indolente torpor:

— Você está numa situação delicada, menino. O escriba vai alertar os guardas para que nos vigiem. Os operários que penetram nos túmulos estão submetidos ao sigilo e, se você desaparecesse hoje, iriam cobrar de mim. Você vai ter que ficar um tempo comigo, caso contrário desconfiarão que menti. Ora, tudo que o escriba quer é uma oportunidade para me demitir.

Peneb calou-se por um momento — cinzelava o olho do personagem central — antes de continuar:

— É Setni, o grão-sacerdote de Amon. Morreu há dois meses. Os embalsamadores logo terminarão seu trabalho e sua múmia virá para o sarcófago. Espero que você não esteja aqui para descobrir o local do seu túmulo e saqueá-lo...

Pela primeira vez na tarde, dirigiu o olhar para Sam.

— Está fugindo, não é? Levou uma surra ou não o alimentavam direito? Já vi pequenos servos como você querendo escapar dos maus-tratos dos patrões. Os ricos só desfrutam realmente de suas riquezas quando estão cercados por pobres! Arre!

Cuspiu no chão com desprezo e dedicou-se ao presente que o deus com cabeça de garça estendia. De vez em quando consultava um rolo de papiro, nos quais cada parte do afresco estava desenhada.

— Qual é o seu nome, menino?

— Sam — ele respondeu com uma pronúncia bizarra.

— *Sem?* Muito bem, contanto que tenha aprendido a lição, Sem... O cinzel deve ser manejado com flexibilidade e devemos saber precisamente onde aplicá-lo. O olho não deve ver apenas o lugar onde a mão trabalha, como o efeito que ela quer obter. Veja, assim...

E, com alguns hábeis golpes de buril, fez surgir um esboço do disco

solar.

— O dever do gravador é dar eternidade à forma que ele grava, compreende? Os pintores, por sua vez, lhe darão vida com suas cores.

E enquanto falava, para estupefação de Sam, traçou na parede uma espécie de marco arredondado no topo e marcado no Centro com um sol de seis raios. Uma imagem simplificada mas perfeitamente reconhecível da pedra esculpida... *O afresco representava a pedra no momento em que o sacerdote Setni a recebera!*

Sam achou que ia passar mal.

— Desculpe... Que... que significa essa cena?

Peneb não respondeu imediatamente. Empenhava-se em ressaltar com traços cerrados a profundidade da cavidade na base da pedra.

— É aqui, na antecâmara, que o morto recebe seus convidados. Em geral ele gosta de se exibir em momentos importantes de sua existência. Visivelmente o deus Thot entrega-lhe um objeto que deve ter sido importante para ele.

— E sabe que objeto é esse?

— Não faço idéia. Segundo a vontade de Setni, foi seu filho quem nos forneceu o modelo. Os sacerdotes de Amon às vezes fazem exigências além do nosso alcance.

— Mas o filho de Set deve saber!

— Não acredite nisso. Discutimos o assunto no início das obras. Ele foi incapaz de esclarecer exatamente que objeto era esse. Na minha opinião, suponho que se trate de um vaso sagrado que o deus

oferece como recompensa. Por que razão, não sei...

— O fato de que seja o deus Thot que lhe oferece esse presente não tem um significado?

Peneb aprovou.

— Você não raciocina mal para um servozinho inculto: a escolha de Thot nunca é um acaso. Mas, assim como eu, você sabe que Thot-Cabeça-de-Íbis é tanto padroeiro dos magos como dos médicos e dos escribas...

Além de manipulador do tempo, claro, o malabarista dos dias e das estações. Isso não nos esclarece muito acerca do objeto em questão, não é? Mas está certo, pelo menos você tem o espírito curioso. Venha — acrescentou levantando-se —, terminei aqui na antecâmara. Vamos dizer aos pintores que é a vez deles.

Samuel seguiu-o, vagamente atônito. "Thor, o manipulador do tempo", repetia. "O malabarista dos dias e das estações!"

VII

O Palácio dos Milhões de Anos

Após alguns dias na companhia de Peneb, Sam tinha a impressão de estar numa viagem lingüística ao estrangeiro. Muitos piegas seus viajavam assim pela Europa nas férias, a fim de aprofundar seus conhecimentos de alemão ou italiano — mas o que aprofundavam mesmo eram seus conhecimentos de garota, música e cigarros. Então por que não o Egito em vez da Alemanha ou da Itália? A única diferença era que sua família adotiva tinha três ou quatro mil anos de defasagem...

Pensando bem, eram simpáticos. Nut, a mulher de Peneb, recebera-o como seu sobrinho predileto, sem perguntas. Na noite em que ele apareceu, ela pedira aos seus filhinhos, Didu e Biatu, cujo passatempo favorito era zanzar rindo por todo canto, para ajudá-lo a se lavar em sua pequena piscina no fundo do quintal. Em seguida, dera-lhe de comer: peixe seco com um picadinho de pepino e cebola, além de uvas e bolos de mel, um cardápio muito mais light que o básico da cantina de Iona. Para dormir, estendera para ele uma lona sob o céu estrelado, no telhado-terraço da casa. O ar estava ameno e perfumado e Samuel não dormia tão bem assim desde que deixara seu próprio quarto. Nenhuma crítica, portanto, quanto ao alojamento ou à hospitalidade.

Em compensação, no que se refere às atividades oferecidas, a empresa de intercâmbio tinha sido menos inspirada. Para dizer a verdade, a aldeia de Set-Maat vivia como um campo entrincheirado, rigorosamente vigiado por *madjaiu*, os policiais do pedaço. Sob pretexto de que trabalhavam na decoração dos túmulos reais, os homens não tinham liberdade de movimento: a Congregação da Tumba temia que eles dessem indicações preciosas aos saqueadores sobre os tesouros e sua localização...

Por conseguinte, os moradores pouco saíam, exceto quando se dirigiam aos canteiros de obras. Havia inclusive uma equipe à disposição deles, encarregada de realizar a maior parte das tarefas que os pudessem pôr em contato com o exterior: pescar, fazer compras, lavar roupa, providenciar água etc. Com isso, o povo de Set-Maat passava a maior parte do tempo fechado em si mesmo, visitando-se uns aos outros, organizando saraus em que se cantava e dançava, sem falar em campeonatos de uma espécie de jogo de damas de que Sam não compreendia nada. Didu e Biatu tinham tentado lhe explicar as regras, mas ele tinha invariavelmente suas peças comidas na quinta ou sexta jogada, o que provocava risadas nas duas crianças.

Resultado: durante sua estada, Samuel teve direito a apenas um passeio. Uma manhã, bem cedo, quando Peneb já saíra. Nut veio acordá-lo.

— Sem, quer ir ao mercado de Tebas comigo?

— Ao mercado de Tebas?

— Conheço bem os *madjaiu* de guarda hoje, eles nos deixarão passar.

Sam não hesitou muito tempo: quem dizia mercado dizia compras, quem dizia compras dizia dinheiro e quem dizia dinheiro dizia moedas. E quem dizia moedas...

Enfiou a tanga que Nut lhe emprestara e foi ao encontro dela, que preparava suas duas cestas. Escoltados por Didu e Biatu, que vadiavam nus em pêlo, transpuseram sem problema os limites da aldeia, após terem deslizado para os dois guardas um embrulho com bolinhos de mel. Dirigiram-se em seguida para um embarcadouro onde entraram num comprido barco a remo para atravessarem o Nilo, cujo tráfego não ficava nada a dever ao de uma auto-estrada domingo à tarde. A aldeia de Set-Maat situava-se na margem ocidental do rio, conhecida como a margem dos mortos: além da cidade operária, viam-se apenas gigantescos palácios dedicados aos faraós e um penhasco íngreme no qual os túmulos eram escavados. Pirâmides, nem pensar: Peneb lhe dissera que não construíam mais há muito tempo — caro demais — e que, de toda forma, nunca houvera nenhuma na região. Mais uma bola fora da empresa de intercâmbio...

Ao se aproximar da margem dos vivos, Samuel ficou fascinado com a beleza de Tebas. A cidade estendia-se por vários quilômetros numa alternância de bairros suntuosos, monumentos imponentes e punhados de ruas estreitas, o conjunto exibindo uma unidade luminosa de tons ocre. O mercado, que ficava à sombra do grande templo de Amon, fervilhava literalmente: todos se interpelavam, se acotovelavam, e as dezenas de bancadas transbordavam de frutas, flores, cerâmicas coloridas, aves vivas e tecidos de todo tipo. Nut sabia exatamente o que desejava e circulava com desenvoltura em meio à confusão e aos burros que exerciam a função de carregadores. Comprava uma medida de figos de um comerciante, um molho de alho-poró de outro e nunca comprava seu coentro a não ser numa velha núbia de rosto carcomido. Infelizmente, Sam logo foi obrigado a se render à evidência: ninguém naquele mercado pagava com dinheiro. Todos trocavam seus produtos ao longo de minuciosas negociações, que permitiam a Nut, por exemplo, trocar um pote de gordura de ganso ou de cera por quatro bolos de mel da sua cozinha. Os tebanos não utilizavam rigorosamente nenhuma moeda! Chegavam a ignorar sua existência!

— Alguma coisa errada, Sem?

Os olhos do menino se arregalavam diante da impressionante muralha do templo de Amon.

— Não, eu me perguntava... Era do templo de Amon que Setni era o grão-sacerdote, não era?

Ela balançou a cabeça fazendo-lhe sinal para falar mais baixo. Sam acabava de ter uma idéia:

— E a senhora conhece o filho de Setni?

— Só de nome. Chama-se Ahmuisis.

— Ele mora em Tebas, imagino...

— Sim, numa bela casa perto do domínio de Montu.

— Poderia... poderia me levar até lá?

Nut franziu as sobrancelhas.

— Claro que não. Para começar, não sei onde fica exatamente. E, mesmo que soubesse, seus servos nunca nos deixariam entrar. Pretende arranjar um novo lugar como servo, é isso?

Samuel fez um gesto vago.

— Não se esqueça, Sem, de que Peneb ainda precisa de você. Se você não voltar hoje à aldeia, o escriba da Congregação pode lhe causar problemas. Agüente mais um ou dois dias!

E Nut tinha razão...

Não fazia uma hora que tinham voltado para casa quando o escriba escoltado por dois guardas irrompeu na casa do chefe da equipe. Nut encarou-o sem o menor embaraço.

— Está procurando Peneb, escriba?

— Não, queria falar com você.

— Comigo?

— Sim. Uma mulher tem argumentos junto ao marido que a Congregação não tem... Tem que fazê-lo desistir de liderar a revolta.

— A revolta? Mas a revolta dos homens é justa, escriba! Não recebemos nossas rações há quase um mês!

— A questão não é essa. Estive com o vizir. Os silos estão vazios, temos que esperar que o trigo e a cevada cheguem do norte. "Vinte dias, trinta no máximo. A Congregação não pode fazer nada até lá.

— Os silos estão vazios, mas os padres e os escribas não comem tão mal! Enquanto nós, na aldeia, esgotamos nossas reservas. Se não nos virássemos sozinhos... — começou ela.

Parou no meio, com medo de ter falado demais, mas o escriba pareceu não notar:

— Uma revolta não traria nada de bom, Nut. Para ninguém. Seu marido pode perder o emprego e muitos operários junto com ele. Que fará se a Congregação os expulsar?

— Peneb é o melhor escultor de Tebas e seus homens estão entre os mais hábeis do Egito. A Congregação precisaria de anos para substituí-los.

— Pode ser — ele admitiu num tom hipócrita. — Mas está disposta a assumir esse risco? De que vale o melhor escultor do inundo sem um teto sobre sua cabeça e com os filhos mendigando nas ruas? Você tem dois meninos encantadores, pelo que me disseram, Nut. Pense neles.

Ele se dirigiu para a porta e se voltou no umbral. — A propósito, qual a vocação do jovem sobrinho de Peneb?

Sam, que do terraço não perdia nada da conversa, sentiu uma bola toda seca se formando na sua garganta.

— Ora... Não creio que seja muito dotado — respondeu Nut. — Nem muito aplicado no trabalho. Peneb já está pensando em despachá-lo para seu irmão, em Mênfis.

— Eu já desconfiava — lançou o escriba com uma risadinha —, ele me pareceu um autêntico frangote. Sem falar naquela palidez de indigente. Se ele precisar de algumas chicotadas para fazer circular o sangue, é só me avisar.

No dia seguinte, apesar da visita do escriba, as tensões com a Congregação estavam longe de serenar. Contrariando seus hábitos, Peneb voltou cedo do canteiro de obras, acompanhado por uma dúzia de seus colegas, todos no auge da exaltação.

— O túmulo de Setni está terminado — declarou colocando seu alforje numa arca. — Estamos em greve.

— Em greve? — perguntou Nut, incrédula.

— Discutimos o assunto, estamos todos de acordo. Não faremos mais nada antes que o abastecimento chegue. E a equipe da Direita pensa a mesma coisa...

— A equipe da Direita também vai parar?

— Pior — acrescentou um operário com o corpanzil de um pugilista, decidimos ir protestar no palácio. Na minha casa, não tem mais uma gota de cerveja nas jarras e a água que ainda havia estagnou. Minha filhinha tem só três aninhos e chora todas as noites de sede e de fome!

— Mesu tem razão — disse outro —, temos que reivindicar o que nos devem no palácio de Ramsés. Se cruzarmos os braços, não vai acontecer nada!

— Isso mesmo — reforçaram todos em coro —, ao templo de Ramsés! Ao Palácio dos Milhões de Anos!

Enquanto os operários se mobilizavam, Samuel aproximou-se de Nut

— Ahmuis, o filho de Setni... Não seria ele precisamente um sacerdote do templo de Ramsés?

Nut balançou a cabeça e se esquivou para ver o que poderia oferecer de comer e beber aos seus convidados. De repente, no meio dessa confusão, Sam se lembrou da conversa que surpreendera no túmulo de Setni: "Daqui a cinco dias", murmurara uma voz misteriosa, "será lua cheia. Ele deverá ir às termas do templo de Ramsés para sua toailete ritual. Na sexta hora da noite, você colocará um dos seus homens no recinto. Uma flecha será o suficiente."

Ora, quem podia ser aquele "ele" que planejavam assassinar, aquele "ele" que acabava de inspecionar o túmulo de Setni, senão Ahmuis, seu próprio filho? Ahmuis, que também era sacerdote no templo de Ramsés e cujas funções talvez obrigassem a determinados rituais nas noites de lua cheia...

Samuel contou febrilmente nos dedos: um, dois, três, quatro... fazia cinco dias que estava no Egito. Exatamente cinco dias! Quem diria que sepultara todos esses detalhes no fundo da sua memória...

Em todo caso, tinha que avisar Ahmuis.

Será que precisava revelar tudo a Peneb e sua família? E se um dos conspiradores fosse justamente um dos operários de Set-Maat? Nesse caso, Samuel não viveria por muito tempo. Não, era melhor aproveitar a greve para se insinuar no palácio e tentar de um jeito ou de outro encontrar Ahmuis. Afinal, o filho de Setni talvez soubesse alguma coisa sobre a pedra esculpida. E só faltavam uma ou duas horas para o anoitecer...

A notícia da marcha rumo ao palácio de Ramsés espalhou-se pouco a pouco pela aldeia. Os operários dos dois lados — a equipe da Esquerda e a equipe da Direita — reuniram-se na praça e confabularam por um momento antes de se entenderem. Finalmente, muniram-se de suas ferramentas e, acompanhados por mulheres e crianças, tomaram a direção do templo improvisando slogans.

— Nosso trigo e nossa cevada!

— O vizir tem que nos ouvir!

— Nossos filhos estão com fome!

— Escribas e sacerdotes, juntem-se a nós!

Enquanto caminhavam agitando varas e machadinhas, Sam informava-se discretamente junto a um dos vizinhos de Peneb:

— Nunca fui ao templo de Ramsés, sabe como ele é?

— Claro, inclusive participei de sua decoração. Ramsés o construiu a fim de que a grandeza do seu reinado fosse celebrada enquanto ele vivesse e por toda a eternidade! Daí o nome de Palácio dos Milhões de Anos...

Uma ínfima parte das riquezas acumuladas ali bastaria para alimentar a cidade de Tebas durante um ano!

— Parece que existem salas de banhos para os sacerdotes...

— De onde você vem, menino? Não se prestam homenagens aos deuses na sua cidade? Claro que existem salas de banhos! A direita, no segundo pátio, o que é rodeado de arbustos e canteiros de flores. Mas se está pensando em refrescar a bunda, vai se dar mal. Apenas os sacerdotes do templo têm acesso a elas. E se tentar entrar, acredite em mim, vão arrancar a sua pele!

A mulher do sujeito deu-lhe uma cotovelada e ele voltou a gritar junto com os outros:

— Nossos filhos estão com fome! Nosso trigo e nossa cevada! Escribas e sacerdotes, juntem-se a nós!

Samuel não ousou insistir.

Após caminhar por uns quinze minutos sob o sol poente, os trezentos habitantes de Set-Maat chegaram diante do que parecia um castelo fortificado. A muralha tinha pelo menos 5 metros de altura, e, das torres de vigia, os soldados retesavam seus arcos.

— Somos os operários das tumbas reais — gritou Peneb. — Viemos exigir o salário justo pelo nosso trabalho!

Houve uma oscilação do lado dos guardas, conciliábulos, escadas montadas e desmontadas, depois, ao cabo de uns vinte minutos, um chefe acabou se projetando acima das seteiras.

— Deponham suas ferramentas perto da grande porta — intimou. — Os escribas da Congregação vão recebê-los.

Um clamor de satisfação ergueu-se do cortejo: as autoridades não desejavam o confronto.

O pequeno grupo atravessou ordenadamente um primeiro pórtico, depois um segundo, e se viu diante da monumental mirrada do templo funerário de Ramsés. Ali, sob a gigantesca construção em tijolo cru, uma dezena de escribas recebeu-os de archotes nas mãos. Convidaram os manifestantes a designar um deles para formar uma delegação, o que provocou novos gritos e protestos. Alguns operários achavam que todos os chefes de família deviam ser ouvidos. Aproveitando-se do tumulto, Samuel observou os arredores: estava no segundo pátio mencionado pelo vizinho de Peneb e o crepúsculo jogava a seu favor. Duas alamedas saíam pela direita e pela esquerda, ladeadas por arbustos e flores. O setor dos banhos estava bem perto...

Deu um jeito de ficar na retaguarda do grupo e, enquanto todos tinham os olhos fixados em Peneb, em Mesu e em três outros voluntários, ele se aproximou da primeira moita à sua direita. Uma olhadela no percurso das sentinelas: ninguém prestava atenção nele. Colou-se contra o arbusto, agachou-se e abriu caminho por um emaranhado de galhos. Nenhuma reação dos soldados... Mordeu o lábio para não gemer, pois a madeira o espetava todo. Encolhendo a barriga, entretanto, conseguiu se insinuar e alcançar o vão livre entre a cerca e o muro. Em seguida contornou o recinto até a extremidade do pátio e parou embaixo de uma tamareira cuja folhagem lhe oferecia proteção. Dali, não avistava mais o pátio, mas podia, afastando as folhas do arbusto, controlar a alameda que levava às salas de banhos — se é que o vizinho de Peneb não havia se enganado. Agora, só restava esperar. Esperar e ter esperança.

VIII

O escaravelho de vidro

Um rangido no cascalho...

Samuel acordou todo trêmulo. Numa fração de segundo, perguntou-se onde estava. Os operários de Set-Maat... A manifestação, o Palácio dos Milhões de Anos... Todo mundo partira e aí...

Sim, a delegação de Peneb também. De repente, o barulho desaparecera. Devia ter dormido. E agora, alguém se aproximava pela trilha.

Sam voltou ao seu posto de observação. A noite já ia alta, e a lua cheia, embaçada por um rendado de nuvens, produzia uma claridade de borralho. A sexta hora? De algum lugar distante chegava um som de chifre. E bem perto, os passos continuava a avançar. Sam piscou os olhos para espantar o sono. Uma silhueta..., Um homem, de tanga e com a cabeça raspada, carregando uma vara com uma tocha na ponta. Ahmuisis?

O homem se aproximou da portinhola, bem do outro lado dos arbusto, e enfiou sua luminária na bainha prevista para esse fim. Tinha uma hastezinha na mão, que introduziu no sistema de fechadura — os ferrolhos ali eram complexos, com todo um sistema de correias. A porta se abriu e o sacerdote desapareceu deixando a tocha atrás de si. Isso não estava nos planos de Sam, que ia ter que atravessar pela luz, correndo assim o risco de atrair a atenção dos guardas. Mas que podia fazer? Se esperasse que Ahmuisis voltasse, seria tarde demais. Chamá-lo, então? Os soldados estariam em cima dele antes que tivesse tempo de se explicar. Ora, não tinha vontade alguma de que lhe tirassem o couro!

Sam atravessou a cerca protegendo o rosto, depois contornou o halo luminoso. A porta estava aberta, bastaria um salto. Tomou impulso, pulou o mais longe possível e aterrissou sem dificuldade num canteiro de plantas de caules compridos. Papiros. Mais simpáticos e menos barulhentos que o cascalho... Ergueu-se lentamente: achava-se agora num jardim. Arbustos, bambus, um canteiro forrado com um capim baixo. No centro, uma grande piscina retangular, quase cheia. O sacerdote estava de pé na beira, as mãos unidas à sua frente. Murmurava palavras ininteligíveis. As pernas de Sam começaram a bambearem: não se sentia com forças para abordá-lo. Para dizer o quê? E como se apresentar?

O sacerdote desceu o primeiro degrau no interior da piscina. Parou novamente e pronunciou uma segunda série de fórmulas. Vamos, pensou Sam tomando coragem, não tenho escolha, preciso voltar para casa! Pensou no pai, depois na avó. Coragem!

Foi então que percebeu um movimento no muro da esquerda: uma sombra se materializara furtivamente sobre o recinto, Um arqueiro...

— Cuidado! — berrou Sam.

Um silvo ressoou e o sacerdote caiu como uma pedra no fundo de um lago. Logo em seguida uma segunda flecha rasgou o ar na direção em que o corpo acabava de desmoronar. Samuel não sabia mais o que fazer.

— Cuidado! — esgoelou-se. — Cuidado! Agora o arqueiro apontava para ele... Sam mergulhou no meio dos papiros e ouviu distintamente a flecha esfacelar os caules acima dele. Colado no chão, estava mais ou menos protegido, contanto que o matador não planejasse pular no jardim! De repente, uma sineta tilintou, desencadeando uma sucessão de gritos e exclamações. Estava dado o alarme...

Sam rastejou para dentro do bosque para tentar ver se alguma coisa se mexia para o lado da piscina. Nada... Nesse momento ouviu o barulho dos passos das sentinelas e olhou para o muro: o arqueiro sumira.

Saiu então do esconderijo e correu para a piscina. Quem sabe Ahmuisis ainda respirava? Quem sabe não se afogara completamente? Sem refletir, atirou-se na água exatamente no instante em que o sacerdote emergia.

— O que é que...? — balbuciou o sacerdote.

— Sacrilégio! — berrou uma voz. — Estão atacando um sacerdote de Ramsés!

Samuel percebeu de cara o rolo em que se havia metido.

— Solte-o imediatamente! — ordenou o chefe dos guardas do recinto.

Em torno dele, vários soldados tinham se preparado para atacar.

— Não fui eu! — indignou-se Sam. — Tinha um arqueiro aí, onde vocês estão. Foi ele quem disparou a flecha!

Mas o chefe dos guardas não estava prestando atenção nele:

— Tudo bem, Ahmuisis? Está ferido?

— Nada grave, Mekhnat. Você chegou a tempo.

— Não se mexa — disse-lhe Mekhnat —, vou buscar reforços. Vocês aí, se esse assassino pensar em fugir, crivem-no de flechas.

Sam voltou-se para o sacerdote suplicando:

— Juro que não fui eu! Eu estava escondido naquela moita! Vi o arqueiro! Gritei para avisar o senhor!

Ahmusis enxugava a cabeça com uma calma surpreendente. Aparentemente não estava ferido: seu mergulho o salvara.

— Você está numa piscina sagrada — declarou sem emoção perceptível. — Apenas os sacerdotes de Ramsés têm autorização para se banhar aqui.

— Era um complô! — explodiu Sam. — Eu os surpreendi outro dia no túmulo de Setni! O túmulo do seu pai! Falavam da lua cheia e do templo de Ramsés! Pretendiam matá-lo na sexta hora!

Todas as suas idéias se misturavam e ele meio que soluçava:

— Não fui eu! Juro que o arqueiro estava ali! Foi por isso que gritei!

— Guarde a saliva para o vizir — aconselhou-o Mekhnat, que entrava cora seus homens no jardim. — Aliás, você não tem a mínima chance de salvar a pele... Peguem-no!

Dois soldados se precipitaram e agarraram os punhos de Sam.

— Ele deve ter penetrado aqui ontem durante a manifestação dos operários — continuou o chefe dos guardas. — Eu bem que lhe disse, Ahmuisis, para não recebê-los.

— As atribuições dos sacerdotes incluem escutar o povo — disse Ahmuisis saindo da água. — E a da Congregação é cumprir seus compromissos.

— Está certo, Ahmuisis, mas esse menino poderia tê-lo assassinado!

— Chefe — interveio um dos soldados —, encontrei esse arco perto da porta!

Mekhnat pegou a arma em suas mãos com uma alegria perversa.

— Eis a prova do atentado, seu crapulazinho!

— Ele deve ter deixado cair! — gemeu Sam. — Não ouviu o que eu disse? Fui eu quem dei o alerta!

— Na esperança de nos confundir, provavelmente! — retorquiu Mekhnat. — Eu me pergunto inclusive...

Debruçou-se para Ahmuisis e lhe sussurrou algumas palavras de que Sam captou apenas fragmentos:

... executar... agora... não importunar... vizir.

Aquele murmúrio? Aquela maneira de sussurrar! Sam não podia acreditar! Era uma das duas vozes que ouvira na tumba de Setni! A que respondia de maneira servil e dizia "mestre" no cada fim de frase! O chefe dos guardas fazia parte do complô! Eis por que queria se livrar de Sam!

— É... é ele! — balbuciou. — Ele estava no túmulo! É a voz dele, posso reconhecer!

Mekhnat desferiu-lhe uma sonora bofetada.

— Mentiroso de uma figa! — trovejou. — Vai ter que inventar outra coisa! Levem-no para o calabouço e ponham-no a ferros! Imediatamente!

Ahmuisis deu um passo em direção a Sam levantando a mão, como um árbitro apitando uma falta.

— Devagar, Mekhnat. Sou o sacerdote do Faraó e é a mim que cabe decidir...

— Não vai acreditar nas mentiras desse verme, vai?

— Dê-me o archote, Mekhnat.

Ahmuisis aproximou a labareda do rosto de Sam e o examinou minuciosamente. Em seguida, dirigiu-se aos guardas:

— Continuem a vasculhar o palácio, soldados, aquele que procuramos ainda deve estar escondido em algum lugar. Quanto a esse menino, podem soltá-lo: eu o conheço e respondo por ele.

Samuel viveu as horas seguintes num estado avançado de estupefação. Tivera tanto medo! Os fatos haviam se encadeado tão rapidamente! Chegara a acreditar que estava tudo perdido... E qual era a intenção de Ahmuisis ao sugerir que o conhecia?

Depois do atrito com Mekhnat, Sam fora conduzido para um dos aposentos reservados aos sacerdotes na ala oeste do palácio. Havia uma cama com uma almofada, um banquinho com pés em forma de patas de leão, dois assentos simples tipo tamborete, uma mesa cheia de papiros e diversos baús. Ura guardião com um gládio controlava o acesso, e, pela minúscula janela lá no alto, Sam podia ver o sol dardejar seus primeiros raios.

Qual seria o seu destino?

Finalmente, Ahmuisis entrou. Continuava de tanga, mas lançara um xale branco nos ombros. Seu olhar já penetrante era realçado pelas sobrancelhas raspadas e olhos delineados em preto. Media por volta de 1,75m, tinha o corpo atlético e, portanto, não deixava de ser um pouquinho vaidoso: usava anéis enormes nas duas mãos.

— Sente-se, por favor. O tempo deve ter lhe parecido longo, não é? Peço desculpas, precisei resolver uns probleminhas.

— O senhor o prendeu?

— O arqueiro? Não. Mas acho que isso não vai demorar.

— Então sabe quem é ele?

— Talvez... Mekhnat desapareceu.

— Mekhnat desapareceu?

— Não deu o toque da oitava hora... Deveria reunir a guarda para discutir as buscas, mas, para surpresa de todos, não estava lá.

— Acha que o próprio Mekhnat poderia ter atirado as flechas?

— Não, o risco era muito grande. Mas um dos seus homens também desertou. Deduzo disso que Mekhnat deve tê-lo subornado para que me assassinasse.

Ahmuisis contava isso com uma expressão tranqüila e benevolente

— Quando os escutei — observou Sam — havia outra pessoa no túmulo. Mekhnat o chamava de "mestre", como se fosse seu superior.

— Realmente. Aliás, eu me perguntava por que os dois faziam questão de me escoltar.

Samuel não acompanhava mais.

— Como?

— Meu primo Khamosis... Ele é escriba na Congregação. Ele e Mekhnat insistiram outro dia para inspecionarem o túmulo do meu pai. Segundo eles, os operários estavam inseguros e poderiam me culpar. Agora começo a entender melhor.

O escriba! A segunda voz pertencia ao escriba! Era ele quem dava as ordens a Mekhnat! Era ele o mandante do assassinato de Ahmuis!

— Mas se ele é seu primo... — objetou Sam — por que então teria planejado matá-lo?

O sacerdote sorriu.

— Provavelmente pelas mesmas razões que fazem com que você esteja aqui.

Sam corou até as orelhas.

— Eu... não vejo o que...

— Não se preocupe, meu rapaz — disse Ahmuisis dando-lhe um tapinha no joelho —, tudo isso fica entre nós. Meu pai me falou de você. Num desenho animado, Sam teria levado um tombo com um monte de estrelinhas rodopiando em volta da cabeça.

— Mas isso é impossível!

— É o que você pensa. Setni não é um homem comum. Foi um dos maiores sumos sacerdotes de Amon e o conselheiro mais confiável de três faraós sucessivos. Ele parecia...

O tom de Ahmuisis revelava tristeza:

— Ele parecia capaz de ver o que ninguém mais via. De compreender pessoas que ninguém mais compreendia. Às vezes... ele se ausentava. Desaparecia uma manhã e... o víamos voltar uma noite ou poucos dias depois, ou dez dias depois. Trazia objetos curiosos, que não são fabricados em lugar nenhum, ou em países distantes cujos nomes ignoramos. Ele nunca explicava em que empregava seu tempo, se viajara ou simplesmente cruzara com caravanas de mercadores. Era seu segredo.

Era impossível para Samuel não fazer um paralelo com seu pai. Seu coração ficou apertado.

— O senhor... o senhor não ficou com vontade de descobrir esse segredo?

— Claro, naturalmente... Mas ele era mais esperto que eu! Quando eu tinha 15 anos, subimos ao topo da colina do Ocidente, lá onde mora a deusa Meret-seger. "Vê", ela me disse apontando para a cidade e o rio aos nossos pés, "lá está a verdadeira vida. Lá e somente lá... Sei que querias me seguir, Ahmuis. Peço-te que não faça isso. Há muitos perigos e tentações, muitos infortúnios e tristes encontros. Toma uma mulher, Ahmuis, casa-te, faz filhos, educa-os. Serve teus deuses e teu faraó, zela pelos que te cercam. Apenas isso tem mérito, nada mais tem valor. Se soubesses a centésima parte do que sei, Ahmuis, nada mais faria sentido para ti. Nem o passado nem o futuro... Só te restaria, como para mim, um presente de pó, um gosto de amargura e fracasso infinitos. E não é isso que desejo para o meu filho."

O sacerdote sacudiu os ombros.

— Admito que na época essas palavras me pareceram bem estranhas. Mas havia tanta gravidade na sua voz, tanta aflição nos seus olhos, que preferi escutar o seu conselho.

Samuel estava fascinado.

Era como se, após ter caminhado interminavelmente no escuro, após ter tropeçado e esbarrado em paredes invisíveis, vislumbrasse uma luz no horizonte. Uma luz trêmula e frágil, mas uma luz. Sentia-se menos sozinho.

— O senhor sugeriu ainda há pouco que ele me conhecia?

Ahmuis concordou com a cabeça:

— Sim. Uns dois anos antes disso, ele me disse que você ia chegar.

— Que... que eu ia chegar?

— "Um menino de pele clara" — ele descreveu. "Catorze anos, cabelos castanhos, olhos azuis e traços bem finos, a expressão teimosa mas afável. Ele lhe dará a impressão de não saber onde está", acrescentou. "Nem talvez de quem *ele* seja... Entretanto, você terá que ajudá-lo, pois, à sua maneira, ele me ajudou."

Samuel não achava ser possível ficar mais perplexo do que já estava. Ilusão...

— Eu o ajudei, eu? Mas ele deve ter se enganado? Nunca estive com ele!

— De toda forma, você está aqui, não está? Ele também me explicou que eu só o veria depois da morte dele. Ora, ele deixou este mundo há exatamente 68 dias... Os funerais serão realizados depois de amanhã.

Sam precisava urgentemente de alguma coisa concreta a que se agarrar ou, caso contrário, ia desmoronar por dentro.

— E... o senhor vai me ajudar?

O sacerdote se levantou e se dirigiu para o maior dos baús. Abriu-o e retirou uma espécie de ânfora e dois copinhos de barro.

— Tenho aqui uma cerveja doce como mel. Gostaria de provar? Samuel fez que sim com a cabeça. Pegou o copinho que lhe

estendiam e mergulhou os lábios numa beberagem amarga e adocicada ao mesmo tempo, que pinicava ligeiramente a língua. Não era de todo ruim.

— Quando eu era pequeno — continuou Ahmuis voltando a se sentar —, havia um cômodo na casa aonde ninguém podia entrar. Era nele que meu pai guardava os famosos objetos de que lhe falei. Os das viagens...

Com o tempo, certos rumores acabaram se espalhando. Coisa de criados, suponho. Começaram a dizer que Setni possuía objetos mágicos com muitos poderes. Se quer saber minha opinião, são esses objetos que interessam ao meu primo, o escriba. Se eu morresse essa noite, provavelmente ele ia querer recuperá-los. Khamosis sempre foi invejoso e ávido de glória...

Deu um gole na cerveja com uma careta divertida.

— Infelizmente para ele, teria se decepcionado!

— O senhor quer dizer que esses objetos não existem?

— Não existem mais! Meu pai destruiu quase todos antes de morrer. Desconfiava que esses rumores atrairiam a cobiça. Não queria que profanassem sua casa ou sua tumba para os roubarem. Não estava errado.

— Mas então — disse Samuel novamente preocupado —, como vai poder me ajudar?

— Setni me pediu para lhe entregar isso.

Lentamente Ahmuisis retirou um dos grandes anéis que exibia na mão direita. Era um anel de ouro, ornamentado com um escaravelho redondo e translúcido de reflexos âmbar, em cujo dorso embutia-se uma pérola vermelha.

— Sabe o que o escaravelho representa para nós? Significa ao mesmo tempo "ser" e "vir a ser". Você já deve ter visto algum correndo pelo chão e rolando uma bola de capim na frente... Meu pai me fez jurar que conservaria essa jóia comigo até o seu funeral. Ele me garantiu que, se fosse realmente o garoto que ele achava que era, saberia o que fazer com ele. Bateram duas vezes na porta.

— Ahmuisis! — gritou uma voz abafada. — O emissário do vizir acaba de ser anunciado!

O sacerdote fez uma cara de contrariedade.

— Desculpe, vou precisar sair outra vez. Não vou demorar.

Saiu imediatamente deixando Sam com o anel. O menino virou e revirou o escaravelho de vidro na palma da mão. "Aquele que se desloca e aquele que transporta..." Setni talvez tivesse encontrado Sam em seus sonhos de sumo sacerdote, mas, se fosse esse o caso, não lhe deixara um manual de instruções para o escaravelho... Esquecimento lamentável!

Samuel esvaziou de um trago seu copinho de cerveja. A bebida proporcionava-lhe uma agradável sensação de calor e parecia acalmar sua ansiedade. Tomar cuidado, no futuro, para não virar alcoólatra, pensou. Bom, esse anel... O escaravelho tinha cerca de 2 centímetros de diâmetro. Era todo achatado, sua carapaça e suas patas delicadamente gravadas no vidro. Quanto à pérola vermelha formava uma protuberância perfeitamente esférica e uniforme. Do que Sam precisava para voltar a seu mundo? De uma espécie de moeda ou medalha com um furo no meio. A jóia seria utilizável daquele jeito na pedra esculpida — provavelmente escondida em algum lugar no túmulo de Setni? Não... Conclusão? Ele precisava separar o escaravelho da pedra e do anel. Falar é fácil! E se, forçando-o, ele destroçasse o bonito anel legado a Ahmuisis por seu pai adorado? Um risco a ser assumido. Além do mais, eles eram ricos, deviam ter um bom seguro! Samuel riu estupidamente. Baixa resistência ao álcool, prestar atenção nisso... tentou desatarraxar o anel, e, após algumas tentativas, obteve uma espécie de "clique". O anel era na realidade encaixado na pérola através do corpo do inseto: os três elementos soltaram-se sem problema. O escaravelho de vidro tinha agora um magnífico furo no meio e podia exercer de maneira bem conveniente a função de moeda mágica. Sua passagem de volta! Pois ia voltar!

Isto, claro, se as paredes e o teto parassem de sacudir...

— Sinto muito — Sam deixou escapar.

Estava às voltas com uma terrível enxaqueca, como se tivesse passado doze horas com a cabeça apertada por um par de tenazes. O sol lhe beliscava os olhos e suas pernas mal se mexiam.

— Foi culpa minha — tranqüilizou-o Ahmuisis.—Eu nunca deveria-lhe ter dado cerveja quando você estava de barriga vazia.

Chegaram em frente ao túmulo de Setni. A essa altura, a paisagem era impressionante no vale do Nilo. O sol estava no zênite e esmagava de calor a aldeiazinha de Set-Maat. Sam pensou em Peneb, Nut, Didu e Biatu. Quase uma família para ele... Gostaria de revê-los, mas Ahmuisis não dispunha de muito tempo: o vizir o convocara para o início da tarde. A investigação avançava celeremente, e a culpa de Mekhnat e do escriba não deixava mais nenhuma dúvida. Mesmo assim, Ahmuisis fizera questão de acompanhar Sam até lá.

— Está pensando nos operários, Sem? Acalme-se, falarei em nome deles ao vizir. Se for necessário, tenho uma reserva de grãos que pode dar para o gasto até que sejam abastecidos.

— É... é realmente muito gentil da sua parte. Não sei como lhe agradecer.

— Sou eu que agradeço, Sem. Você realizou o que o meu pai desejara para você: é como se ele ainda estivesse um pouco entre nós.

Deu-lhe a acolada segundo o costume local.

— Agora vou deixá-lo continuar sozinho. Não seria bom eu saber muito. Esse também era o desejo de Setni.

Sam estava dividido entre a emoção e o medo de partir novamente para um mundo desconhecido.

— Ele... ele não lhe disse realmente mais nada? Quer dizer... Não tenho muita certeza de que vou conseguir voltar pra casa, gostaria muito, verdade, mas ignoro como fazer.

Ahmuisis olhou para ele com uma expressão de surpresa. Refletiu então, antes de declarar:

— Sei muito menos que você, Sem. Ou será que... Uma vez meu pai viajou e ficou fora por um longo tempo. Dias e dias. Minha mãe até se perguntava se não lhe acontecera uma desgraça. Quando ele finalmente voltou, estava magro e cansado. Porém, sorria. Beijou-nos a todos carinhosamente: "Um de vocês pensou em mim tão intensamente", repetia ele, "que me guiou no caminho de volta." Não se explicou mais, infelizmente! Possa Amon-Rá lhe mostrar o caminho agora.

Sam pegou o archote que Ahmuisis preparara para ele e penetrou no túmulo de Setni. A escuridão fazia bem aos seus olhos. Desceu correndo duas escadas, percorreu as galerias tão magnificamente ornamentadas, evitou o primeiro poço e chegou à escada de corda. Ali, jogou seu archote pelo buraco e desceu até o fundo da sala. Esta era ainda mais bela que as outras, inteiramente folheada a ouro, com

inúmeras representações do deus Thot. Adornos, cadeiras, banquinhos, estatuetas, cestas, jarras já estavam instalados para acompanhar o defunto em sua derradeira viagem.

Sam examinou o enorme bloco de pedra no meio do recinto, onde dali a pouco o sarcófago seria colocado. Na base estava esculpida uma figura, um sol e seis raios compridíssimos apontando para baixo. A versão egípcia da pedra esculpida...

Sua respiração ficou acelerada: queria acabar com aquilo o mais rápido possível. Pegou o escaravelho com a mão e achou-o quase quente. Aproximou-se do disco solar, depois improvisou uma expressão de reza:

— Espero que alguém esteja pensando em mim! Espero que alguém esteja pensando em mim!

IX

Conselho de família

O fogo cessou progressivamente de lhe queimar o corpo e um grito estridente ressoou a alguns metros dele:

— Samuel?

Reconheceu o pó de cimento sob seus dedos e o cheiro característico de papel velho.

— Samuel?

O porão... Estava de volta!

Foi tomado por uma sensação confusa, um misto de emoção e enjôo. Desabou no chão, tossindo e chorando ao mesmo tempo.

— Sammy!

Uma mão tocou o seu ombro.

— Sammy!

Era a mão de Lili. Nunca em seus sonhos mais loucos teria imaginado ficar tão contente ao rever a prima!

— Lili! Era... era você que estava pensando em mim? — gaguejou entre dois soluços.

— Sammy, como é que você...?

Seus olhos estavam arregalados de surpresa e sua boca formava um esquisito.

— Sammy, como é que você...?

Ele tinha a impressão de que ela também repetia duas vezes cada coisa, suas perguntas e mímicas esbaforidas.

— Não precisa repetir, Lili, estou ouvindo bem!

Ela o ajudou a se levantar e o amparou até a cama repetindo cada um de seus gestos — esticava o braço para ele, depois o retirava, depois voltava a esticá-lo —, e Sam precisou de uns bons minutos para constatar que era vítima de uma ilusão: cada movimento lhe chegava duplicado por uma espécie de eco, como um grito num quarto vazio e reproduzido pelas paredes. Seus saltos no tempo deviam ter alterado sua percepção das coisas, daí aquela sensação de repetição e de *déjà-vu*.

Depois de se sentar por um momento, entretanto, o efeito pareceu se atenuar. Lili estava de joelhos e o observava, o rosto abatido:

— Mas, afinal, Sammy, onde você estava? Como chegou? Não tinha ninguém aqui, eu estava absolutamente sozinha!

Sam esfregou o rosto para se certificar de que não sonhava. Mas não: o porão, a caminha dobrável, a lâmparina... Deu-se conta então de que continuava de tanga e que seus jeans e sua camiseta de antes estavam dobrados sobre o travesseiro. Não entendia nada a não ser que estava realmente de volta em casa.

— Que dia... que dia é hoje?

— Domingo — respondeu Lili consultando seu relógio. — Precisamente domingo, 6 de junho, 17h12.

Domingo! Um dia apenas depois do sábado! Então ele tinha partido há menos de uma semana!

— Vai me explicar, Sammy, sim ou não? Todo mundo está atrás de você desde ontem a noite! Vovó está subindo pelas paredes! Avisaram até a polícia! Acharam que você tinha fugido, sei lá!

— A polícia... — articulou Sam. — E papai? Lili hesitou antes de responder.

— Nenhuma notícia do seu pai — confessou finalmente. — Bom, se quiser, descanse aqui, vou chamar a vovó, ela vem nos pegar de carro e...

— Não, Lili, espere. Vovó não... Polícia não... Ouça primeiro.

E começou a lhe contar. Um fluxo de palavras, irreprimível, como liberando uma torrente há muito represada. Falava, falava sem parar...

Como descobrira a pedra esculpida atrás da tapeçaria, como ela o conduzira a lona, sua descoberta do mosteiro, os vikings, sua fuga, a aldeia destruída de Fleury, os bombardeios, o major Chartrel, como ele se achara depois no túmulo de Setni, a aldeia de Set-Maat, o Palácio dos Milhões de Anos etc.

Lili olhava para ele boquiaberta soltando exclamações estupefatas de vez em quando — "hieróglifos?" — ou entusiastas — "irado!".

O que animava Sam é que ela não parecia achar que ele estava completamente alucinado.

— O Palácio dos Milhões de Anos? — ela perguntou quando ele terminou. — Por acaso você leu isso?

Apontou para o grande livro vermelho de capa grossa que ele notara na véspera ao pé da cama.

— Aqui — mostrou.

O livro estava aberto num capítulo intitulado Tebas, a cidade das cem portas". Uma gravura um pouco sumida representava o templo de Ramsés — Ramsés III, aprendeu Samuel na ocasião — tal como devia ser no início do século passado: em ruínas, em parte soterrado na areia, seu recinto gigantesco e suas colunas como restos de ossos após três mil anos de abandono.

— Eu estava lá — suspirou Sam... — Eu estava lá! Acredita em mim?

Lili fitou-o intensamente:

— Não sei onde você conseguiu arranjar calção e sandálias tão na moda! Todas as suas roupas estavam no chão, ali, fui eu que as arrumei na cama. E havia essa moeda...

Ela lhe estendeu a moeda furada com as inscrições árabes, a que possibilitara sua primeira viagem.

— Estava perto da pedra esculpida, como você diz... Samuel balançou lentamente a cabeça. Diversas emoções contraditórias o atormentavam.

— Então acredita em mim?

— Claro que acredito em você, Sammy! Sou sua prima, não sou? E você ainda não viu tudo! Olhe!

Ela virou rapidamente as páginas do livro vermelho à sua frente: 70, 72, 74... *Todas as páginas duplas eram iguais!* Cem vezes, duzentas vezes "Tebas, a cidade das cem portas!" A mesma gravura do Templo dos Milhões de Anos, o mesmo texto sobre Ramsés III! Como se fosse um inacreditável erro de impressão!

— Mas não havia nada disso ontem! — exclamou Sam. — Quando abri, ele falava de um tal de Vlad Tepes, um tirano sanguinário da Maláquia ou da Valáquia, não lembro mais.

— O livro *todo*?

— Não, enfim... não sei. Olhei apenas uma página.

— Então não pode afirmar que não eram todas idênticas ontem também?

— Não prestei muita atenção, eu tinha acabado de descobrir o depósito... E você — pensou de repente —, como é que você está aqui?

Lili empinou o nariz petulante — bem a cara da Lili que ele conhecia

— e jogou os cabelos para trás num gesto displicente.

— O vovô avisou aos policiais esta manhã e teve que acompanhá-los até a livraria. As chaves ainda estavam na porta e sua mochila em frente à escada. Eles especularam que você havia fugido ou que tinha ido para a casa de um colega. Mas eu achei isso bizarro, já que colegas você tem poucos e, se tivesse pretendido fugir, não teria abandonado a mochila nem deixado a livraria aberta... Quanto a um seqüestro, imagino que os raptores tivessem preferido outras coisas: aqui está abarrotado de livros antigos que valem dinheiro. Ora, ao que parece nada foi roubado. Então matutei que, de uma maneira ou de outra, você continuava na casa. E, como sua mochila estava perto do porão, achei que devia começar por aqui.

Samuel não pôde conter um assobio de admiração:

— Fiuu!

— O problema é que a minha mãe veio com o meu padrasto ontem à noite e o imbecil insistiu para passar a noite na casa da vovó. Supostamente o cavalheiro sou-mais-esperto-que-todo-mundo queria "nos apoiar nesses momentos difíceis, já que somos uma verdadeira família". Como se precisassem dele! — resmungou. — Resumindo, eu não tinha nenhuma intenção de escutá-lo bancando o bonzinho o dia inteiro com a mamãe aplaudindo atrás dele... Eu disse que ia até a casa da Jeniffer esta tarde, peguei suas chaves e vim verificar a coisa eu mesma.

Neste ponto ela o deixou com a cara no chão!

— Você fez isso por mim!

— Por você, por você — defendeu-se —, não exagere! Pelo vovô e pela vovó, principalmente. Se você visse o ambiente lá em casa! Aliás — disse ela consultando seu relógio —, é melhor a gente voltar. Os policiais virão fazer uma perícia na pedra amanhã e vão acabar entendendo tudo.

— Claro que não! — declarou Sam. — Se você mandar uma equipe da polícia aqui, eles vão confiscar tudo, a moeda, o livro, e levarão a pedra para analisar no laboratório. Meu pai nunca mais vai voltar.

— Quê?

— Vamos, Lili, não entendeu? É o meu pai o artífice de tudo isso...

Foi para lá que ele partiu, para não sei que época! Se por acaso alguém danificar a pedra ou confiscá-la, ele permanecerá bloqueado a séculos daqui! Foi por isso que ele a escondeu tão bem!

— Você acha?

— Óbvio! Não podemos contar isso em hipótese alguma!

— Nem ao vovô e à vovó?

— Isso os deixaria mais desesperados. Ainda mais que ninguém pode ajudá-lo. Isto é, aqui, na nossa época... Temos que torcer para que ele volte e, o principal, não tocar na pedra. É uma questão de vida ou morte, percebe?

Seu tom era veemente e Lili pareceu hesitar. Uma música animada ressoou nesse instante do outro lado do pano: a melodia do "Garoto da praia", em uma versão para celular.

— É para mim!

Lili se precipitou para a porta. Pegou numa grande bolsa cor-de-rosa um telefone novinho em folha que piscava tudo que podia.

— Alô? Ok... Tudo bem, mamãe. Não... continuo na casa da Jennifer, aqui. É, não se preocupe, vou voltar... Em vinte minutos? Combinado...

— É tão bonito quanto barulhento — zombou Sam. Lili deu de ombros.

— Não estou pedindo para gostar. Meu padrasto trouxe um celular novo de Cingapura para mim. Top do top, parece: internet, câmera, jogos...

Mas se ele acha que vai me comprar com essas besteiras, pode desistir!

— E sua mãe?

— Quer que eu volte para casa. Que vamos dizer a ela?

— Que acabamos de nos encontrar perto de casa.

— Mas... e você?

— Invento alguma coisa. Não pode ser pior que os vikings, não acha?

Sam mediu com os olhos a bolsa de Lili.

— Acha que podemos guardar o livro aí dentro?

Incrível o gosto dos bolinhos de queijo! E do amendoim... E do refrigerante! Não bebia refrigerante há uma eternidade! Bem melhor que a cerveja!

— Parece que você não comeu nada o dia inteiro — sorriu sua avó, fungando.

Estava sentada na cadeira ao seu lado e não conseguiu deixar de passar o braço em volta do seu ombro.

— Ficamos com tanto medo!

— Você podia muito bem ter avisado — incitou tia Evelyn de mau humor. — Você imagina a preocupação que causou a seus avós?

Samuel mantinha a cabeça baixa e engolia sem uma palavra os bolinhos de queijo tão crocantes e os amendoins tão deliciosamente salgados. As virtudes do silêncio!

Em volta da mesa, estavam também seu avô, olhos perdidos no teto, e Rudolf, o padrasto de Lili. Padrasto, aliás, era um eufemismo, pois ele e Evelyn não eram casados. Começaram a sair muito discretamente há alguns anos, depois, mais oficialmente, há sete ou oito meses. Sam não gostava muito da tia Evelyn. Na época em que moravam no casarão de Bel-Air, ela os visitava freqüentemente, sobretudo para se queixar e lamuriar. Sam lembrava-se de conversas chorosas em que ela se compadecia do seu destino e criticava seu irmão Allan por não entender como era difícil criar uma filha sozinha. Em seguida, Evelyn conheceu Rudolf e mudara: chorava menos, mas gritava mais. Quando seu irmão perdeu a mulher, ela chegou ao cúmulo de querer mandar nele: você não deve vender a casa de Bel-Air, você

não deve comprar uma livraria, você não deve se vestir de preto, você não deve mudar seu filho de escola, você não deve colocá-lo no judô, mas no hóquei etc.

Quanto a Rudolf, não aparecia nunca. Tinha um negócio de importações e exportações e viajava de um continente para outro. Paralelamente, ganhava muito dinheiro, não perdendo uma oportunidade de presentear Lili com os objetos mais caros. Sem, no entanto, conseguir amaciá-la: Lili considerava-o um cretino pretensioso que lhe roubava a mãe levando-a para os quatro cantos do mundo. Samuel, por sua vez, não tinha opinião formada: era a primeira vez que se sentava com Rudolf em volta de uma mesa.

— E o que fez nesses dois dias? — atacou tia Evelyn.

— Passei — respondeu Sam.

— Passeou? Está querendo zombar de quem? Sua avó estava aqui arrancando os cabelos e você foi passear?

— Não seja tão dura — interveio sua avó. — Você sabe muito bem que Sammy está um pouco desorientado. Allan não dá notícias há dez dias e não é fácil para ele.

— Ora — replicou a tia Evelyn com um trejeito carregado de segundas intenções —, se me tivessem escutado, ele já estaria num psiquiatra há um bom tempo. Não é normal viver como um urso, no meio de livros, remoendo velhas recordações. Como quer que Samuel não vire uma dor de cabeça depois disso?

O Samuel em questão decidiu não dar bola. Na realidade, estava se lixando para a tia Evelyn. Já para o saquinho de amendoins, em compensação...

— E onde você dormiu?

— Na estação — mentiu Sam.

— Na estação? Mas poderia ter sido agredido!

— Na garagem tinha um trem com as portas entreabertas. Me enfiei dentro dele.

— Como assim, um trem? — perguntou Rudolf num tom enfático. Samuel observou-o. Era uns dez anos mais velho que Evelyn, as têmporas grisalhas, o maxilar quadrado, o tipo do homem de negócios superbronzado, terno e um relógio dez vezes o salário de um operário. O pior de tudo é que não parecia acreditar na versão de Sam.

— Um trem normal, com bancos e janelas — ele disse.

— Na garagem, hein? No entanto me parece que a Prefeitura mantém guardas na garagem.. Por causa das depredações do ano passado. Não tem medo de cachorro?

— Sempre sonhei ter um — replicou Sam num tom de desafio.

— Chega! Estão ouvindo esse insolente? — explodiu Evelyn. — Estão ouvindo como ele fala com Rudolf? É isso que dá não pôr rédeas no filho!

— Não esquentá, querida — disse Rudolf, dando uma de fidalgo —, não é culpa dele. O que ele precisa é de mais rigor, mais autoridade. Allan nunca pensou num internato? Conheço um excelente nos Estados Unidos, que recebe crianças difíceis ou um pouco abiloladas. Elas passam por um estágio de dois anos de recuperação e, acredite em mim, depois entram na linha.

Sam levantou-se ruidosamente da cadeira.

— Com licença, vou me deitar. Dormir no banco de um trem não é nadinha confortável.

Rudolf agarrou seu pulso na passagem e examinou as marcas no seu braço.

— Um gênio o nosso Sam, hein? — exclamou ele.

— E esses arranhões aqui, brigou com alguém?

Samuel se desvencilhou secamente. Bem que lhe deu vontade de dizer que se arranhara nos arbustos do templo de Ramsés, mas não tinha muita certeza se Rudolf ia gostar.

— Tinha um gato no vagão — arriscou.

Rudolf não desgrudava os olhos dele e Sam leu alguma coisa de hostil em sua fisionomia. Aquele sujeito não era apenas um cretino pretensioso, era também um cretino perigoso.

— Será que por acaso você não se drogou, Sammy? — perguntou. — Porque, se fosse esse o caso, isso explicaria muitas coisas...

— É gentil da sua parte se interessar por mim, Rudolf. Mas fique tranqüilo, já tenho pai para isso.

Saiu da sala num silêncio elétrico. Quando ele estava entrando no quarto, Evelyn perdeu novamente as estribeiras:

— Ora, papai, viu esse pirralho? E você não diz nada? Esse pirralho deve ser uma péssima influência para Lili!

— Evelyn, minha querida — suspirou o avô sem paciência —, você nunca vai entender nada de criança.

Samuel bateu a porta para não ouvir a seqüência. Ainda que estivesse se lixando para o que tia Evelyn dizia: havia coisa mais importante.

Hesitou em dormir logo — estava caindo de cansaço —, acabou pegando um CD do Linkin Park e instalou o fone nos ouvidos diante do seu computador. Em outras circunstâncias, teria entrado no seu site favorito da internet para jogar Counter Strike. Uma hora inteira dando tiros para tudo que é lado sobre hordas de terroristas, nada mais relaxante... Mas estava sem vontade de jogar naquela noite. O que sentia mesmo era uma necessidade urgente de reatar laços com aqueles mundos que visitara. Certificar-se de que haviam restado vestígios, que estes um dia haviam sido bem reais e não apenas produto da sua imaginação.

Digitou "Tebas" no seu provedor de busca, depois "Setni", depois "Ahmuisis". Apareceram fotos, as da cidade nos dias de hoje, vestígios dos palácios na margem ocidental do Nilo, da aldeia dos operários em ruínas — era de chorar —, aquele penhasco ocre cheio de tumbas. Sobre Setni e Ahmuisis, não descobriu nada de definitivo, a não ser uma velha lenda egípcia: segundo a tradição, Setni era um feiticeiro que um dia roubara o Grande Livro de Magia do deus Thot, desencadeando com isso uma série de dramas. Tratava-se do mesmo Setni? A aproximação era tentadora, claro.

Tentou em seguida "forte de Souville + Primeira Guerra Mundial" e encontrou um resumo bem completo da batalha de Verdun em 1916. Os combates haviam sido intensos na região durante meses, causando centenas de milhares de mortos. Quanto à aldeia de Fleury, havia sido um dos lugares mais disputados do front antes de ser pura e simplesmente riscada do mapa. Samuel ficou arrepiado: a internet, à sua maneira, também era uma máquina de voltar no tempo.

Mas foi nos sites dedicados à ilha de Iona que teve o maior choque. Depois de tatear um pouco para reconstituir a história de Colum-Chill, topou com imagens da ilha tal e qual ele a conhecera: o matagal, as muretas de pedra, o céu cambiante... E não foi só isso, ao clicar numa série de links, conseguiu extraordinárias imagens da coleção de Evangelhos que Espichado lhe mostrara no *scriptorium*! A mesma letra, as mesmas figuras, as mesmas cores! Lendo o texto que acompanhava as reproduções, Samuel começou a chorar de verdade: "Uma das hipóteses", afirmava o comentário, "sugere que o manuscrito, um dos mais belos remanescentes da Idade Média, foi iniciado por volta do ano 800 pelos monges da abadia de Iona. Após um ataque arrasador dos vikings, teria sido milagrosamente salvo e transportado para a Irlanda, onde outros monges o terminaram."

Samuel não conseguiu não deixar de rir e soluçar ao mesmo tempo. O milagre tinha sido ele!

X

Álbum de recortes

Felizmente as férias estavam chegando: bastou um único dia de aula, para Samuel ficar subindo pelas paredes. Os aborrecimentos haviam começado às 7h30, quando percebeu que a pilha de exercícios de matemática que ele vinha embromando para fazer desde a semana anterior tinha que ser entregue naquela segunda-feira. Seu plano inicial era dedicar o domingo a isso, mas lá onde ele passara o fim de semana ainda não haviam inventado a máquina de calcular...

Ora, a Sra. Cubert era dotada de um sexto sentido para essas coisas. Primeiro avaliara a classe no seu conjunto, o focinho para cima como um cão à espreita — farejou um cheiro de dever não feito —, então, segura do que fazia, apontara o dedo para Sam:

— Senhor Faulkner, venha nos demonstrar, por favor, por que a regularidade no esforço é o fundamento de todo progresso matemático.

Ela adorava essas fórmulas obscuras que faziam você hesitar entre ficar estático na carteira ou correr imediatamente para o quadro-negro. Visivelmente, para Sam, tratava-se de ir ao quadro-negro. Levantou-se sem entusiasmo.

— Não está com as suas folhas, Faulkner? Coragem ou temeridade? Ele pegou uma página rabiscada do seu fichário enquanto Harold, seu vizinho, lhe sussurrava:

— Vamos mandar a ambulância para você, Sam. Não se preocupe, eu aviso sua família!

Sam passou realmente um dos piores quinze minutos da sua vida, lutando com o giz na mão contra uma série de equações complicadas e contra a chuva de gotas de saliva que lhe despejava a vociferante Sra. Cubert. Com um capacete de visara e uma espada de um metro e meio, ela teria dado um excelente viking. A verdade é que, após ter dado mostras da extensão da sua ignorância, Samuel foi se sentar com um D no bolso e três exercícios extras.

No recreio, Harold o chamou à parte:

— E então, seu pai voltou?

— Não — respondeu Sam apertando os maxilares. Ardia de vontade de lhe contar tudo, mas um pequeno alarme soou na sua cabeça: "Se fizer isso, sabe o risco que está correndo... E se Harold não acreditar na

sua história vai zoar você até o fim do ano. É isso que você quer?" Mais uma vez, coagido e forçado, refugiou-se nas virtudes do silêncio. De toda forma, Harold já mudara de assunto:

— Não pôde ir à festa da Maddy, no sábado?

— Ahn... não...

— Ela perguntou se você estava doente...

— Ah...

Maddy era uma menina da sua sala que estava na cola dele desde o início do ano. Samuel a achava bonita e simpática, mas, como dizer... não gostava dela. Para ser franco, tinha inclusive um problema com isso. Na época em que morava no bairro de Bel-Air, era unha e carne com Alicia Todds, sua vizinha. Na época — tinham 10 ou 11 anos — estavam sempre juntos e de vez em quando passavam as férias na casa que os Todds possuíam à beira-mar. Alicia era uma graça de lourinha, com grandes olhos azuis, a pele bem clara e a boca risonha, e estava sempre aprontando alguma com alguém. Uma vez, por exemplo, um entregador de pizzas se apresentara um dia na porta do velho — e rabugento — Sr. Roger, com sete "anchovas com bacon", sete "calabresas" e sete latinhas de cerveja que ele nunca pediu. Alicia immortalizara aquele instante com sua câmera descartável, o que, um pouco mais tarde — com a descoberta da foto —, obrigou-a a ter que se desculpar da maneira mais bizarra do mundo diante de todos os garçons da pizzaria de Bel-Air. Onde, ainda assim, conseguiu ganhar um sorvete do dono, pois ninguém resistia ao charme de Alicia Todds...

Quando a mãe de Sam morreu, infelizmente, tudo virou de pernas para o ar. Samuel se recolhera em si mesmo e quase desistiu de falar com Alicia de novo. Como se a página dos bons momentos estivesse virada e qualquer alegria nova fosse um insulto à memória da sua mãe. Nada devia distraí-lo do seu imenso sofrimento... Era o fim dos lanchinhos, das voltas cúmplices da escola, das guerras de travesseiro no sábado à noite, das temporadas na praia. Era o fim de tudo. Nos meses que se seguiram, os Faulkner se mudaram, Sam foi para outro colégio e Alicia saiu da sua vida.

Mas não do seu coração.

Quantas vezes não sentira vontade de voltar a Bel-Air? De bater na porta dela, dizer-lhe como se sentia culpado, que se odiava por tê-la feito sofrer? Mas nunca se atrevera. Além do mais, já haviam se passado quase três anos... De vez em quando, Samuel avistava Alicia no centro da cidade. Ela se transformara numa autêntica adolescente: magra, esguia, os cabelos louros emoldurando o rosto delicado, elegante, o andar felino... Quando passava por ela, sentia uma punhalada no coração. Por duas ou três vezes, Sam discara o número dos Todds, mas não tivera coragem de deixar tocar. Se ela às vezes ainda se lembrava dele, provavelmente devia xingá-lo. E depois, ela estava tão diferente agora!

— Samuel, está me ouvindo?

— Hein?

— Você parece nas nuvens, o Simon saiu com a Maddy...

— É?

O fim do recreio dispensou Sam de explicar a Harold por que estava com a cabeça nas nuvens. Porém, Maverick, o professor de ciências, tratou de colocá-la de novo nos seus ombros ao entregar o último boletim do ano, no qual Sam não conseguira mais que um medíocre C-. Suas chances de passar de ano estariam comprometidas? Era bem possível. Naqueles dez dias que seu pai desaparecera, ele não trabalhara muito, e agora a conta lhe chegava na forma de um bando de notas não muito bonitas. E sem possibilidade de recuperação, evidentemente.

Com o canto do olho, percebeu Maddy e Simon, que, a duas fileiras dali, davam-se discretamente as mãos por baixo da mesa. Maddy e Simon...

A festa de sábado... De maneira incompreensível, Sam sentiu subir uma baforada de ciúme: essas coisas nunca aconteciam com ele!

Sem refletir, levantou o dedo, meio que para se mostrar para Maddy.

— Desculpe, senhor, posso lhe fazer uma pergunta? Não tem muito a ver com a aula, mas...

— Continue, Faulkner.

— É possível voltar no tempo?

Todos os alunos observaram Sam imaginando que bicho o mordera. Até Maddy soltou a mão de Simon.

— Muito bem, Faulkner, é uma pergunta interessante... E que realmente não tem nada a ver com o capítulo do dia!

Houve diversas risadas.

— Para encurtar, digamos que teoricamente voltar no tempo não é impossível. Pelo menos para as partículas... Vamos imaginar que você estivesse na Terra e seu vizinho Harold em Marte. Se você lhe enviasse um sinal luminoso suficientemente possante às onze horas da manhã, seria preciso cerca de vinte e cinco minutos para esse sinal chegar a Marte. Logo, às 11h05, podemos considerar que esse sinal pertence ao seu passado há cinco minutos, ao passo que continua a fazer parte do futuro do seu vizinho —

que, por sua vez, ainda terá de esperar vinte minutos para recebê-lo. O que nos demonstra, entre outras coisas, que o tempo é uma coisa relativa: o presente, o passado e o futuro não são os mesmos para cada um de nós, dependendo do que somos e do lugar onde estamos. Bem. Agora vamos supor, Faulkner, que você dispusesse de um foguete que viajasse duas vezes mais rápido que seu sinal luminoso. Decolando da Terra às 11h05, você tem uma boa probabilidade de alcançar seu sinal por volta das 11h10. Em outras palavras, às 11h10, *você terá alcançado seu passado!* E, de certa maneira, terá voltado no tempo... Em todo caso, o princípio é esse. Falta só construir um foguete capaz de viajar mais rápido que o sinal luminoso, isto é, mais rápido que a própria velocidade da luz. Que é, como você sabe, a velocidade mais rápida que conhecemos no universo. Na prática, o experimento é impossível. Em outras palavras, Faulkner, creio que, como não pode voltar para a semana passada, você vai ser obrigado a se contentar com a sua nota!

Samuel concordou, ainda que não tivesse entendido todos os detalhes. Sobretudo, evitou confessar a Maverick que o foguete em questão estava no porão da livraria do seu pai e que se parecia com uma máquina de amendoins pré-histórica!

Depois do recreio, Samuel pôde desfrutar de duas horas de trégua graças à aula de artes plásticas da Srta. Delaunay. Enfim, um assunto com o qual ele se sentia à vontade, com a sensação de realizar alguma coisa que realmente tinha a ver com ele... Desenhar uma árvore numa tela, sentir as folhas se mexerem sob sua copa, ver a casca engrossar com pequenas pinceladas, as tintas, viscosas e brilhantes, darem vida repentina à matéria, eis o que o deixava feliz!

— Nada mau — avaliou a Srta. Delaunay. — Acrescente uma gota de terebintina, a tela ficará mais fácil de trabalhar. Mas você tem talento!

O único elogio do dia, sério.

No horário seguinte, a aula de literatura foi apenas uma longa série de observações tediosas em torno de um poema completamente estúpido. A cabeça de Samuel parecia um caldeirão e ele rezava para que aquilo terminasse o mais rápido possível — para que o cara do poema, por exemplo, em vez de chorar ao longo de não sei quantos versos pela amada, fosse arejar a cuca no cinema ou no boliche.

Quando finalmente o sinal tocou, ele pegou seu skate e correu para a saída. Ar, oxigênio! Chega de parede, de janela! Chega de Simon, de Maddy!

Deslizou pela calçada em direção ao ponto de ônibus sem prestar atenção aos colegas que o cumprimentavam. Necessidade de ficar sozinho.

Ao virar no grande cruzamento, entretanto, começou a suar frio. Monk e dois de seus comparsas estavam apoiados no painel em frente ao ponto de ônibus. Samuel teria preferido dar meia-volta, mas Monk já estava em cima dele.

— Faulkner! — latiu, pulando com espantosa agilidade. — Seu frangotet.

Sua mão, na qual cabiam duas de Samuel, fechou-se em volta dele como um torno.

— Estava esperando por você, Faulkner!

— Você es-es... estava me esperando? — gaguejou Sam.

— Está com meus 20 dólares?

— Seus o quê?

— Meus 20 dólares... Para pagar as placas de circuito impresso do outro dia?

— Ah, não, mas...

Samuel espreitava com o canto do olho o enorme punho de Monk, que se fechara brutalmente e dava todos os sinais de impaciência. Seus dois comparsas examinavam Sam deliciados, esperando o momento em que a massa de cartilagens e de carne fosse lhe achatar o nariz.

— Então, como lhe disse outro dia, você vai me pagar com os seus dentes...

Nenhum passante fazia menção de parar e os que aguardavam o ônibus estavam mergulhados nos jornais.

— Monk! — atreveu-se Sam. — Você... você não vai fazer isso, não é mesmo? Pense na competição de sábado! Se mestre Yaku souber que você me esmigalhou os ossos fora do tatame...

— Por acaso pretende contar para ele? — desafiou-o Monk, ainda mais ameaçador.

— Não, mas vamos admitir que eu não possa comparecer e que falte. Em virtude... enfim, você entende, de um acidente inesperado! Ele vai me pedir explicações e... Sabe o que mestre Yaku fica repetindo o tempo todo? "Violência gratuita, nunca, exerça-a no tatame!"

Samuel não tinha muita certeza de que aquilo fosse funcionar, mas não tinha nenhuma outra carta na manga. E depois Monk manifestava sempre uma admiração sem limites por mestre Yaku.

— No tatame, hein? — fizeram seus dois grossos lábios com uma ligeira hesitação.

Seu poderoso punho relaxou por um instante e um fulgor astucioso brilhou em seu olhar.

— Ok, frangote. Então temos um encontro sábado, no torneio. Vou esmagá-lo como um mosquito na frente de todo mundo. E trate de estar lá, senão...

Esboçou um gesto significando que o quebraria em dois como um caniço de bambu.

— Claro que vou! — respondeu Sam num tom fingidamente entusiasmado. — Eu não perderia isso por nada no mundo.

Monk ajeitou a camiseta dele com uma solicitude suspeita, como se fizesse questão de manter sua vítima intacta até o dia do sacrifício.

— Então até sábado, Faulkner, e não tente me enrolar...

— Claro que não, Monk!

Em seu íntimo, a intenção de Samuel era pegar um avião para o Pólo Norte.

— Alguma coisa errada, Sam? Você está tão pálido...

Seu avô acabara de se sentar diante dele na cozinha, enquanto ele mordia sem entusiasmo seu segundo cookie.

— Pois é...

— Está preocupado com seu pai, não é? É normal, mas acho que não devemos nos precipitar. Ele já desapareceu antes.

— Dois ou três dias — replicou Sam —, nunca 12!

— Não estou falando dos últimos tempos. Estou falando de antes, quando você nem tinha nascido...

Samuel engoliu tudo de uma vez.

— Isso aconteceu antes do meu nascimento?

— Sim, há uns vinte anos, quando Allan ainda estava na faculdade de história. Uma vez, num verão, partiu para um estágio de três meses no Egito. Com um arqueólogo famoso, o professor Chamblin, ou Chamberlain, não sei mais.

Seu avô tentou sorrir como se contasse apenas uma história banal. Mas Sam pressentia que havia alguma coisa por trás daquilo. Escavações no Egito, não podia ser uma simples coincidência...

— Você sabe que seu pai sempre foi um colecionador: ele preservou um álbum inteiro, lá em cima, com anotações e matérias da imprensa. Eu mesmo recortei algumas dessas notícias, acho.

— Lá em cima? No sótão?

— É, sua avó deve ter guardado num dos baús estropiados dela. Ela também não joga nada fora.

— E o que aconteceu exatamente?

— Exatamente eu não saberia dizer. Exceto que durante as escavações eles fizeram algumas descobertas. Túmulos, objetos sagrados...

Basta você ler as reportagens, caso se interesse. Mas isso não é o principal. O principal é que no início do estágio seu pai nos telefonava regularmente. Depois, de repente, não deu mais sinal de vida. Sumiu do mapa, de um dia para o outro! Pode imaginar a angústia da sua avó! Podia ter acontecido qualquer coisa! Depois de muita luta, consegui o número do acampamento. E lá me disseram que ele tinha desaparecido... A equipe toda estava convencida de que ele achara as escavações um trabalho muito pesado e voltara para casa. Aliás, não completamente sozinho, com um outro rapaz da idade dele, que também fazia o estágio. Só que Allan não tinha nos avisado!

Como era comum no seu avô, seu olhar se perdeu em algum lugar no teto. Na realidade, ele falava ao mesmo tempo sozinho e com Sam:

— Isso durou umas duas semanas, duas semanas terríveis. Depois, uma manhã, Allan telefonou. Suas explicações não eram claras, dava a entender que viajara pelo deserto, que nem sempre era fácil telefonar. Mas que voltara para o estágio para o restante das escavações. E então, cinco ou seis dias mais tarde, repeteco, nenhuma notícia! Durante dois meses foi assim: uma semana ele estava lá, na outra desaparecia, na seguinte voltava etc. Quase fomos até lá, tamanho era o nosso desespero! Mas com a mercearia, claro, não era possível.

Samuel, por sua vez, via muito bem o tipo de "viagem" que seu pai fizera!

— Resumindo, ele voltou em outubro — concluiu seu avô.

— Soube o que aconteceu?

O avô abaixou os olhos em direção a Sam como se descesse do teto.

— Absolutamente nada, pois, imagine você, ele estava acabado. Contraíra um vírus raríssimo que lhe custou dez quilos e alguns tufo de cabelo. Ficou um mês de quarentena numa unidade para tratamento de doenças exóticas.

"Doenças *antigas*", retificou Sam interiormente.

— Depois disso, sinceramente, sua avó e eu não tivemos mais coragem de interrogá-lo. Ele estava curado, estava conosco, era o principal.

— E depois, houve outros desaparecimentos desse tipo?

— Não que eu soubesse. Ou então insignificantes... Dois anos mais tarde, ele conheceu sua mãe e isso o deixou mais sossegado. Um pouco depois eles se casaram e você nasceu.

— Papai nunca tinha me contado isso — disse Sam obrigando-se a terminar seu copo de suco de laranja.
— Posso dar uma pesquisada nesse álbum, então?

— Se não se perder em toda aquela confusão! Agora preciso buscar sua avó no clube de bridge. Podemos retomar a conversa daqui a pouco, se quiser...

Samuel não esperou o avô repetir duas vezes. Correu para o sótão e começou a explorar os baús e toda a confusão de velharias que sua avó guardava religiosamente. Móveis sem idade, roupas antigas — sobretudo um monte de aventais com "Mercearia Faulkner" estampado na frente, da época em que seus avós ainda não haviam trocado os Estados Unidos pelo Canadá —, álbuns de fotografias em preto-e-branco onde se viam a velha loja de Chicago com o pai do seu avô, brinquedos de madeira de Allan, cadernos escolares, roupas infantis, a célebre coleção de pedaços de unha e, finalmente, o álbum, identificado com um marcador de feltro preto: "Egito".

Samuel instalou-se sob a clarabóia e começou a leitura. Umhas vinte reportagens ao todo, amarelecidas e mais ou menos bem recortadas, guardadas em sacos transparentes por ordem cronológica. À primeira vista, eram trechos de diversas revistas especializadas e de um jornal egípcio em língua inglesa, *O Tempo do Cairo*.

Archeologia, abril de 1985: *Estágio de arqueologia no Egito*

O professor Chamberlain planeja uma nova campanha de escavações de junho a novembro de 1985, nas proximidades do Vale dos Reis, em Tebas. Seu objetivo: revelar novos túmulos da XXª dinastia. Se você for estudante de história, história da arte ou arqueologia e estiver livre neste verão, o professor Chamberlain o convida para se juntar à sua equipe e participar de uma aventura arqueológica da mais alta relevância (atenção! o alojamento está incluído, mas não o transporte). Envie seu currículo

e uma carta com suas pretensões para: Professor Chamberlain, 7 Lower Street, Cambridge, tel: (01223) 2589734.

Foi com esse anúncio recortado pelo seu pai que tudo deve ter começado...

O Tempo do Cairo, 21 de junho de 1985:

As esperanças do professor Chamberlain

O eminente arqueólogo inglês, que supervisiona atualmente um importante sítio de escavações na região de Tebas, diz-se confiante na possibilidade de descobrir alguns túmulos desconhecidos da XXª dinastia. "As colinas que dominam os templos de Ramsés III ou da rainha Hatchepsut estão longe de ter seus segredos desvendados", ele declarou ontem ao nosso correspondente. "Até hoje o interesse concentrou-se no Vale dos Reis e nos túmulos dos faraós. Da minha parte, acredito que as sepulturas de outros grandes personagens, bem como de pessoas do povo, têm pelo menos o mesmo a nos ensinar sobre a vida e os costumes da época."

Samuel pulou cinco ou seis matérias que discorriam sobre o mesmo tema para chegar nesta:

O Tempo do Cairo, 20 de agosto de 1985:

Um túmulo de sacerdote descoberto em Tebas Do nosso enviado especial

Ontem, às 17 horas, o professor Chamberlain e sua equipe conseguiram penetrar pela primeira vez num túmulo ricamente decorado que teria pertencido a um sacerdote de Amon da XXª dinastia (há cerca de 3.200 anos). Após um mês de buscas no sítio de Tebas-oeste, eles finalmente conseguiram abrir uma passagem dando para a galeria principal da sepultura. "Um esplendor", comentou o arqueólogo inglês, que não quer todavia correr nenhum risco e decidiu não apressar as escavações: "Vamos levar duas semanas para chegar até a câmara funerária a fim de evitar qualquer degradação. Em vista do estado das primeiras salas, tenho grandes esperanças de que o conjunto da sepultura esteja intacto e que o túmulo tenha sido poupado pelos saqueadores." Nossa torcida é para que o professor Chamberlain descubra tantas maravilhas quanto outrora Howard Carter ao abrir o túmulo de Tutancâmon!

Nas duas semanas seguintes, diversos semanários repercutiram a descoberta, mas novamente era O Tempo do Cairo que dava mais detalhes:

O Tempo do Cairo, 14 de agosto de 1985:

Exclusivo! Os mistérios do sacerdote Setni!

Como sugerimos em nossas edições anteriores, o professor Chamberlain e alguns colaboradores conseguiram finalmente ter acesso à câmara funerária do sumo sacerdote Setni. Depois de diversos trabalhos de desobstrução e do levantamento das inscrições que permitiram estabelecer a identidade do proprietário do túmulo, parece que...

Samuel leu avidamente a descrição da sala funerária, quase igual à que ele visitara alguns dias antes à luz do seu archote. Ainda estava tudo lá, à exceção de um enorme sarcófago de ouro que ocupava agora o centro do recinto. Se nenhuma menção era feita à pedra esculpida, em contrapartida o jornalista se indagava sobre a natureza de alguns objetos que acompanhavam o morto:

O mais incrível continua sendo sem dúvida a presença, sob uma redoma, de uma dezena de moedas de diversas épocas: sestércios romanos, talentos gregos, libras medievais de Tours etc. Em outras palavras, moedas que só viriam a circular muitos séculos depois dos funerais do sacerdote Setni. Interrogado acerca desse mistério, o professor Chamberlain sugeriu que o túmulo talvez tivesse sido arrombado numa época mais recente, sem que os visitantes tivessem conseguido levar alguma coisa. Essas moedas teriam sido então depositadas em homenagem à memória do grande sacerdote de Amon. Essa hipótese, entretanto, está longe de ser unânime, inclusive entre os membros da equipe do professor...

A série do *Tempo do Cairo* terminava ali, como se Allan Faulkner não tivesse mais como adquiri-los. Teria sido precisamente nessa data que ele começou suas "viagens"? As reportagens seguintes, todas extraídas de publicações científicas, não traziam nenhuma informação suplementar. Exceto, talvez, uma última coluna na revista *Archeologia*:

Archeologia, outubro de 1985:

Rumores do sítio de escavações...

Rumores persistentes provenientes do sítio de escavações do professor Chamberlain, em Tebas, dão ciência do desaparecimento de diversos objetos descobertos no túmulo do sacerdote Setni (XXª

dinastia, — 3.200 anos). Dentre esses objetos, as famosas "moedas", supostamente datadas das épocas grega, romana e medieval, e portanto posteriores à sepultura em si. Vários cientistas consultados avaliaram que o caso se tratava de um trote e que o espertalhão deve ter recuperado as peças que ele mesmo introduzira, escapando assim à justiça egípcia. De toda forma, o sítio agora está sob a vigilância da polícia.

O álbum resumia-se a isso.

Teria seu pai roubado as moedas para fazer a pedra esculpida funcionar? Tudo levava a crer, naturalmente... Mas seu avô também evocara um outro estagiário, desaparecido ao mesmo tempo que ele e nas mesmas condições. Teriam os dois, por conseguinte, utilizado a pedra? Ou será que o outro estagiário era o autor dos roubos? Estava louco para saber a opinião de Lili.

XI

Nova partida

Samuel teve que esperar três dias para conversar com sua prima. Até lá, provavelmente esperando ser perdoada por suas ausências, tia Evelyn arrastara a filha um pouco por toda parte: cinema, piscina, butiques etc. Finalmente, na quinta-feira, bem depois da escola, Lili entrou no quarto de Sam, com sua mochila no ombro.

— Sinto muito, Sammy, achei que a minha mãe nunca mais ia largar do meu pé. Tenho exatamente quarenta e cinco minutos antes de ir para a aula de dança. Como você está?

Samuel se levantou para fechar a porta atrás dela e lhe mostrou o álbum que ele dissimulara com o grande livro vermelho num canto do armário. Em poucas palavras, explicou-lhe o teor das matérias e as conclusões que ele, a partir delas, deduzira sobre seu pai, o misterioso estagiário e a pedra esculpida. Lili franzia o cenho como se tentasse gravar os dados de um problema complexo.

— Procurou saber quem é esse professor Chamberlain?

— Encontrei uns dados na internet. Chamberlain era um arqueólogo bastante conhecido nos anos 1970 e 1980, mas esse caso de Tebas lhe custou caro. Alguns colegas dele levantaram a suspeita de que ele mesmo colocara as moedas no túmulo de Setni, para fazer sensacionalismo... Não sei se é verdade ou não, mas depois disso falou-se menos dele. Morreu de câncer em 1995.

— E o endereço fornecido no anúncio do estágio?

— Tentei ligar, mas o número está desativado.

— Pena — lamentou Lili —, talvez alguém pudesse nos fornecer a lista dos candidatos e...

Foi interrompida pelo toque ridículo do "Garoto da praia": *Espero que ele se comporte/ Oh! sim, o garoto da praaaia!*

— Mamãe? Voltei, pois é... Estou me arrumando. Às cinco e meia. Não, não, não vou me atrasar... Esta noite? Tudo bem, eu me viro. Ok, beijo.

Desligou, a expressão contrariada.

— Puxa vida, não sou mais criança! E como é que eu faço quando ela não está aqui?

— O que está acontecendo?

— Rudolf tem dois lugares para a ópera esta noite. Ele vai levá-la para jantar antes e não pode me levar para a aula de dança.

— Eu vou com você, se quiser...

— À aula de dança? Por que não — disse ela, lisonjeada. — Embora... Trouxe uma coisa para você da biblioteca, talvez queira ler.

— Do que se trata?

— Agora não, vamos terminar antes com os recortes. Você acha que foi em Tebas que seu pai descobriu a pedra e a usou pela primeira vez?

— Tem outra idéia?

— E ele em seguida teria parado de "viajar", como você diz, durante vinte anos?

— Lembro a você que a pedra está no fundo de um túmulo no Egito! E guardada dia e noite, pode apostar.

— Logo, ele precisou descobrir outra pedra, a da livraria, no caso. Foi inclusive por isso, provavelmente, que ele se instalou nesse bairro bizarro. Das duas uma: ou a pedra já estava aqui, ou a casa lhe permitia utilizá-la.

— Também acho — aprovou Sam, impressionado com a agilidade mental da prima.

— O que significaria — ela prosseguiu — que ele recomeçou suas viagens há dois anos, quando abriu a Livraria Faulkner. Você não se perguntou por quê?

Claro que Sam se fizera essa pergunta. E a resposta não era das mais agradáveis.

— Se partirmos do princípio de que ele está envolvido no roubo das moedas do túmulo de Setni — resmungou —, tudo é possível. Que ele use a pedra esculpida para conseguir velhos manuscritos, por exemplo. Exemplos raros e caros.

Admitir isso o magoava, mas ele percebia muito bem que apenas a verdade o ajudaria a trazer seu pai de volta.

— Penso a mesma coisa, Sammy. Ainda que, *a priori*, eu não consiga ver seu pai como um saqueador de bibliotecas. Em todo caso, por ora, vamos admitir que ele utilize a pedra para se abastecer de obras valiosas. Isso coloca pelo menos dois problemas. Por um lado, como ele faz para escolher seu destino com segurança? Pois ele não pode se atirar ao acaso! Por outro lado, como traz depois os livros para casa?

— Ele deve saber mais que nós sobre o funcionamento da pedra. Talvez exista um meio de escolher a época para a qual se deseja ir...

Lili suspirou consultando seu relógio.

— Tudo bem, vamos deixar esse ponto para mais tarde. Passemos ao livro vermelho — acrescentou com uma expressão estranha. — Você pensou no que lhe perguntei outro dia? Ou seja, se todas as páginas eram idênticas quando você o abriu pela primeira vez?

— Como eu lhe disse, com tudo que aconteceu, não prestei muita atenção. Em compensação, lembrei de outra coisa... Na ilha de Iona, na caverna onde os monges tinham escondido seus livros, havia um livreto com uma argola que continha vinte vezes a mesma página. Um desenho de ilha que poderia muito bem ter sido Iona. E isso não é tudo... Numa das salas do túmulo de Semi, percebi um maço de papiros com os mesmos sinais em todas as folhas.

— E na época da guerra? — indagou Lili.

— Lá não notei nada. Mas foi muito rápido, estava tudo destruído em volta e...

Lili sentou ao seu lado e colocou o grande livro no colo.

— Quer saber minha opinião, Sammy?

Seu olhar brilhava e Sam começava a entender por que a prima faturava a maioria dos prêmios da escola. Ela era simplesmente mais esperta que todo mundo!

— Continue...

— Acho que esse livro é o que poderíamos chamar de um "Livro do Tempo". Ele indica em que período os viajantes se encontram. Quando o descobri no porão, ele falava de Tebas e de Ramsés porque era lá que você estava. Se o tivesse examinado algumas horas antes, provavelmente estaria tratando do mosteiro de Iona ou da Primeira Guerra Mundial.

Samuel ficou impressionado com a evidência daquela dedução. Claro! O livro vermelho era uma espécie de GPS ou de bússola que apontava a época em que os "viajantes" aterrissavam! Um Livro do Tempo!

— Mas então meu pai... — começou ele.

Lili tirou da bolsa um livrinho que estampava na capa um rosto fazendo uma careta.

— O nome que você me disse domingo — ela falou —, o que você leu no livro, era realmente Vlad Tepes?

Samuel concordou e pegou com precaução o pequeno volume que ela lhe estendia. Em cima do retrato do homem da careta, havia esse título:

Vlad Tepes, vulgo Drácula, entre mito e realidade.

— Isso é... isso é uma brincadeira? — ele balbuciou, embora já soubesse a resposta.

— Passei os olhos nele voltando da escola. Vlad Tepes não tem nada de brincadeira. Foi ele que inspirou a história do Drácula. Viveu no século XV

Samuel abriu o livreto na primeira página: "Vlad Tepes, filho de Vlad Dracul, também conhecido como Vlad, o Empalador ou ainda Drácula, 1428?-1476." Seguia-se uma biografia de Vlad Tepes, ornamentada com reproduções e gravuras xerocadas. Aquilo devia ser resultado de um trabalho de aluno, pois fora digitado no computador. Nas primeiras linhas ficava-se sabendo que Vlad Tepes era príncipe da Valáquia e que suas façanhas sanguíneas haviam inspirado Bram Stoker a criar o personagem do Drácula.

— Pelo que está escrito aqui — prosseguiu Lili —, Vlad não tinha nada de vampiro. Mas era um sujeito cruel que adorava matar as pessoas e que não hesitou em massacrar seus inimigos. Daí sua reputação.

Samuel tremeu ligeiramente.

— Quando abri o livro vermelho — ele murmurou —, estava assinalado: "Crimes e castigos sob o reinado de Vlad Tepes". Você... você acha que o meu pai foi até lá?

Lili não respondeu imediatamente, mas seu silêncio era eloqüente.

— O chato — ela disse — é que depois que você voltou nada mudou no Livro do Tempo.

— Está querendo dizer...

— Estou querendo dizer que se o seu pai tivesse mudado de época, o livro provavelmente teria nos avisado: um novo capítulo teria aparecido.

A voz de Sam estava embargada.

— Na sua opinião, ele estaria preso lá?

— Isso... isso não é impossível, não acha? Você se lembra do que havia na página dupla, afora o título?

— Hum, não muita coisa... — reconheceu Sam fazendo um esforço de memória. — Eu não podia adivinhar que era tão importante! Tratava-se de torturas e crimes, mas...

— Não tinha uma ilustração?

— Tinha, agora que você está falando... Uma gravura de castelo, acho. Sim, é isso, um caminho que serpenteava por trás de um castelo.

— Então é lá que o seu pai está — Lili deixou escapar num tom lúgubre.

— Será que ele é prisioneiro de Vlad Tepes?

— A menos que estejamos enganados desde o início, há fortes chances...

Samuel sentiu lágrimas de raiva brotarem dos seus olhos e atirou violentamente o livreto em cima do travesseiro.

— Claro que nos enganamos! Não há razão alguma para o meu pai ser prisioneiro desse... desse Drácula! Aliás, se for esse o caso, o Livro do Tempo não funciona aqui. Talvez seja preciso deixá-lo por lá, ao lado da pedra.

Percebeu o celular da prima na cama e teve uma idéia.

— O Sr. Max! Max certamente tem informações!

— Max?

— Max, um vizinho da livraria. Meu pai telefonou para ele antes de desaparecer. Talvez tenha lhe contado o que pretendia fazer... Ou deixado um indício ou sei lá o quê! Vamos fazê-lo falar... Aproveitamos para passar de novo no porão, para verificar se o Livro do Tempo não está indicando coisas novas.

Samuel se levantou agarrando com autoridade o braço de Lili.

— Venha!

— Mas... e a minha aula?

— Preciso de você, Lili. Trata-se do meu pai!

A rua Barnboim estava tão alegre e animada como de costume: nenhum carro, nenhum passante, nenhum gato. Samuel apertou longamente a campainha pela terceira vez consecutiva.

— Sr. Max! Sr. Max!

— Será que ele saiu? — sugeriu Lili.

— Está maluca! Ele é surdo como uma porta, isso sim! Senhor Maaax!

A porta finalmente se abriu sobre um Max de roupão puído, bigode desalinhado e cara de sono.

— Samuel Faulkner, cabeça-de-vento! E quem é essa moça?

— É minha prima, Sr. Max,

— Sua mina? Parabéns, meu rapaz, ela parece bacana.

— Não, minha prima, minha prima — corrigiu Sam.

— Ruivinha? Não, não, ela é muito bonita assim, besteira mudar... E como ela se chama?

— LILI! — Lili esgoelou-se, vermelha como um pimentão.

— Lili! Lindo esse nome, Lili. Mas não precisa gritar, não sou surdo! Querem beber alguma coisa para comemorar isso?

Eles seguiram Max até a cozinha, onde nada devia ter mudado há pelo menos quarenta anos: a mesa e as cadeiras de fórmica, a geladeira branca e abaulada, a pia com as torneiras de cobre e o revestimento descascado, a coleção de pratos nas paredes — um lote ganho num posto de gasolina —, os legumes de plástico amarelo sobre as prateleiras.

— Freshh! Aceitam?

Chegara o momento delicado da visita. Vinte anos antes, Max devia ter comprado várias caixas de Freshh!, uma limonada aromatizada cuja marca felizmente desaparecera dos supermercados. Ele inclusive devia ser a última pessoa no mundo a possuir ainda algumas garrafas — e a insistir que seus convidados bebessem aquilo! O desagradável era que ele mesmo não tocava nas garrafas: "Vou preferir um uísque", desculpava-se em geral. "Bebidas gasosas não me fazem bem." Só que não restava uma única bolha em seu Freshh! Desde 1987. E como, afora Sam, ele nunca recebia crianças...

Max tirou três copos do armário e os colocou na mesa.

— Acho que vou preferir um uísque — refletiu em voz alta. — Bebidas gasosas me...

Serviu-lhes generosamente um líquido amarelo onde boiavam cristalizações de açúcar, enquanto se presenteava com um bom gole de álcool. Samuel fez um sinal para Lili sugerindo que ela podia fingir que bebia.

— A propósito, Samuel, faz um bom tempo que a livraria está fechada, não é estranho? Seu pai não voltou de férias?

— Pois justamente, Sr. Max, era sobre isso que queríamos falar. Há 13 dias não temos notícias dele.

— Malícias? Há 13 dias? Isso, meu menino, parece interessante, mas não vejo relação com seu pai!
— ELE DESAPARECEU HÁ 13 DIAS — berrou Sam — É ESTE O MOTIVO DA NOSSA VISITA.

— Calma, meu rapaz! Inútil se irritar! Sei muito bem que ando surdo como uma porta nestes últimos dias, mas... Espere...

Levantou-se e se afastou em direção à sala de estar, Samuel aproveitou para despejar rapidamente os dois copos na pia. Esta fez um barulho engraçado, como se os canos protestassem com grandes gluglus.

— Que nojo! — sussurrou Lili.

— Mas está descendo!

Max voltou trazendo uma caixinha de madeira com os di-zeres: "Souvenir de Acadie".

— Trouxe isso de Rústico — se enterneceu. — Ficamos uma semana lá com meu irmão em 1947. As melhores férias da minha vida.

Tirou dali um chifrinho de cobre que lembrava o pavilhão de um trompete e que enfiou no ouvido.

— Continue, meu rapaz, acho que assim vai funcionar melhor.

— Meu pai sumiu há quase duas semanas. Sei que ele telefonou para o senhor um pouquinho antes. Queria saber se ele não lhe disse para onde estava indo...

— Cabeça-de-vento! — exclamou Max. — Há duas semanas? Foi justamente quando ele me fez uma visita! Foi o dia em que me falou dessas férias! Ele pretendia fazer negócios nos Estados Unidos, sei lá.

Lili e seu primo trocaram um olhar significativo.

— "E Samuel" — perguntei —, "vai com o senhor?" — "Não" — ele me respondeu —, "ele ainda está em aula. Mas preparei uma surpresa para ele... Se um dia ele bater na sua porta, entregue-lhe isso da minha parte. Pode lhe ser útil enquanto eu estiver fora,"

Max mergulhou a mão no estojo forrado com uma bandeira azul, branca e vermelha e uma estrela amarela e tirou dali um saquinho de pano, que deu para Sam.

— "Mas apenas se ele vier procurar, Max", ele insistiu. "Se Sam não falar nada, não vale a pena."

Sam desfez desajeitadamente o laço de couro que fechava o saquinho. Virou-o na palma da mão: uma moeda e uma ficha caíram, ambas furadas no meio.

— Viva! — Sam deixou escapar.

Ele observou que a ficha era de um material sintético azul, uma espécie de resina ou plástico, como fichas de pôquer. Quanto à moeda, era velha e carcomida, quase preta de tanta manipulação, mas distinguia-se ainda uma espécie de serpente ondulante na parte cheia. Samuel submeteu o conjunto a Lili,

— Ele não disse mais nada?

— Deixe-me ver — matutou Max, passando a mão no que lhe restava de cabelo —, nada importante, em todo caso. Que negócio é esse?

— Ahn... É para uma coleção que comecei. E ele lhe pareceu... normal, nesse dia?

— Normal? Seu pai nunca foi um sujeito completamente normal, Sam. Aliás, é por isso que gosto tanto dele! Mas sim, tinha o aspecto de sempre, talvez um pouco cansado, só isso. Quer dizer que ele não voltou? Vocês avisaram a polícia?

— Está avisada.

— Desaparecido — repetiu Max, a expressão bruscamente sombria.

— Eu sabia muito bem que essa casa não era uma boa idéia...

— Essa casa? Nossa *casa*? Por que não era uma boa idéia, Max?

— Seu pai não queria que eu tocasse nesse assunto com você, nem com você nem com sua avó, que é uma excelente mulher. Mas quando ele chegou para se instalar aqui, eu o desaconselhei a comprar a casa.

— Desaconselhou? Mas por quê?

— Ele não lhe contou, imagino! Na cidade, o bairro já tinha má fama, então... É por isso que há mais idosos aqui e que todos os comerciantes faliram. Mas essa casa, a casa de Barnboïm, acredite em mim, ninguém gostaria de morar lá!

— Nossa casa, a casa de Barnboïm? — espantou-se Sam. — Como o nome da rua? Quem era esse Barnboïm?

— Um sujeito esquisito de mais de cem anos atrás. Morava lá com um bando de marmanjos que saíam a qualquer hora da noite ou do dia e vestidos de qualquer maneira. Uns chegavam, outros se iam, nunca os mesmos. Um verdadeiro carnaval! O bando do Barnboïm, era o apelido deles. Não eram efetivamente maus, mas do gênero preocupantes para a vizinhança. Parece que houve brigas também, e que o velho Barnboïm não se fazia de rogado. Pelo menos é o que diz a lenda. Em todo caso, acabaram dando seu nome à rua,

— E sabe mais alguma coisa sobre esse tal de Barnboïm?

— Mais nada! — disse Max esvaziando o copo. — Isso foi no tempo do onça! Tudo o que podemos acrescentar é que dizem que essa casa tem mau-olhado.

— E quem a ocupava antes do meu pai?

— Uma espécie de louca, Martha Calloway, que vivia como reclusa com um fuzil sempre ao alcance da mão. Nem o carteiro ousava passar pela casa dela. Quando ela morreu, há dois anos, fedia a demônio lá dentro! Havia pelo menos uns 15 cachorros! Seu pai teve muita coragem de abrir uma livraria num lugar desses!

Allan Faulkner, claro, nunca informara a família de todos esses pequenos "detalhes". E o motivo era óbvio: queria a casa a todo custo. E, se queria a casa, era porque ela abrigava a pedra!

— Obrigado, Sr. Max, faltavam essas duas peças na minha coleção! Eu lhe darei notícias de papai, quando tiver.

Recusaram educadamente um segundo copo de Freshh! e se despediram de Max para irem até a Livraria Faulkner.

Lá dentro, infelizmente, não havia sinal de retorno de Allan. Samuel quis contar a Lili acerca da mensagem ameaçadora que ouvira outro dia na secretária eletrônica — "Ok, Allan, eu avisei..." — mas a fita tinha sido apagada e substituída por mensagens sem interesse.

— O vovô deve ter voltado a fita toda — supôs Lili — para o caso do seu pai ligar.

— Paciência — suspirou Sam —, essa mensagem talvez não tivesse nada a ver. Pegue o Livro do Tempo, encontro você daqui a dois segundos.

Deixou-a descer ao porão e subiu até o quarto do pai. Abrindo um dos armários, observara uma pilha de roupa de cama branca cuja utilidade, com o recuo, julgava adivinhar. Camisas bem simples e calças de algodão fechadas por um cordão.

Cinco minutos depois, atravessava a tapeçaria da Dama do Unicórnio, fazendo Lili soltar um grito de surpresa:

— Que pijama é esse? Vai dormir?

— Não é um pijama, são as roupas do meu pai. Nada mais natural para se viajar com conforto.

— Não... não entendo...

— É uma hipótese, mas imagino que não se possa viajar no tempo com tecidos modernos. Artificial, sintético, sei lá... Foi por isso que meu jeans e minha camiseta ficaram aqui da outra vez. É preciso um pano compatível com a época. Meu pai deve ter feito essas roupas pensando nisso. Ainda são um pouco grandes para mim, mas arregaçando as mangas...

Lili não acreditava no que ouvia.

— Sammy! Não me diga que pretende partir de novo?

— Não tenho escolha, Lili. Ele está preso lá, Deus sabe há quanto tempo! Se eu não me apressar, tudo pode acontecer! Talvez seja até tarde demais!

— Mas como pretende fazer? Quem garante que você cairá direitinho no lugar certo e na hora certa?

A moeda — afirmou Sam, que tentava se mostrar mais confiante do que de fato estava. — Papai deu a moeda para Max a fim de que eu pudesse encontrá-lo no caso de acontecer alguma coisa...

Ele mostrou a rodela de metal ornamentada com a serpente.

— Tenho certeza de que ela data da época de Vlad Tepes e vai me levar direto para o castelo dele. Não era esse o seu raciocínio?

— Sem dúvida — reconheceu Lili, embaraçada. — Mas, e chegando lá? Você não tem nenhuma chance! Esse cara é um louco furioso!

— Vou improvisar! Escapei das garras dos vikings e desarticulei um complô no templo de Ramsés. Não é pouca coisa!

— E... para voltar?

— E aí que preciso de você, Lili. Preciso que você pense em mim sempre que puder. Ignoro que magia é essa, mas foi isso que me fez voltar outro dia. É, foi graças a você que voltei! Basta você manter o livro com você... A propósito, alguma novidade?

Lili mostrou a Sam o grande livro vermelho que ela segurava aberto: "Tebas, a cidade das cem portas". Nada havia mudado.

— E a prova clara de que ele está preso lá — reforçou Sam, — Não posso abandoná-lo.

Apertou a moeda na mão e avançou num passo decidido em direção à pedra esculpida. Tinha tanta pressa de pôr um fim àquilo que temia desistir se não agisse prontamente.

— E eu — perguntou Lili, em pânico. — Que vou dizer aos outros?

— Nada, você não sabe de nada. Se perguntarem, banque a inocente. Vamos, por favor, ilumine aqui com a lanterna...

— Mas e o vovô? E a vovó?

— Não tem outra solução, Lili. Se eu fosse explicar, eles me proibiriam de ir. Ou pior, avisariam a polícia. Ora, ninguém pode saber disso.

Ajoelhou-se em frente à pedra enquanto Lili se aproximava.

— Isso... isso é um sol? — ela perguntou focando o feixe luminoso no círculo e nos entalhes.

— Uma espécie de sol. Acho que tem alguma coisa a ver com a religião egípcia.

— E essa espécie de buraco, embaixo? Não seria para enfiar alguma coisa? Transportar um objeto ou... Não sei — sussurrou Sam, sentindo suas boas intenções enfraquecerem. — Agora, silêncio, e não chegue muito perto.

O metal esquentava na sua mão e a voz da sua prima parecia mais distante. Ele se concentrou na pedra e inseriu delicadamente a moeda no centro do sol. O mesmo zumbido reapareceu, a mesma vibração da primeira vez.

— Sammy? Sammy, está me ouvindo? — dizia Lili como se estivesse do outro lado de uma parede.
— Deveríamos tentar...

Samuel colocou a mão na parte oval da pedra e, alguns segundos depois, um calor infernal explodiu em todo o seu corpo.

XII

A guilda dos imaginistas

Samuel levantou lentamente a cabeça reprimindo um soluço. As paredes do porão haviam desaparecido. Ele estava num cemitério ou alguma coisa do gênero, ao pé de um túmulo cinza recoberto por uma grossa camada de neve. Não se via nenhuma inscrição na lápide, mas a base abaulada da cruz estava gravada com sinais familiares: o sol, os entalhes, o nicho sob o...

— Lili tinha razão — murmurou Sam limpando a garganta.

O celular de sua prima reinava no meio da cavidade. Ela devia ter colocado ali a primeira coisa que lhe caíra nas mãos, o celular, no caso! Samuel pegou-o com precaução: não derreteria sob o efeito do calor e sua tela, ainda acesa, indicava: *quinta-feira, 10 de junho, 17h42*. Mas seria a hora e a data daquele lugar? A julgar pelo céu cinzento, a neve e o vento gelado, parecia inverno: o celular conservara as configurações originais. Samuel ficou tentado a discar um número ao acaso, mas o pictograma azulado assinalava falta de linha. Em todo caso, estava comprovado que Lili acertara: a cavidade servia efetivamente para transportar objetos! E seu pai devia utilizá-la para carregar livros!

Samuel pôs-se de pé. O cemitério parecia deserto. Não era muito grande, uma centena de túmulos no máximo, delimitados por uma mureta e uma capelinha. Para além das árvores embranquecidas, percebia-se uma leve ondulação das colinas, como bolas de sorvete de baunilha que tivessem começado a derreter. Em contrapartida, nenhum vestígio do castelo de Vlad Tepes. A moeda com a serpente o teria transportado para o lugar errado?

Arrepiado, Samuel dirigiu-se para a capela. No caminho, raspou a neve de algumas lápides: *Gustav Veken, 1389-1427; Petrus van Hoot, 1368-1411; Marga Waagen, 1359-1429 etc.* Nomes estrangeiros acerca dos quais era incapaz de dizer se soavam "valaquianos" ou não... A sepultura mais recente era de 1429 e, se não lhe falhava a memória, Vlad Tepes nascera em 1428. Difícil tirar alguma conclusão...

Ia abrir a porta da igreja, pretendendo se aquecer um pouco, quando ouviu um barulho abafado, como um soluço. Recuou instantaneamente para trás da primeira sepultura; um homem de certa idade acompanhado de uma adolescente vinha no sentido oposto, contornando a capela. Vestiam peles, e marcas em suas roupas sugeriam que haviam se ajoelhado diante de um dos túmulos. O homem tinha a fisionomia severa e a moça, o rosto enfiado num lenço. Quando ela o retirou, Samuel sentiu uma fisgada no coração; era linda demais... Grandes olhos negros, pele superpálida, nariz delicado, boca maravilhosamente desenhada... Samuel quase passou mal: ela era mais velha, claro, não se via direito sua silhueta sob a roupa, mas tinha alguma coisa de Alicia Todds! Da sua Alicia!

O pai dela passou a mão em suas costas.

— Não chore, Yser, foi a vontade de Deus.

Samuel observou-os caminhando em direção ao portão e se indagava o que fazer. Abordá-los? Interrogá-los sobre a época e o lugar? Sobre o castelo de Vlad Tepes? É que ele não estava nada apresentável naquela espécie de pijama, ainda mais sob uma temperatura daquelas! Ou seria melhor segui-los a distância e esperar uma oportunidade para falar com eles?

Foi então que gritos saíram do bosque que margeava o cemitério:

— Rápido! Yeah! Rápido!

A menina soltou um grito e seu pai resmungou:

— Miseráveis! Bandidos?

Samuel não contou até três. Levantou-se apanhando uma pedra na aléia e avançou para socorrê-los. Três garotos mais ou menos da sua idade pulavam sobre o velho desferindo-lhe bastonadas.

— Tome isso, carne velha! Tome! Tome!

Samuel correu para trás do primeiro e o golpeou fortemente na nuca. O garoto caiu como um embrulho, largando o bastão. Os dois outros se voltaram e o encararam, insultando-o:

— De onde vem essa merdinha? Vou te esmigalhar como um cachorro!

O mais alto — ainda que só batesse no ombro dele — pulou sobre Sam xingando-o de todos os nomes. Visivelmente, ele não aproveitara as aulas de mestre Yaku, pois lançava o corpo para a frente sem prever a menor reação do adversário. Ora, a técnica do judô consistia justamente em contra-atacar o agressor com a energia e a força que este despendia no seu ataque. Samuel levantou o braço para se proteger e projetou rapidamente o quadril em vez de se esquivar. Surpreso, o idiota tropeçou na coxa dele e deu uma cambalhota na neve que Samuel fez acompanhar de um bom pontapé na bunda. Sem esperar a reação do terceiro elemento, pegou o bastão no chão e começou a descrever círculos acima da cabeça, como vira mestre Yaku fazer no treinamento de *kendo* — pois mestre Yaku também ensinava a arte do combate com varas. O pirralho deu um passo para trás, impressionado com aquela aparição branca cujo bastão fendia o ar assobiando. Arregalou os olhos, depois chispou repentinamente para o bosque, logo alcançado pelo mais alto. Só restava o terceiro ladrão, com o nariz enfiado na neve.

— Pai! — exclamou Yser precipitando-se.

— Meu pulso! — ele gemeu. — Eles quebraram meu pulso!

Ela o ajudou a se levantar enquanto Sam verificava a respiração do larápio. Estava só machucado e ficaria bom depois de uma forte enxaqueca.

— Malditos ladrõezinhos — vociferou o velho. — Sem você, meu rapaz...

Olhou Sam dos pés à cabeça com um misto de gratidão e espanto.

— Foi a graça de Deus que o pôs no nosso caminho. Mas posso lhe perguntar o que lhe aconteceu para estar vestido assim?

— Fui... fui atacado também — mentiu Sam. — Eram muitos, roubaram minhas roupas.

— Desconte então pegando a desse sujeito, fará apenas justiça!

— Está frio — argumentou Sam, que sentia os dedos do pé dormentes. — Se eu tirar as roupas dele...

— Nada de escrúpulos, meu rapaz! Os cúmplices devem estar à espreita em algum lugar atrás dessas árvores. Assim que formos embora, vão cuidar dele.

Samuel hesitou, mas acabou se rendendo às palavras do velho. Pegou as botas e o casacão de lã do bandido, deixando a suéter grossa e a calça.

— Assim é mais razoável — declarou o homem das peles. — E, como não posso apertar sua mão, permita pelo menos que me apresente: Baltus, Hans Baltus, da guilda dos imaginistas. Seu criado daqui para a frente... E esta é minha filha, Yser. A menina inclinou ligeiramente a cabeça sem deixar de amparar o pai. De perto, era ainda mais bonita, com uma centelha travessa nos olhos e alguns cachos louros fugindo do chapéu. Entretanto, ela desviou o olhar, o que devia lhe parecer mais apropriado na presença de um estranho. Baltus pareceu observar a perturbação de Sam, pois falou mais alto:

— Vamos sair daqui, jovem amigo, esses patifes podem ter ido buscar reforços. Está indo para a cidade?

— Ahn... Para a cidade, é...

— Muito bem, será um prazer convidá-lo para cear conosco! Devemos-lhe pelo menos isso, não é mesmo?

Largaram o salteador por ali mesmo e seguiram pela estradinha lamacenta que serpenteava por dentro da floresta. Hans Baltus colocara sua mão esquerda numa tipóia e continuava a esbravejar contra todo tipo de bandido.

— Ninguém tem mais segurança fora dos muros dessa cidade! É culpa desse casamento também. Eu não deveria me queixar disso, mas... Há tanta gente armada em Bruges que todos os bandidos deram no pé. Rondam agora os campos, à espreita do primeiro forasteiro que apareça!

Bruges, refletia Sam. O nome não lhe dizia nada, O castelo de Vlad Tepes ficava em Bruges? Respirou profundamente e achou o ar quase salgado.

— Você me pergunta — continuava Baltus —, por que se aventurar fora das muralhas? Esse cemitério é muito afastado, eu sei. Mas a minha saudosa esposa era muito ligada a esse lugar. Ela o freqüentava quando criança, sua avó está enterrada lá. Quanto a ela... Faz um ano hoje que repousa.

Sua voz morreu num suspiro e Yser se refugiou de novo em seu lenço.

— Sinto muito — murmurou Sam.

— Mas e você? — perguntou Baltus. — Estava visitando um dos seus defuntos?

— Bem, de certa forma, sim.

— De certa forma?

Sam se acostumara àquele tipo de pergunta. O melhor era inventar uma história bem vaga que, se possível, despertasse um pouquinho de compaixão sem com isso torná-lo suspeito.

— Não posso dizer que a conhecia de verdade. Marga Waagen é uma prima distante do meu pai. (Era, claro, um dos nomes que ele lera no cemitério!) Não tenho mais família, então vim a Bruges para visitá-la.

— A velha Marga? Mas ela morreu há vários meses! Não sabia?

— Descobri hoje.

— Ao que eu saiba — acrescentou Hans —, vivia sozinha e não era muito rica, o que significa que você não encontrará nenhum descendente dela por aqui. Era originária do leste, acho, de Malines. É isso?

— De... de Malines, exatamente. Venho de lá também.

— Está chegando de Malines, fica sabendo da morte da tia e, como se não bastasse, é atacado! Eis decididamente uma triste história.

— É... é quase isso.

Chegaram à beira do bosque e a cidade se materializou de repente diante dos olhos deslumbrados de Sam: um navio de pedra com mil tetos nevados espetados, cercado por água e moinhos, que parecia suspenso entre o céu cada vez mais escuro e o horizonte onde se adivinhava o mar. Duas grandes embarcações bojudas com velas retangulares pareciam adentrar até as muralhas, escoltadas por gaiivotas rodopiantes. Panos coloridos pendiam das muralhas e impressionantes labaredas iluminavam a marina, revelando uma atividade intensa: a descarga de barricas e cestos destinados ao abastecimento da cidade. O mais curioso era que essa agitação desenrolava-se quase sem barulho, como abafada pelo espesso manto branco. Um milagre congelado, divagou Sam, uma ilusão de inverno...

Porém, ao se aproximarem da primeira ponte, o rumor cresceu e se tornou bem vivo. Passaram sob um portão fortificado e piscaram os olhos por causa da luz dos archotes. Dezenas de homens transferiam a carga de uma caravela toda feita de madeira e corda para embarcações menores, com uma espantosa economia de palavras e gestos. Apenas alguns contra-mestres davam ordens:

— Mais rápido, pessoal! O conde quer essa caça em suas cozinhas às oito horas! Haverá um banquete de núpcias esta noite!

— Meus arenques, seus trapalhões, prestem atenção nos meus arenques!

— Trinta peças de tecido para descarregar, trinta! Preciso de dez carregadores!

Eles se insinuaram por entre os tonéis e os fardos até chegarem a uma barca comprida prestes a soltar as amarras. Baltus interpelou o marujo:

— Olá, mestre-piloto! Sou Hans Baltus da guilda dos imaginistas. Preciso que me leve ao cais Sainte-Anne. É sua rota?

— Os imaginistas têm todo o meu respeito — inclinou-se o outro. — Suba, levo-os até Sainte-Anne!

Instalaram-se como puderam em meio à carga, enquanto o marujo e seu filho fincavam suas varas na água e navegavam pelo canal. Baltus sentou-se num dos barris e sussurrou no ouvido de Sam:

— Acho que você não me disse o seu nome.

— Ahn, Samuel... Samuel Waagen.

— É a primeira vez que vem a Bruges, Samuel?

— Eu esperava conseguir uma ajuda da minha tia.

— Em outras palavras, não conhece ninguém? Samuel aproveitou a deixa:

— Antes de desaparecer, meu pai evocou um tal de Vlad Tepes que moraria nos arredores. Mas ignoro onde...

— Vlad Tepes? Nunca ouvi falar. E olhe que não nos faltam estrangeiros: ingleses que nos trazem sua lã, italianos que as compram, alemães que negociam quase tudo, franceses, espanhóis, que são assíduos em nossas feiras, os de Bourguignon, claro, que pertencem ao séquito do conde. Mas Vlad Tepes, esse nome não me diz nada.

Samuel se encolheu sobre o seu barril. Já estava desconfiando há alguns instantes e Baltus acabava de confirmar seus temores: ele não estava nem no lugar certo nem na época certa. Bruges localizava-se na Europa do oeste, ao passo que a Valáquia ficava muito mais longe, no leste. E mesmo que por milagre conseguisse chegar lá, estaria 25 ou 30 anos antes do tempo: Vlad Tepes não passava de um bebê!

— Se quiser, minha casa está à sua disposição — ofereceu o velho — o tempo que precisar para decidir o que fazer. Aqui há trabalho, pelo menos para um menino corajoso. Ainda mais com essas festas. Sabia que o conde Filipe está em Bruges e que se casou, não é?

— Ahn, bem... não prestei muita atenção.

— Com Isabel de Portugal... A união foi celebrada semana passada. A cidade inteira está em festa, se ficar poderá se esbaldar com torneios e distribuição de iguarias. Mas receio que não haja uma cama livre numa distância de cinco léguas. Portanto, acomode-se lá em casa.

Subindo o canal, a barca margeou um segundo galpão de onde saíam música e risadas.

— Tudo acontece lá, nas grandes praças do centro — sugeriu o velho. — Muita gente, muito barulho... Felizmente, minha filha e eu moramos um pouco afastados. Venha, chegamos.

— Sainte-Anne! — anunciou o marujo.

Passaram para o cais escorregadio e mal iluminado. Hans se queixou, apertando o pulso:

— Aqueles patifes quase me deixaram maneta! Ainda não chegou a hora! Vamos, rápido, precisamos de uma boa lareira.

Caminharam por uma ruazinha fria até a casa de Baltus, onde uma criada larga como a porta os recebeu. Não parecia muito animada ao receber Sam e mal resmungou um boa-noite. Por sua vez, este ficou surpreso com o cheiro forte que vinha do lado de dentro: cânfora ou eucalipto. Alguma coisa que lembrava em todo caso a pomada que sua avó passava quando estava com crise de bronquite...

— Bonne, prepare a cama nos fundos do ateliê para esse rapaz.

— É um novo aprendiz? — ela indagou num tom amuado.

— Trate-o como se fosse. Mas antes você nos servirá a ceia em frente à lareira: estamos gelados. E traga-me uma bandagem, preciso apertar esse braço antes que inche muito.

Yser arrastou a criada para a escada explicando-lhe que tinham tido um encontro desagradável no cemitério e que, sem Samuel etc.

— Por aqui, garoto, vou lhe apresentar o seu ninho. Não é nenhuma imensidão, mas é melhor que dormir do lado de fora.

Precedeu-o num corredor até uma porta encimada por um escudo que mostrava três homens de joelhos curvando a cabeça perante um quarto, que, por sua vez, estava de pé com a mão estendida.

— Esse é o brasão da guilda dos imaginistas — comentou Baltus. — O personagem à direita é São Lucas, nosso padroeiro. Está abençoando os três representantes do ofício: o espelheiro, o iluminador e o pintor. Aliás, dá para perceber os objetos no chão: um espelho, um livro decorado e pincéis. Eu, por exemplo — acrescentou com orgulho —, faço parte da terceira categoria, a mais nobre, a dos pintores.

Samuel, que estava gelado até os ossos, sentiu uma onda de calor invadi-lo. A guilda dos imaginistas... Imaginistas significava fabricantes de imagens! Ele caíra na casa de um pintor!

— Isso é extraordinário — deixou escapar.

— Não é mesmo? — disse o pintor todo prosa. — Gosta de pintura?

— Eu... Claro!

— Nesse caso, vamos entrar!

Empurrou a porta e o cheiro ficou ainda mais forte. Havia uma grande mesa, cheia de copinhos, pincéis, almofarizes para triturar as tintas e diversos utensílios para preparar os painéis. Dois cavaletes ladeavam

a janela alta, um deles com um retrato inacabado de Yser. À direita, ali onde o perfume era mais forte, uma espécie de fogão recebia caldeirões de diferentes tamanhos, cheios de líquidos escuros e viscosos.

— São os meus vernizes — explicou Hans —, caso se interesse posso lhe dar a receita. E essa tela em que estou trabalhando, ali, é o retrato da minha filha. O conde organizou um concurso para escolher o membro da guilda que terá a honra de pintar sua jovem esposa. Ouso esperar que esta modesta obra possa chamar sua atenção.

— É maravilhosa — sussurrou Sam, que pensava mais no modelo que em seu retrato.

— Ótimo, ótimo. Ainda mais que o prêmio é uma bela soma e acertaria a minha vida. Se pelo menos eu conseguisse terminar tudo isso a tempo... Ah! aqui estamos, continuou dirigindo-se para os fundos do ateliê.

Abriu um quartinho que servia de despensa, com móveis empilhados e uma cama sob uma clarabóia em forma de olho de boi.

— Bonne vai arrumar tudo isso, fique tranqüilo. Era aqui que eu alojava meus aprendizes quando o ateliê funcionava melhor. Depois da morte da minha mulher, pobre de mim!, tenho menos ânimo para formar jovens. Passo mais tempo experimentando novas combinações com meus pigmentos e meus óleos do que instalado diante do cavalete! Eis outra razão pela qual esse concurso é importante: tenho que provar que Hans Baltus não acabou. Inclusive para mim mesmo! E acredito que esteja bem perto do êxito — afirmou com um ar conspiratório.

Yser então irrompeu no ateliê, com um recipiente de arenito e uma faixa de pano na mão.

— Seu braço, papai... também trouxe unguento para os músculos. Samuel ficou a observá-la cuidando do pai, fascinado com sua perturbadora semelhança com Alicia Todds. Yser tirara o chapéu e seus cabelos louros desciam agora em cascata sobre os ombros. Claro, não tinha a mesma forma de rosto, os olhos eram menos amendoados, mas, quanto ao resto, a cor, a forma delicada do nariz, aquela boca travessa e aqueles dentes tão brancos... De dar vertigem!

Durante a ceia que se seguiu — carneiro cozido acompanhado de cenouras e um pão preto —, Sam permaneceu voluntariamente em silêncio. A princípio por prudência, já que não fazia a mínima questão de se revelar ou se trair, mas também porque desejava admirar à vontade a menina. Ela tampouco dizia muita coisa, contentando-se em balançar a cabeça diante das histórias contadas pelo pai e fazendo de tudo para não olhar para Sam. No fim da refeição, este resolveu fazer a pergunta que o preocupava desde que compreendera que precisaria voltar o mais rápido possível para sua época.

— O senhor falava em trabalho ainda há pouco. Tem uma idéia de onde posso arranjar um?

— No Porto dos Vinhos, com certeza. Eles sempre precisam de carregadores para os tonéis. Eu lhe mostro onde fica amanhã, se quiser.

— E eles pagam bem? Quer dizer, com muitas moedas?

— Muitas, muitas... Pagam você como um carregador, na proporção da tarefa realizada! Mas aviso que lá eles começam às 6h, e, se não quiser perder a chance, é melhor dormir cedo. Posso acordá-lo de manhãzinha, se quiser. Na minha idade, de toda forma, estamos de pé bem cedinho.

Samuel agradeceu a Baltus e dirigiu um sorriso, que esperava ser cheio de ardor, para Yser. Uma vez no quartinho, tirou a roupa e vestiu os velhos pijamas que a criada deixara na cama — não sem tê-lo feito perceber o quanto sua presença era um fardo extra para ela. Enfiou-se sob as cobertas e se concentrou no melhor meio de arranjar rapidamente a moeda que lhe permitiria voltar para casa. Bruges era à primeira vista uma cidade importante, nada a ver com a abadia de lona ou a aldeia de Set-Maat. Portanto, era como procurar agulha no palheiro... Embora, pensando bem, por ocasião de suas viagens precedentes, a moeda nunca estivesse muito distante da pedra esculpida: em lona, estava dissimulada numa caverna natural, a algumas centenas de metros da enseada de Colum-Chill. Em Fleury, durante a guerra, o major Chartrel fora ferido em uma casa de pedra, Quanto a Ahmusis, o filho de Setni, tinha ido inspecionar o túmulo do pai—escaravelho no dedo—quando Sam aparecera. Significaria isso que a proximidade da moeda — ou da medalha, ou da jóia — era imprescindível para acionar a pedra esculpida? Que, se ambas não estivessem "reunidas" num mesmo perímetro, não havia acesso possível a determinada época? Era uma hipótese... A qual significava então que a moeda que ele precisava estava escondida nas cercanias do cemitério. Ou ainda perto dos ladrões. Ou ainda perto de Baltus e da filha... Mas isso não era uma certeza. Quem sabe todas as moedas de Bruges fossem furadas? Algumas, pelo menos. No dia seguinte, poria a coisa em pratos limpos.

Sam estava a ponto de assoprar a vela para dormir quando voltou a pensar no celular de Lili. Tirou-o do bolso da calça onde o guardara conscienciosamente e consultou a tela: *quinta-feira, 10 de junho, 18h37*. Apenas uma hora a mais! Uma hora de sua época se passara, contra seis ou sete horas que ele passara efetivamente em Bruges. O celular continuava a marcar a data e a hora do seu tempo!

Percorreu o menu para ver se não incluía outras surpresas. Internet, jogos, fotos, toques, mensagens, calculadora, calendário, GPS — o sistema indica sua posição exata, mas não queria funcionar. Afinal de contas, ainda faltavam seis séculos para a invenção dos satélites! Navegando pelas configurações, desencadeou sem querer o toque — *Espero que ele se comporte/ Oh! sim...* — que precisou abafar sob os lençóis. Só faltava Baltus aparecer perguntando o nome do grupo e o título do *single!* A propósito, a letra da música soou curiosamente aos seus ouvidos, como se ele tivesse se distanciado da sua língua materna. Seu cérebro se habituara de maneira notável às sono-ridades em *kerk, brugge, zwyn* etc, que ele ouvira a tarde inteira. Um dos incontáveis mistérios da magia egípcia, provavelmente.

Entrou em seguida na galeria de fotos digitalizadas arquivadas no celular. Era muito indiscreto de sua parte, mas as circunstâncias exigiam aquilo. A maioria das fotos retratava o fedorento totó da sua prima, uma espécie de cachorro moleirão de pêlo curto e cinzento batizado como Zan, que ela fotografara em

todas as posições. Zan de cabeça baixa com as orelhas pendentes; Zan vestindo um saco de plástico e um capuz de chuva; Zan sentado no vaso sanitário... Não pôde deixar de sorrir. Daria tudo, naquele segundo, para apertar o animal em seus braços. Havia também três auto-retratos, tirados de muito perto e mal enquadrados, as bochechas e o nariz exageradamente ampliados. Sam sentiu duas lágrimas surgirem nos olhos. Lili...

Fechou o telefone, pois era melhor não se deixar contagiar pela tristeza. E depois, parecera-lhe perceber um barulho do lado da entrada. Levantou-se na ponta dos pés e atravessou o ateliê, com a vela nas mãos. Devia ser mais de meia-noite, todo mundo deveria estar dormindo...

Atravessou o corredor e prendeu a respiração. Nada de suspeito. Avançou até a porta: o ferrolho estava aberto. Para permitir que alguém entrasse ou alguém saísse? Àquela hora da noite e sob aquela neve... Samuel puxou delicadamente o batente e deu uma olhada do lado fora. Pegadas partiam da casa e se perdiam na rua deserta.

XIII

Os hamsters de Bruges

Samuel... Samuel Waagen!

Samuel estava muito longe dali, no fundo de um abismo de cansaço e sono. Abrir os olhos representava um esforço sobre-humano.

— Está na hora, garoto.

Ele levou alguns segundos para reconhecer o rosto debruçado sobre ele, uma vela na mão. Baltus... Yser... Bruges...

— De pé! Vai perder o emprego!

Samuel estava com a boca pastosa, os músculos entorpecidos e o cérebro tão vivo quando um prato de pudim.

— O emprego — repetiu mecanicamente.

Finalmente pôs-se de pé, vestiu-se e foi ao encontro do velho na penumbra da sala de refeições. Uma tigela fumegante estava sobre a mesa, bem como fatias de presunto seco, queijo e pão branco. Um bom fogo ardia na lareira e Baltus lhe serviu com autoridade um líquido escuro e cheiroso numa caneca de metal.

— Beba, isso vai aquecê-lo.

Samuel tomou um gole do que parecia um café queimado com um gosto secundário de canela. Esquisito, mas não desagradável.

— Como vai seu pulso? Baltus sacudiu a mão enfaixada.

— Dói muito, espero que não esteja quebrado. Vou aproveitar para ir à cidade com você e consultar o meu médico.

— Vai poder continuar pintando? — indagou Sam enfiando presunto e queijo entre dois pedaços de pão.

— Não posso parar! Tenho o retrato da minha filha para terminar e o concurso é daqui a dois dias! Você tem uma maneira curiosa de comer, Samuel Waagen — acrescentou vendo-o morder avidamente seu sanduíche improvisado.

— É (chomp!), é um hábito (chomp!) que adquiri em Malines — afirmou Sam. — De toda forma, há alguma coisa estranha nesse negócio (chomp!) — observou. — Quero dizer, a respeito dos salteadores de ontem (chomp!). O que eles queriam precisamente?

— Ora, me roubar, suponho! Que podem querer ladrões a não ser roubar?

— Pelo que entendi, os que me atacaram à tarde procuravam um objeto muito especial. Uma moeda ou uma jóia, acho, com um furo no meio.

Observou atentamente a reação de Baltus, mas este caçou mais do que se interessou:

— Um furo no meio? Então não deve ser um objeto de valor, uma vez que o artesão que assim a confeccionou economizou metal e trabalho! Além disso, eles se contentaram com suas roupas, não é? Porque às vezes eles se livram das vítimas, você sabe... Portanto, não temos muito do que nos queixar, nem você nem eu.

Samuel balançou a cabeça: Baltus parecia ignorar tudo sobre a moeda furada. Ou então era ótimo ator. Sam engoliu o resto do sanduíche, e, apressado pelo velho, correu para vestir o casaco de gola de pele que o pintor reservava para os seus aprendizes. Em seguida acompanhou-o por uma rua atulhada de neve, onde os primeiros raios do sol atravessavam com dificuldade as nuvens cinzentas. Tudo estava frio e imóvel, como num cenário de filme fantástico. Parecia uma reconstituição minuciosa de uma aldeia medieval, com suas casas altas e estreitas, seus tetos pontiagudos, suas decorações góticas e suas vigas de madeira embutidas nas paredes. Atravessaram uma ponte com dois arcos sob a qual dormiam cisnes, o bico enfiado na plumagem, depois penetraram no centro de Bruges. Estavam no coração da cidade, um formigueiro em comparação com o bairro de Sainte-Anne. As casas comprimiam-se umas contra as outras e pareciam se debruçar para melhor se mirarem nos reflexos do canal. A silhueta maciça da torre, orgulho dos moradores, erguia-se acima das telhas embranquecidas qual uma sentinela protetora. Baltus lançou-se na história de sua edificação, porém, fascinado por tudo que via, Samuel não lhe dava atenção. Enveredaram por uma série de becos desertos, contornaram uma praça cheia de barracas — que alojavam os criados do séquito do conde — e chegaram finalmente ao Porto dos Vinhos. Se o restante de Bruges descansava após os festejos da noite, comerciantes e carregadores já trabalhavam prevendo a comilança do dia que nascia. Umas dez barcas estavam amarradas no cais e conversava-se em volta dos barris. Baltus aproximou-se de um homem de gorro vermelho e descreveu grandes espirais com sua bengala.

— Olá, mestre-do-porto! Este aqui é um dos meus aprendizes atrás de trabalho. Teria alguma tarefa para ele durante os dias de bodas?

O mestre-do-porto considerou Samuel com um olho de especialista.

— Seu aprendiz não é feito para a estiva. É franzino, parece que não come há uma semana! Tente deslocar um pouco essa barrica...

Apontava para um tonelzinho que um rapagão atarracado acabava de rolar pelo solo. Samuel se abaixou, contornou a barrica com os braços e, inspirando profundamente, tentou erguê-la. Desiludiu-se rapidamente: pesava o equivalente ao peso de um burro morto e recusava-se a se mover um centímetro que fosse. Os outros carregadores, que haviam formado um círculo, riam às gargalhadas.

— Parece que o seu aprendiz mal consegue carregar a própria cabeça, amigo — zombou o homem de gorro vermelho. — Mas, se ele não tem braços, pode ser que tenha pernas... Estou precisando de um *kranekind*, um garoto para o guindaste. O salário é menor, mas o trabalho é mais compatível com a força dele.

Samuel examinou a construção de tábuas que dominava o lado esquerdo do cais e que ele a princípio tomara por um cadafalso. Parecia uma galinha cuja cabeça tivesse sido cortada, com um corpo barrigudo e um pescoço que ia afinando para cima. Tratava-se na realidade de um guindaste de madeira cujos cabos mergulhavam nos barcos para retirar a carga. Era acionado por um grande tambor que girava sobre si mesmo e que dois garotos arrastavam caminhando no interior.

— Quanto vai pagar? — indagou Baltus.

— Cinco denários meia jornada se ele não embromar muito — respondeu o mestre-do-porto.

Baltus interrogou Sam com o olhar. Este não fazia idéia do que podiam representar cinco denários, mas, em vez de desanimar, fez que sim com a cabeça.

— Fechado quanto à meia jornada — concluiu Baltus. — Se mostrar capacidade, pode voltar à tarde. Sabe voltar para a casa, Waagen, imagino...

Samuel aquiesceu de novo, depois escutou atentamente as instruções do mestre-do-porto: bastava, explicava este, que os três garotos andassem num mesmo ritmo no interior do tambor, tomando cuidado para não se entusiasmar com a velocidade e para não desequilibrar no momento de reduzir. Se conseguisse, seria contratado para a semana.

Samuel esperou que o guindaste parasse e entrou no cilindro pela lateral. Seus dois novos companheiros o cumprimentaram com um rosnado e Sam se deu conta de que, apesar da temperatura, estavam encharcados de suor. A um sinal do chefe, os três começaram a caminhar cadenciadamente; bastava moverem os pés e a roda era acionada.

— Muito bem, rapazes! Todos juntos! — gritou o homem de gorro vermelho.

No início, parecia quase fácil: Samuel tinha apenas que imprimir seu ritmo de acordo com os outros dois *kranekinders* — crianças do guindaste, pois, afinal, andava tão bem quanto eles. Uma hora mais tarde, entretanto, sua atenção foi atraída pelo mecanismo da máquina, um complexo jogo de cordas e polias que produziam um barulho infernal em cima deles. Seu calçado tropeçou então entre duas tábuas e ele sentiu o chão fugir embaixo dele antes de ser sacudido como uma vulgar trouxa de roupa numa máquina de lavar. Por felicidade, o mestre-do-porto não demorou a pedir uma pausa, o tempo de manobrar as barcas. Seus dois companheiros respiraram, enquanto Sam se levantava com dificuldade.

— É a primeira vez que trabalha na roda? — troçou um dos garotos cujo olho estava meio fechado (um ferimento, má formação)?

— É isso aí — disse Sam massageando as costas.

— Cuidado para não fazer mais besteira se não quiser que confiscem seu salário — zombou.

— Isso mesmo — reforçou o outro —, com Melchior era diferente. Ele, pelo menos, se agüentava nas pernas!

O primeiro deu de ombros.

— Só que, com a pancada que recebeu na cabeça, ele vai demorar a voltar. Parece que fez um buraco do tamanho de um punho, dá até para ver os miolos!

Samuel esticou imediatamente os ouvidos.

— Um buraco na cabeça? O que houve com ele?

— Dizem que foi numa briga. Ou melhor, que ele foi atacado por trás com uma pedra.

— Com uma pedra — repetiu Sam, pasmo.

— Pode crer que se pusermos a mão no patife que fez isso... É que Melchior tem uns amigos!

— Entendo! — aprovou Sam no tom mais displicente possível. — E... ele está no hospital agora?

— No hospital, Melchior? Por que não junto com os sargentos de vigia? Não, como eu lhe disse, ele tem um monte de amigos.

O meio caolho deu uma olhadela para ele — uma meia olhadela — do gênero hostil.

— Também está a fim de ver os miolos, é isso?

— Ahn, não, claro que não — esquivou-se Sam. — Era só para puxar conversa.

— Então é melhor não desperdiçar o fôlego; há uma outra barcaça para descarregar.

O mestre-do-porto estalou os dedos e os três *kranekinders* tiveram que recomeçar sua caminhada absurda e sem fim no interior do cilindro. Os hamsters de Bruges!

Depois de três ou quatro horas desse regime, as pernas e dedos dos pés que nem gelatina, Sam conseguiu finalmente sair da roda infernal: a manhã de trabalho chegava ao fim, não havia mais nenhuma embarcação para esvaziar e todas as cargas de tonéis haviam encontrado seu lugar. Deixou seus dois companheiros serem pagos primeiro, depois se dirigiu ao homem do gorro vermelho. Este amarrou a cara.

— Você tem sorte de os outros dois conhecerem o ofício, caso contrário eu o teria mandado embora. Você é lento demais, desajeitado demais! Pela sobrecarga, dei um denário extra para cada um. Um denário que tirei de você, claro!

Enfiou a mão no bolso e retirou três miseráveis rodelas de metal, que lhe estendeu. Sam estava menos decepcionado com aquela evidente má-fé que com a ausência de furo no meio das moedas.

— Espere! Se eu voltar esta tarde, posso receber outra moeda? Uma moeda furada, por exemplo? Mesmo que eu tenha que trabalhar vários dias?

O mestre-do-porto pareceu desconcertado.

— Uma moeda furada? Por que diabos uma moeda furada? Você não parece ser da região, Nunca nem o cêntimo nem o denário de Bruges tiveram furo. Muito menos a libra! Se está procurando dinheiro traficado, é aos cambistas que deve se dirigir. Esses indivíduos manipulam todas as moedas imagináveis, inclusive as mais estapafúrdias!

— Os cambistas?

— É, os cambistas, na praça da Bolsa! Não está querendo me dizer que também não conhece os cambistas?

Seu tom ia ficando desconfiado.

— Os cambistas — exclamou Sam —, mas claro! A praça da Bolsa! Que burrice!

O mestre-do-porto suspirou e deu-lhe as costas para ir responder a um dos carregadores. Samuel ficou tentado por um instante a alcançar os dois *kranekinders* para interrogá-los de novo sobre o famoso Melchior — provavelmente o mesmo que ele atacara no cemitério —, mas o risco de eles pressentirem alguma coisa, e terminarem se voltando contra ele, era grande.

Samuel dirigiu-se abatido para o campanário — que badalava a cada quinze minutos — e perguntou a uma velha embrulhada numa espécie de saco a direção da praça da Bolsa. No caminho, pôde constatar que a cidade já acordara: as ruas estavam tomadas por uma multidão compacta — homens, cachorros, cavalos — que avançava irregularmente no ritmo das carroças e das discussões entre os entregadores. Apesar da neve, o bom humor imperava, e os passantes comentavam com entusiasmo os banquetes e as justas da véspera, assim como os distribuidores de pão e carne o que esperavam do dia. De longe Sam percebeu a arena, cercada por paliçadas e decorada com estandartes, que acolhia os torneios, mas nenhum cavaleiro armado estava por ali. Pena...

No bairro dos cambistas, a agitação não era menor. A praça da Bolsa era retangular e margeada por casas imponentes com janelas gradeadas e telhados denteados. Mesas sobre tablados estavam instaladas diante de cada fachada, sob pequenos toldos que as protegiam da chuva. Era uma gritaria louca dos dois lados das mesas, e Sam precisou de um tempinho para compreender do que se tratava: Bruges era um grande centro comercial que atraía comerciantes vindos dos quatro cantos da Europa, cada qual utilizando uma moeda diferente. O papel dos cambistas era, portanto, converter essas moedas em libras, cêntimos e denários de Bruges a fim de tornar as compras possíveis. O problema era entrar num acordo sobre o valor exato das moedas, com os comerciantes exigindo sempre mais e os cambistas oferecendo sempre menos. Daí a gritaria que se ouvia um pouco por toda parte. Um dos cambistas, que barganhava num tom enfático, era particularmente dotado para a comédia.

— Com esse preço, Cortês, você vai me levar à falência! Por acaso pensou nos meus filhos?

— Em outros, Bartolomeo — replicava o tal de Cortês. — Você é o banqueiro mais rico da praça de Bruges! Dê-me o que lhe peço ou vou negociar com outro.

— Ah! Cortes! Você me derrete o coração! Só vou topa porque é meu amigo! Mas estou quase morto! Olhe como meu sangue se esvai e minhas lágrimas correm!

Dirigiu-se ao rapaz sentado atrás dele, que tinha no colo uma prancheta com fichas:

— Enzo! Calcule, por favor: 15.625 dividido por 125 menos 5 de comissão mais 3 de reembolso para Cortês.

Aparentemente Enzo não era muito rápido, e, como demorava a fornecer o resultado, seu patrão o repreendeu:

— *Ma Enzo!* Você é decididamente o mais burro dos imbecis de toda esta cidade! Você não é mais um sobrinho, você é a calamidade da família!

Quando Enzo finalmente sugeriu uma cifra, o cambista abriu o cofre que tinha nos pés e contou a soma dita. Samuel não teve tempo de ver direito, mas lhe pareceu que o mealheiro possuía um bom número de compartimentos e moedas de todos os tamanhos. Se pelo menos lhe permitissem dar uma olhada! Com um passo decidido, aproximou-se da mesa, mas já era tarde demais: Bartolomeo recolocava a preciosa reserva sob seu banco. Sam passou à sua frente como quem não quer nada e foi se postar mais adiante, atrás de uma coluna. Ficou ainda por um longo momento a observar o comportamento do banqueiro. Devia haver um jeito de vasculhar aquele cofre!

XIV

O segredo de Van Eyck

O campanário de Bruges acabava de repicar três badaladas, quando Sam finalmente decidiu voltar ao bairro de Sainte-Anne. Nesse meio-tempo, se beneficiara de uma distribuição de maçãs e pedaços de pão e comprara um filé de arenque defumado — incrivelmente salgado — de um vendedor ambulante. Agora estava com tanta sede que seria capaz de beber toda a água do canal...

Bonne lhe abriu a porta fazendo uma careta, Bico calado, o patrão está com o ouvidor.

— O ouvidor?

— É, o chefe da polícia, se preferir. Veio saber notícias suas depois do ataque de ontem. Corra para o quarto, ele não pode ver você.

Mas Baltus deve ter ouvido alguma coisa, pois os chamou da sala.

— Bonne? E o nosso rapazinho que está de volta?

— Chegou agorinha, senhor — ela disse nervosa.

— Perfeito! Traga-o até aqui, vou apresentá-lo ao ouvidor.

Bonne obedeceu levantando os olhos para os céus e Samuel não demorou a ser apresentado a um personagem imponente, de casaco bordado com fios de ouro e barba esmeradamente cortada, que pousou nele um olhar incisivo.

— Então, foi esse garoto que o salvou, mestre Baltus? — perguntou com uma voz grave e profunda.

— Eu não estaria aqui para lhe contar isso se ele não tivesse aparecido por milagre, meu senhor!

— Por milagre, hein? — enfatizou o ouvidor com um sorriso estranho. — E o que estava fazendo no cemitério do Velho Bosque, rapaz?

— Estava visitando a sepultura da minha tia, Marga Waagen.

— A velha Marga! Conversei com ela no mercado de peixe pouco antes da sua morte. Sabia que era surda de um ouvido e já não tinha metade dos dentes?

Samuel farejou uma armadilha.

— Eu só a conhecia de nome: era uma parenta do meu pai, nem cheguei a conhecer. Sou órfão, queria tentar a sorte em Bruges.

— Órfão é uma boa desculpa — observou o ouvidor. — De toda forma, você chegou na hora certa, ao que parece! Esses ladrões, nossa, que audácia! Conhece a história do moleiro Martens, Hans?

O velho fez que não com a cabeça.

— Isso aconteceu há uns oito ou nove meses, se não me engano. Imagine que Martens conheceu uma desventura semelhante à sua. Uma noite, ao deixar o moinho, foi atacado por salteadores. Felizmente, um viajante que passava por ali conseguiu escorraçá-los. Claro, nosso Martens agradeceu-lhe, foi gentil com ele, deu-lhe abrigo, e aos pouquinhos ficou amicíssimo dele. Pois bem, acredite ou não, Hans, mas três dias mais tarde, assim que o nosso moleiro virou as costas, seu suposto salvador introduziu os salteadores em seu moinho e o roubaram. Lançou um olhar insistente sobre Sam.

— Infelizmente, não se pode confiar em ninguém. Baltus pareceu não perceber aquela indireta. Contentou-se em oferecer um copo de vinho alemão à sua visita, que recusou:

— Muito obrigado, Hans, eu só queria saber notícias e aproveito para oferecer à sua filha esse modesto presente. Eu preferia lhe entregar pessoalmente, mas...

— Como eu lhe disse, ela foi até a casa da prima. Mas não deve demorar.

— Infelizmente, meu caro, o conde me espera para organizar a festa desta noite. Apresente então minhas homenagens à Srta. Yser e que ela me conte depois o que achou do meu presente.

Levantou-se estalando as botas e se despediu do velho Baltus ignorando Sam soberbamente, — É um bom homem esse ouvidor — exclamou Baltus depois que ele se foi. — Dará um excelente marido para Yser.

— Marido? — indignou-se Sam. — Mas ele tem pelo menos o dobro da idade dela!

— Ora, e qual é o problema? Está viúvo há três anos, é rico, ocupa belos aposentos no Prinsenhof, o novo palácio que o conde Filipe mandou construir na cidade, quem pode querer mais? Yser tem 17 anos, idade de se estabelecer. Como lhe expliquei, meus negócios não vão nada bem e o sonho de ganhar o

dinheiro do concurso ficou distante: meu braço está quebrado, não consigo mais segurar os pincéis. Essa união garantiria sua segurança e seu conforto, ela não teria mais com que se preocupar.

— Mas e ela, está de acordo?

— Ora, o ouvidor ainda é um homem formoso, não acha? E atencioso ainda por cima. Veja o que fabricou para ela com as próprias mãos!

Apontava, sobre a mesa, para um castiçal em ferro fundido que tinha mais ou menos a forma de uma árvore e cujos braços espiralados podiam suportar três velas. Fascinante.

— Além de ser um artista à sua maneira — continuou Baltus — ele também é cientista. Quando suas ocupações policiais lhe dão trégua, trabalha incansavelmente na sua alquimia, na esperança de um dia vir a fabricar ouro! Os alquimistas são pessoas cultas, você sabe, interessadas nas ciências e no mundo! E ele não escondeu que, se Yser se casasse com ele, ele a chamaria para trabalhar com ele. Não é preferível um marido que abre para a esposa os horizontes do saber a um jovem imbecil que só iria lhe fazer filhos? Não, o ouvidor é um excelente partido e...

Um cheiro de queimado chegou nesse momento do corredor e Baltus deu um tapa no rosto.

— Pelo Senhor todo-poderoso, meu preparado de óleo! Precipitou-se para o ateliê, cuja porta abriu bruscamente.

Uma fumaça escura subia do fogão e invadia o recinto.

— A janela! Ar, ar!

Samuel correu para a janela e, após ter lutado com o cadeado, conseguiu abrir passagem para uma corrente de ar.

— Que cabeça! — gritava Baltus. — Esqueci completamente minha mistura! Não presto para nada, nem para pintar, nem para cozinhar.

Alcançou o caldeirão com um pano e, segurando-o na ponta do braço, despejou a mistura no cascalho do pátio. O conjunto cheirava a sapato velho carbonizado e a pomada para bronquite.

— Eu estava quase lá! Tenho certeza de que estava quase lá!

— Era... era tão importante assim? — arriscou Samuel.

— Faz dois anos, meu rapaz, dois anos que tento desvendar o segredo de Van Eyck! Se eu alcançasse o seu domínio do óleo, meus quadros venderiam muito mais!

Samuel não conseguiu dissimular a surpresa.

— Van Eyck, está falando do pintor?

Uma vez a Srta. Delaunay falara de Van Eyck. Mas Sam não fizera a aproximação com Bruges!

— O pintor, claro, quem mais? Ele é o favorito do conde Filipe e este o leva a toda parte. Já faz algum tempo que ele desenvolveu uma nova técnica para tornar suas cores mais brilhantes e mais luminosas, como se a luz emanasse literalmente do quadro! O efeito é arrebatador, e, graças às suas qualidades de imaginista, seus retratos são admirados por todos. Cada uma de suas obras vale vinte vezes o preço das minhas!

Samuel se absteve de objetar que Van Eyck talvez tivesse vinte vezes mais talento: era, segundo sua professora, um dos maiores artistas da Idade Média,

— No ano passado, por uma indiscrição do seu séquito — prosseguiu o velho —, eu soube que, para obter tintas tão perfeitas, ele acrescentava um produto misterioso aos seus pigmentos e ao seu óleo. Desde então tento descobrir o que possa ser esse produto... Acredite, passei noites insones em cima do meu fogão, tentando todo tipo de fórmulas! Eu hoje estava usando cravo-da-índia, e tinha esperanças de conseguir. Infelizmente, agora é tarde! Mas é culpa de Van Eyck também! Se, em vez de fazer tanto mistério, ele partilhasse suas descobertas com a guilda!

Baltus estava fora de si e não percebeu que Sam empalidecia. O segredo de Van Eyck... Ele conhecia o segredo de Van Eyck! A Srta. Delaunay explicara que, sem ter inventado a pintura a óleo, Van Eyck revolucionara seu uso: aos pigmentos triturados que geravam as tintas e ao óleo que servia para misturá-las, ele adicionava uma substância que realçava as cores e as tornava mais fáceis de trabalhar. Ora, essa substância misteriosa...

Pela primeira vez desde que estava "viajando", Samuel se via diante de um dilema da consciência. Devia confessar a Baltus o segredo de Van Eyck? Não estaria correndo o risco de mudar o curso da história? Havia um monte de filmes em que bastava alterar um detalhe do passado para provocar repercussões incalculáveis no futuro. Estaria na mesma situação? Samuel hesitou... Claro, tudo teria sido muito diferente se Baltus tivesse vivido *antes* de Van Eyck. Revelar para ele os métodos do grande pintor, quando este ainda não os havia inventado, teria sido um grave erro. Mas Baltus e Van Eyck viviam na mesma época, moravam na mesma cidade...

Além do mais, Baltus se mostrara muito generoso com Sam: ajudá-lo em suas pesquisas era uma maneira de lhe agradecer. Mas teria que fazer isso com tato...

— Experimentou essência de terebintina? Baltus ficou perplexo.

— O quê?

— Essência de terebintina?

— Quer dizer terebintina-de-veneza?

— Ahn, sim. Meu... meu avô dizia essência de terebintina, que tem o seu avô a ver com isso? Era justamente o que Sam se perguntava.

— Ora... Acontece que meu avô também pintava um pouco.

— Seu avô era pintor?

— Não de verdade. Ele...

Samuel percebeu um pote de argila na prancheta onde estavam dispostos os pincéis.

— Ele pintava potes.

— Potes?

— E, vasos. E isso, vasos... Ele decorava vasos com pintura.

— Caramba, a idéia é curiosa, mas não é má. E que relação tem isso com a terebintina-de-veneza?

— Meu avô repetia sempre: "Está vendo, Samuel, para que as tintas fiquem luminosas, é preciso acrescentar um pouco de essência de terebintina."

— Terebintina-de-veneza — refletiu Baltus. — Afinal, por que não? É uma resina nobre que pode se misturar benéficamente às tintas. Evidentemente, teremos que determinar sua temperatura de cozimento, mas, acrescentada ao óleo e aos pigmentos, ela daria liga e uma certa transparência... Terebintina-de-veneza! Confesso que não tinha pensado nisso!

A porta a rua bateu e Yser, aflita com o cheiro e a fumaça, começou gritar:

— Papai? Papai, está tudo bem?

— Estou no ateliê, querida!

A menina entrou correndo, as faces rosadas de frio.

— Papai, o que é que...?

— Não foi nada — tranqüilizou-a Baltus —, um preparado que queimou. Mas o nosso amigo aqui me fez uma sugestão de alta relevância! Vou até a mercearia da praça Grande comprar uns produtos. Enquanto isso...

— O senhor disse que gosta de pintura, senhor Waagen... Não é desastrado? Seria capaz de terminar esse quadro?

Apontava para o quadro de Yser na bancada inclinada.

— Eu?

— E, você! Que temos a perder? Eu precisaria de muitos dias para terminá-lo, e então seria tarde demais! O rosto está bem avançado, o pescoço e o chapéu também, basta terminar as mãos e as pregas do vestido. Na pior das hipóteses, se o resultado não ficar bom, nós o guardaremos conosco! E, se ficar aceitável, tentaremos a sorte. Quem sabe você não herdou um pouco do talento do seu avô?

Samuel estava pasmo. Baltus lhe sugeria que pintasse de verdade! E, ainda por cima, Yser!

— Não tenho certeza de ser capaz, eu...

— Deixe disso, não se acanhe! Estou lhe pedindo como um favor! Yser, minha bela, não faça esse rapaz esperar e vá colocar o seu vestido. Minhas tintas já estão na paleta, como vê, tinha acabado de prepará-las. Basta esfriá-las com um pouco de líquido, que você tem aqui. Proceda por pinceladas leves, sobretudo para as mãos. Quanto ao vestido em si, é a área mais escura, terá menos dificuldade. Simplesmente evite retocar o que já fiz e avance com prudência. E, lembre-se, aconteça o que acontecer, não nos arrependemos!

Baltus pegou seu casaco e saiu em disparada como se a casa fosse arder em chamas. Samuel se viu sozinho no ateliê, inseguro quanto ao que devia fazer. Examinou o retrato, bom no conjunto mas sem verdadeiro talento, com áreas ainda brancas onde as formas estavam apenas esboçadas a lápis. Samuel nunca trabalhara num painel de madeira forrado com linho, mas já que Baltus insistia...

Yser desceu no fim de alguns minutos num esplêndido vestido de veludo preto. Sentou-se na poltrona com braços dourados, bem em frente ao cavalete. Sem uma palavra, acomodou-se na pose e Sam começou a misturar as tintas. Escolheu um pincel e, quando o cor-de-rosa alaranjado ficou suficientemente claro para o seu gosto, esboçou as mãos da menina. As dele tremiam ao aplicar as

primeiras pinceladas, mas, à medida que os dedos finos e delicados ganhavam vida na tela, sentiu um pouco mais de confiança. Ousava inclusive olhar para ela, como um pintor buscando captar a expressão do modelo. Sua semelhança com Alicia Todds continuava perturbadora, uma Alicia Todds de 17 anos, mais madura, com os olhos ligeiramente amendoados e rosto mais grave. Depois de meia hora desse cara a cara silencioso, Yser acabou quebrando o gelo:

— Você é um garoto engraçado, decididamente, senhor Waagen. Surge do cemitério para nos salvar, deixa o meu pai todo nervoso ao lhe revelar não sei que receita e não é que sabe pintar também!

Samuel não tinha certeza se aquilo era um elogio.

— Você parece tão desconfiada quanto o ouvidor!

— O ouvidor? Ele esteve aqui?

— Agorinha mesmo. Acho que estava atrás de você. Trouxe-lhe inclusive um presente.

Samuel viu as mãos da garota se contraírem ligeiramente.

— Seu pai me disse que vocês iam se casar...

— E a vontade dele — respondeu Yser um pouquinho mais baixo.

— Não é a sua?

— Uma filha deve obedecer ao pai, não é mesmo? Havia tanto calor naquela voz quanto nas águas geladas do canal. Samuel não insistiu. Molhou o pincel e acrescentou uma gota de líquido nas tintas escuras da paleta. Precisava de um preto que fosse ao mesmo tempo profundo e que evocasse o veludo do vestido. Um preto denso e puxando para o ameixa cairia muito bem.

— Vai ficar muito tempo em nossa casa? — indagou Yser após uma pausa.

— O mínimo possível, tranquilize-se. O tempo de... o tempo de ganhar um pouco de dinheiro.

— Fazendo o guindaste girar?

— Se não tiver outro jeito...

— Dizem que os *kranekinders* não são flor que se cheire. Alguns inclusive não passariam de ladrõezinhos.

Ela também o julgava cúmplice dos bandidos do cemitério! Uma obsessão, realmente!

— Lembro a você que foi o seu pai que me sugeriu o emprego no porto. Acabei de chegar a Bruges, não conheço ninguém. Principalmente os que atacaram vocês ontem, se é o que quer saber.

Yser hesitou antes de responder.

— É no que quero acreditar, Samuel — disse finalmente.

Baltus achava-se num alto grau de excitação: fazia bem umas três horas desde o jantar que girava em torno do seu fogão, alimentava o fogo com lenha, acrescentava um pouco de óleo e de terebintina, mexia o conjunto com a delicadeza de um chef. O cheiro era tão nauseabundo que foi preciso deixar as janelas abertas apesar da temperatura polar. Sam, com os dedos entorpecidos pelo frio, a gola levantada até o nariz, fazia o possível para parecer atento, ao passo que tinha apenas uma vontade: dormir. Mas restava-lhe uma última tarefa a realizar e ele teria sido mal-educado se manifestasse impaciência!

— Estamos chegando lá! — empolgou-se Baltus. — Observe a cor dessa pasta! E a untuosidade! Acho que acertei na mosca! Traga-me o bocal de vidro, por favor.

Samuel obedeceu como um zumbi. O velho colocou aquela espécie de garrafa no canto do fogão e instalou um funil no gargalo. Em seguida despejou com cuidado o conteúdo da panela, um líquido cor de âmbar cujos vapores ardiam os olhos.

— Pronto! Vamos deixar o preparado esfriando até amanhã. Vou coá-lo numa peneira e levá-lo ao fogo mais uma vez. Depois...

Seu olhar brilhava como o de uma criança.

— Depois, farei um primeiro teste com a pintura. E, se Deus quiser...

mas já o aborreci muito por esta noite, meu rapaz, é hora de irmos para a cama.

Cobriu o frasco com um pano úmido e, enquanto Sam fechava as janelas, começou a soprar as velas.

— Boa noite, Samuel Waagen — ele disse —, e obrigado pela terebintina-de-veneza!

Samuel fez menção de ir para o quarto, mas, assim que a vela do velho pintor desapareceu na escada, deu meia-volta. Precisava de um instrumento capaz de cortar tecido ou pele. Não encontrou tesoura, então pegou duas facas pontiagudas na prancheta. Na penumbra, o retrato de Yser tinha alguma coisa de

lúgubre, mas mesmo assim Sam estava orgulhoso das mãos da moça: parecia que haviam sido executadas pelo próprio Baltus. Parecia...

Uma vez na cama, desceu o telefone do esconderijo — de cima de uma viga — e consultou a data: *quinta-feira 10 de junho, 23h11*. Seis horas desde que deixara sua época... Ainda era aceitável, mesmo que sua avó estivesse arrancando os cabelos e Lili, provavelmente, preocupada também. O importante, ele suplicava, era que ela não parasse de pensar nele!

Samuel se concentrou então nas funções do celular: tinha vários planos para o dia seguinte. Em primeiro lugar, tirar umas fotos da cidade. Bruges sob a neve em 1430, "furo" planetário garantido! Mas, para isso, claro, precisava agir discretamente. Se o pegassem com aquele tipo de material, era prisão ou fogueira na certa.

Tirou a roupa e começou a examinar o casaco que na véspera "pegara emprestado" de um dos ladrões — Melchior, pela conversa dos dois *kranekinders*. O casaco era de pele com um forro de lã costurado. Será que havia um jeito de cortar uma espécie de bolso para enfiar o celular e fazer uma pequena abertura a fim de utilizá-lo sem ser visto: em caso de necessidade, bastaria pedir agulha e linha a Bonne quando acordasse.

Sam inspecionou o avesso do casaco à procura do melhor lugar para cortar. Descobriu uma abertura praticamente invisível sob a manga esquerda: o casaco já tinha um bolso! Enfiou dois dedos por trás do forro: o espaço era suficiente para guardar um celular, sob a condição de aumentar um pouco a parte de cima e... Sentiu de repente papel sob seus dedos. Um papel cuidadosamente enrolado... Puxou-o para a luz e o desenrolou. Estava muito mal escrito, quase ilegível, e Sam teve que ler várias vezes antes de decifrá-lo:

Em nome de Deus, amém. 7 de janeiro em Bruges. O portador receberá da minha conta com o banqueiro Grimaldi, libras 3 e cêntimos 12, pagáveis a partir do dia 11, sem manifestação da minha parte e segundo boa execução. Que Deus o proteja.

Havia uma assinatura também, ainda mais indecifrável que o resto. Que podia significar aquele texto? Tratava-se de dinheiro, do banqueiro Grimaldi, de um portador, de manifestação, de execução... Tudo acontecendo por aqueles dias. Será que o famoso Melchior roubara aquele papel de uma de suas vítimas na esperança de conseguir algumas moedas? De toda forma, Samuel pretendia retornar à praça da Bolsa no dia seguinte. Se um banqueiro estava envolvido no negócio, era lá que poderia saber mais. Além disso, uma outra idéia nascia na cabeça...

Samuel deu um bocejo de estalar o maxilar. Aquele bolso vinha muito a calhar, faria com que ganhasse minutos preciosos. Com a faca mais afiada, recortou no tecido uma janelinha de cerca de quatro por quatro centímetros, a qual lhe permitiria tirar algumas fotos, sem receio de ser visto. Se não ficassem boas, bastaria recomeçar. Também era magia, só que do século XXI! Enroscou-se deliciosamente sob as

cobertas. Dormir, finalmente. Pareceu ouvir um chiado do lado da entrada, mas estava esgotado demais para mexer um olho que fosse.

XV

Três libras e doze cêntimos

Já que não tem jeito, vamos lá — pensou Sam, inspirando profundamente para tomar coragem.

Atravessou num passo decidido a praça da Bolsa e abriu caminho por entre a balbúrdia dos mercadores e transeuntes. O tempo estava um pouco melhor que nos dias anteriores e a neve começava a derreter nas ruas, transformando-se numa espécie de sopa pisada e repisada por sapatos e cascos. Havia sempre muita gente na cidade e Sam pudera finalmente perceber na área dos torneios os cavaleiros de armadura, cercados por escudeiros e arautos que se gabavam de suas façanhas berrando numa espécie de megafone. Os capacetes e os escudos coloridos faiscavam na luz do sol de meio-dia e Sam ficou impressionado com as carapaças de metal e o tamanho das montarias: verdadeiras máquinas de guerra. Os choques eram sensacionais, as lanças se quebravam com estrépitos sinistros sob as aclamações da massa, e os combatentes caíam no chão levantando magotes de poeira e lama. Abrindo a aba do casaco,

Sam conseguira tirar três ou quatro fotos apesar do atropelo de gente. Entretanto, não se demorara, pois tinha mais o que fazer.

Ao chegar ao toldo, não houve nenhuma dificuldade para identificar o cambista Bartolomeo: era o que berrava mais. Seu sobrinho continuava à sua esquerda, cabeça debruçada em sua prancheta de cálculos. Sam esperou que um outro cliente se apresentasse: enfiou então a mão no casaco para pegar o celular e colocar na calculadora. Uma parte do seu futuro estava em jogo.

Após as cortesias de praxe, começou a negociação entre os dois homens: o comerciante, um carequinha barrigudo que viera a Bruges para comprar tecidos, queria trocar 642 ducados de Veneza em libras e cêntimos de Bruges. Pelo que observara na véspera e pelos esclarecimentos fornecidos por Baltus, Sam aprendera que a libra valia 20 cêntimos e o cêntimo 12 denários, o que fazia a libra equivaler a 240 denários. Para ele, que estava acostumado com o sistema decimal, isso complicava um pouco as coisas, mas ia treinando.

— Um cêntimo e cinco denários o ducado — propôs Bartolomeo.

— Um cêntimo e sete denários — barganhou o outro.

— Gabriel? Quer que eu feche a botica? Que eu abra falência antes da próxima feira? Um cêntimo e seis denários o ducado, Gabriel, não posso ir além.

— Fechado — rosnou o outro.

— Enzo, por favor! 642 ducados, a um cêntimo e seis denários o ducado.

O sobrinho começou a manipular suas fichas enquanto Sam, com a metade da cabeça escondida no casaco — obrigado, tela iluminada — digitava freneticamente: 1 cêntimo vale 12 denários — refletiu —, logo 1 cêntimo e 6 denários = 1,5 cêntimo. $642 \text{ ducados} \times 1,5 \text{ cêntimo} = 963 \text{ cêntimos}$. Uma libra vale 20 cêntimos, temos então: $963/20 = 48,15 \text{ libras}$ para 642 ducados. Pego 48, ponho na memória. Falta converter 0,15 libra em cêntimos. 1 libra = 20 cêntimos, logo $0,15 \text{ libra} = 0,15 \times 20 \text{ cêntimos} = 3 \text{ cêntimos}$ — era para esse tipo de ginástica que ele se preparara? Quantas libras já? Tecla de memória: 48.

— São 48 libras e 3 cêntimos — proclamou bem alto.

A conta levava quarenta segundos no total para ele. Bartolomeo e seu cliente se voltaram para ele, intrigados.

— São 48 libras e 3 cêntimos — repetiu —, eu lhes asseguro.

Enzo, perturbado com aquela concorrência inesperada, repetiu a conta duas vezes antes de poder confirmar, com pelo menos dois minutos de atraso:

— Ahn, sim, meu tio. São 48 libras e 3 cêntimos, isso mesmo. Bartolomeo observou Sam sem nada dizer e pagou o comprador de tecidos após ter puxado com agilidade seu cofre de sob o banco. Um segundo comerciante não demorou a se apresentar, desejando, por sua vez, converter 300 reais em moeda de Bruges. A discussão foi ainda mais acalorada — Bartolomeo ameaçava cortar as próprias veias! — antes que os dois compadres conseguissem se entender a respeito da taxa de câmbio:

1 real por 35 denários.

— Enzo — disse Bartolomeo ao mesmo tempo que espreitava Sam com o canto do olho — 300 reais a 35 denários o real.

Samuel não perdeu um segundo. Então $300 \text{ reais} \times 35 \text{ denários} = 10.500 \text{ denários}$. 1 libra valendo 240 denários, 10.500 denários equivaliam a: $10.500/240 = 43,75 \text{ libras}$. Mesmo cálculo de antes com os decimais: 1 libra = 20 cêntimos, logo $0,75 \text{ libra} = 0,75 \times 20 \text{ cêntimos} = 15 \text{ cêntimos}$.

— São 43 libras e 15 cêntimos — declarou orgulhosamente.

O pobre Enzo, visivelmente abalado, levou um tempo interminável para chegar ao mesmo resultado. Depois que o cliente foi embora, Bartolomeo dirigiu-se sem rodeios a Sam:

— Que está procurando exatamente, garoto?

— Trabalho — respondeu Sam com altivez.

— Quer dizer, para fazer cálculos?

— Exatamente.

— Mas você tem um segredo, não tem?

Samuel previra a pergunta: mostrou o forro do seu casaco onde desenhara um vago quadriculado a lápis com alguns algarismos para lhe servir de álibi.

— Tenho meu próprio sistema. Conto nos dedos e com isso.

— Se eu lhe perguntasse 543 vezes 956? Samuel repetiu o truque, camuflado sob o casaco:

— 519.108 — respondeu quase instantaneamente, claro! Bartolomeo examinava-o pensativamente. De repente, pareceu tomar uma decisão.

— Enzo, por que não vai assistir um pouco aos torneios? Hoje é o dia dos cavaleiros da Itália... Volte quando o campanário der a quinta hora, *capito*?

Seu sobrinho não se fez de rogado, e, passando por trás de Sam para lhe ceder o lugar, sussurrou-lhe:

— Obrigado! Volte todas as tardes que quiser!

Samuel sentou-se diante da prancheta com as fichas dando um jeito de se apoiar de viés na parede a fim de manipular o celular ao abrigo dos olhares. Primeira fase bem-sucedida.

— Enzo é meu sobrinho. É bom calculador, mas é lento como uma lesma. E não tenho mais meus olhos de vinte anos atrás, preciso de um auxiliar. Se eu tivesse alguém como você todos os dias...

Começou a falar baixinho para evitar que os outros o ouvissem:

— Quanto está pedindo, garoto?

— Quer dizer... — começou Sam. — Estou procurando uma moeda em particular. Uma moeda com um furo no meio. Teria uma assim?

Bartolomeo cocou a cabeça: decididamente, aquele garoto não era comum! Abaixou-se para pegar seu cofre e vasculhou por um instante lá dentro.

— Acho que recebi uma ou duas de um vendedor de peles. Eu estava bonzinho esse dia, mas me arrependi depois: ninguém quer moedas da Hungria ou de qualquer fim de mundo.

Mostrou-as de longe, dois círculos de metal de um amarelo triste e sem brilho — cobre? Eram aparentemente do tamanho certo e, o principal, vazadas no centro. Viva!

— Se trabalhar direito, pode ficar com as duas, garoto. Samuel sentiu um arrepio: tivera razão o tempo todo! As moedas encontravam-se efetivamente com um manipulador de dinheiro! Mais umas contas...

Um novo cliente acabava de se aproximar, com uma bolsa de couro na mão. Esvaziou-a no balcão.

— Tenho 1.000 florins para você, Bartolomeo — ele disse. — Quero uma cotação boa e rápida, antes que o mercado de tecidos feche.

Uma centena de multiplicações, outras tantas divisões, dezenas de somas e subtrações, às quais era preciso acrescentar percentagens, a Sra. Cubert teria ficado orgulhosa dele. Samuel nunca se aplicara tanto em matemática! Enfrentara algumas dificuldades por uma ou duas vezes — com o gordo de Estrasburgo, principalmente —, mas Bartolomeo fora paciente com ele, explicando que Roma não havia sido construída num dia.

Suas proezas acabaram inclusive atraindo alguns curiosos, que aplaudiam a rapidez de suas respostas. Seguramente, Sam tinha uma brilhante carreira de "calculador" à frente, pelo menos enquanto durasse a carga da bateria do celular. Passado um momento, entretanto, com os comerciantes rareando, Bartolomeo considerou que estava bom por aquele dia. Propôs a Sam que voltasse no dia seguinte, mostrando-lhe outras moedas extraordinárias — mas Sam foi evasivo. Depois de se apoderar das duas rodela metálicas e se certificar de que seu diâmetro correspondia — aproximadamente — ao da pedra esculpida, pediu um último favor ao cambista:

— Eu gostaria de lhe mostrar esse papel, senhor Bartolomeo. Veio parar nas minhas mãos, mas não consigo entender.

Estendeu-lhe a mensagem que descobrira no bolso secreto de Melchior. Bartolomeo endireitou as lentes no nariz e começou a ler:

— "7 de janeiro em Bruges. O portador receberá da minha conta com o banqueiro Grimaldi: libras 3 e cêntimos 12, pagáveis a partir do dia 11, sem manifestação da minha parte e segundo boa execução. Que Deus o proteja." Isso é um cheque ao portador.

— Um cheque ao portador?

— É. Quem fez esse cheque tem uma conta no banqueiro Grimaldi e a pessoa a quem ele entregou o bilhete pode retirar três libras e doze cêntimos a partir do dia 11.

— E o portador?

— O portador? *Ma, é você!* É você que porta o cheque, não?

— Quer dizer que se eu for ao banqueiro Grimaldi posso pegar esse dinheiro?

— *Si, ma* com uma condição: que o signatário do bilhete não tenha se manifestado em contrário e que você tenha executado a missão que ele ordenou.

— A missão?

— A missão, claro! Está assinalado na carta: "segundo boa execução". O banqueiro só pagará se a missão tiver sido executada e o signatário não mudar de idéia. Se não fez o trabalho bem-feito, o signatário vai dizer a Grimaldi para não pagar. Não era assim que estava combinado?

— Ahn, sim, claro. Mas é um pouco complicado para mim.

— E que trabalho era esse?

— Ahn... cálculos. Um monte de conta. Mas por que me pagar com esse tipo de carta e não com moedas verdadeiras?

— O cheque ao portador é muito comum por aqui. Permite aos comerciantes pagarem as pessoas a distância. Eu faço cheques em Roma, mando para você, e você recebe o dinheiro em Bruges. Assim, o dinheiro não viaja, apenas o papel. É menos perigoso.

— E onde posso encontrar esse banqueiro Grimaldi? Bartolomeo apontou com o dedo,

— Bem defronte!

Samuel agradeceu e atravessou a praça apertando as moedas na mão. Apenas mais uma escala antes de voltar para casa... A 30 metros dali, instalou-se diante de uma bancada onde estavam empilhados uns livros grossos com um homem ressequido dissimulado atrás.

— O que deseja, meu jovem? — perguntou Grimaldi com um sorriso forçado.

Samuel colocou o cheque sobre a mesa. Quanto menos falasse, menos risco correria de atrair problemas. Dedos compridos, manchados e enrugados como pergaminho antigo apoderaram-se do papel e dois olhos desconfiados o percorreram. Um brilho de interesse se acendeu quando ele viu a assinatura.

— Ah, está vindo da parte do Sr. Klugg, muito bem!

Sam não conhecia nenhum Sr. Klugg, o que não o impediu de balançar a cabeça com convicção. Entretanto, à medida que o banqueiro tomava consciência do cheque, Sam viu seus traços se congelarem.

— Três libras e doze cêntimos — murmurou ele com uma voz falsamente persuadida. — Sim, sim, perfeitamente. Vou pegar para você.

Levantou-se de sua cadeira e dirigiu-se à entrada da loja atrás dele.

— Não saia daí — acrescentou —, vou trazer o dinheiro. Samuel viu-o desaparecer pela porta, depois reaparecer em silhueta atrás de uma das vidraças do banco. Grimaldi fazia gestos largos com os braços como para chamar seus funcionários. Duas silhuetas se materializaram ao seu lado e ele pareceu distribuir suas ordens apontando para o lado de fora. "Ai", pensou Sam, "é para mim.." Teria o Sr. Klugg avisado ao banqueiro que lhe haviam roubado o cheque? Se era esse o caso, Grimaldi ia avisar a polícia. Ora, não era hora para isso — não era mesmo!

Sem esperar que alguém saísse gritando "ladrão!", Sam afastou-se sob os toldos. Ao chegar à extremidade da praça, começou a correr para se misturar à multidão. Eis no que dava ser muito curioso!

As moedas não funcionavam.. AS MOEDAS NÃO FUNCIONAVAM! Em vão as virara e revirara, a pedra esculpida não estava nem aí. Apesar disso, eram do tamanho certo, embora com as bordas irregulares. Mas não havia nada a fazer: nenhum sinal de calor, nenhum indício de tremor. Uma pedra fria e morta, como todas do cemitério! Com raiva, Sam as atirara numa vala. Estava bloqueado em Bruges!

Desnecessário dizer que a noite fora na verdade terrível. Yser lhe dirigira a palavra perguntando-lhe o que acontecera naquela longa tarde, mas Sam respondera com meras e remotas alusões à sua necessidade de ganhar dinheiro. Quanto a Baltus, estava duplamente eufórico. Primeiro, com a idéia de apresentar seu quadro no concurso do dia seguinte, mas também porque se julgava prestes a desvendar o segredo de Van Eyck.

— Estou bem perto, sinto isso! O óleo ainda está muito viscoso para ser misturado à tinta, mas falta só um pouquinho! A guilda vai ser obrigada a me eleger primeiro-mestre.

Ele aparentemente se esquecera do papel de Sam em seus progressos espetaculares... Além de tudo, Bonne continuava com a amabilidade de sempre, servindo-lhe muito menos sopa que aos outros ou lhe

dando um pedaço de osso sem carne à guisa de comida. Sam não ligava, estava sem fome.

Já passava da meia-noite e Sam estava deitado em sua cama, olhos arregalados. Tinha se julgado esperto com aquela história de cambista, mas perdera um tempo precioso. Em que direção procurar agora? A capela do cemitério estava hermeticamente fechada e ele nada encontrara ao se aventurar no Velho Bosque. Onde então estava a moeda? E o seu pai? Como podia salvar seu pai se não era capaz de salvar a si próprio?

Único motivo de satisfação: as fotografias. Não as do torneio, difusas e mal enquadradas — os cavaleiros pareciam estar vestindo fantasias —, mas as panorâmicas de Bruges que ele captara no caminho do cemitério. As muralhas, o campanário, a torre, as guaritas, a vista da cidade... Já era o bastante.

Um ligeiro estalo no corredor. A porta da entrada, de novo! Dessa vez, Sara estava sem o mínimo sono. Vestiu-se às pressas e saiu do ateliê na ponta dos pés. A chave estava girada, o ferrolho aberto, Do lado de fora, a neve dos últimos dias cedera lugar a uma fina camada de lama escura. As marcas de sapatos partiam para a direita. Que tinha a perder? Saiu para a rua terminando de abotoar o casaco. O misterioso andarilho aparentemente se dirigia para o canal. Samuel foi no seu encalço mantendo certa distância, e, após ter atravessado três ou quatro ruazinhas, desembocou na ponte sobre o Reie. Não havia mais ninguém no horizonte...

Sentiu-se bruscamente agarrado por trás.

— Pegamos o espiãozinho!

Um punho sólido descera sobre o seu braço, obrigando-o a se voltar. Um rapaz alto de cabelos louros o encarava fazendo caretas.

— Eu sabia que você estava metido no golpe! Baltus está sendo engabelado!

Por trás dos seus ombros largos e seus cabelos desalinhados, Sam percebeu a silhueta de Yser, com um capuz na cabeça. Yser!

— Estava atrás dela, hein?

— Não — replicou Sam tentando se desvencilhar. — Eu não sabia que era ela! É a terceira vez que alguém sai de casa à noite e...

— Estava atrás dela, sim! Assim como fazia parte do bando que os atacou! Chegou a minha vez de lhe aplicar um corretivo.

— Espere, Friedrich! — interveio Yser. — É possível que ele não esteja mentindo. Talvez tenha sido uma coincidência.

— Uma coincidência? Ele teria surgido do nada, só para ajudá-los? E depois se instalado na casa de vocês! Repito que é um espião do ouvidor! E que tudo que ele merece é uma boa sova!

— Fale mais baixo, Friedrich, pelo amor de Deus! Se o meu pai souber que...

— Eu posso berrar, se quiser — arriscou Sam. — Pelo menos teremos a opinião dos vizinhos!

— Solte-o, Friedrich — intimou Yser. — Não vai resolver nada amotinar o bairro!

O rapaz libertou Sam a contragosto.

— Se você pelo menos me explicasse — sugeriu Sam. — Já lhe disse ontem, o ouvidor não é meu amigo! Ele também acha que sou um daqueles ladrões!

— Isso me espantaria — resmungou Friedrich. — Foi ele o mandante...

— O mandante?

— Friedrich está convencido disso — apoiou Yser.—Desde o início, acredita porque acredita que o ouvidor os contratou para nos atacarem.

— Para atacarem vocês? E ele espera casar com você desse jeito?

— Ele é ardiloso — sussurrou Friedrich. — Queria quebrar o braço de Baltus para que ele não pudesse mais pintar. Sem pintura, nada de prêmio no concurso.

— E sem prêmio no concurso, mais uma chance para ele se casar comigo — completou Yser. — Ele sabe muito bem que o meu pai é favorável a esse casamento porque a preocupação dele é que não me falte nada. Se o dinheiro voltasse a entrar, ele hesitaria mais.

O ouvidor teria preparado uma armadilha para impedi-lo de vencer o concurso... Eis por que ele não apreciava a presença de Sam! Sam era o intruso que quase estragara tudo!

— Além disso — acrescentou Friedrich —, ele tem ocupações não muito cristãs. Entrei no laboratório dele várias vezes. Lá dentro é só magia! Cheio de pós bizarros, velhos alfarrábios, redomas com animais mortos...

Não podemos abandonar Yser, ele a deixaria louca.

— Conseguiu entrar no laboratório dele?

— Sou criado no Prinsenhof, o palácio onde ele mora. Às vezes sirvo na torre. E quando ele trabalha com seus malditos metais, acredite, é uma fumaceira só.

— Foi lá que nos conhecemos, no Prinsenhof — esclareceu Yser. — Depois, nós... nós nos apaixonamos.

Samuel julgara pressentir aquilo.

— E se encontram à noite?

— Meu pai não quer ouvir falar desse casamento. Pode ser que Friedrich não tenha fortuna — acrescentou com amargura —, mas é honesto e corajoso. Nada a ver com aquele pretensioso Klugg, por mais ouvidor que ele seja.

— Klugg? — Sam deu um pulo. — O ouvidor se chama Klugg!

— Claro, por quê?

— Klugg! Mas... então você tem razão! Foi ele! Foi ele, o ouvidor! Ele pagou os ladrões, tenho a prova!

Friedrich olhou para Sam como se ele acabasse de ser picado pela serpente que enlouquece.

— É uma piada?

— Yser, você tem que lembrar! O casaco que peguei do ladrão naquela tarde... Tinha um bolso no forro, com um cheque ao portador assinado Klugg. Klugg, igual ao ouvidor! Ele prometia 3 libras e 12 cêntimos pela execução de determinada missão. E essa missão era atacar o seu pai!

— Canalha! — irritou-se o criado. — Ele merece que...

— Mais baixo, Friedrich, por favor! E esse cheque — interrogou Yser esperançosa —, você o guardou? Se o mostrássemos ao meu pai, abriríamos os olhos dele!

— Infelizmente entreguei o cheque ao banqueiro Grimaldi — confessou Sam. — Eu não podia adivinhar sua importância!

Houve um silêncio embaraçoso. Os dois namorados abaixaram os olhos, arrasados. Haviam estado tão perto de se livrar do ouvidor!

— Tenho uma idéia — começou Sam.

Pouco a pouco, as coisas clarearam na sua cabeça. Se Klugg estava na origem do negócio, era possível que também estivesse no bosque vigiando a execução do plano... Ora, se a teoria de Sam estivesse correta, a moeda devia estar nas proximidades da pedra para que esta funcionasse. Ou, pelo menos, não muito longe... Klugg não estava com a moeda naquele dia?

— Ele trabalha com metais, não é verdade? — perguntou Sam. — Eu o castiçal que ele fez para você... Sabe se ele também fabrica moedas, de vez em quando?

— Moedas, isso é proibido — respondeu Friedrich. — Em compensação, vi uma espécie de pratos no seu laboratório, medalhas e vários outros objetos.

Medalhas...

— Qual é a sua idéia? — perguntou Yser.

— Vocês precisam de uma prova contra o ouvidor para impedir esse casamento, não é? Vou procurá-la diretamente no laboratório dele. Friedrich será o meu guia.

XVI

O alquimista

Psiu!

Samuel voltou a cabeça. Friedrich estava na moldura da porta — bem no fundo do recinto e lhe fazia sinal com a mão. Nenhum dos trezentos convidados reunidos na imensa sala abobadada do Prinsenhof prestava atenção neles e, embora os trinta retratos concorrentes estivessem expostos ao longo das paredes, a maioria dos convidados se aglomerava em frente a uma mesa onde garçons de cinza e branco — as cores do conde — serviam vinho quente com especiarias. Um murmúrio percorreu os presentes quando Filipe, o Bom, vestindo um manto vermelho com reflexos bruxuleantes, fez sua entrada majestosa em meio aos seus conselheiros. O ouvidor estava na terceira fileira.

— Agora! — sussurrou Yser.

Samuel fingiu admirar os quadros dirigindo-se imperceptivelmente para os fundos, com sua xícara fumegante na mão.

— Caros amigos — declarou o conde com uma voz amável —, sejam bem-vindos ao Prinsenhof! Tenho certeza de que os imaginistas de Bruges realizaram maravilhas. Vejamos então esses retratos, e que o concurso comece!

Houve aclamações e Sam deslizou pelo vão da porta.

— Eles vão ficar nisso um tempão — sussurrou Friedrich —, venha! Enveredaram por uma série de corredores reservados aos criados antes de atingirem a torre que ficava no canto do palácio.

— É aqui que o ouvidor mora — explicou Friedrich. — A escada que desce leva até às cozinhas, a que sobe, aos aposentos e ao laboratório.

— Não corremos o risco de topar com alguém?

— Todo mundo está se divertindo na recepção, inclusive o ouvidor.

— E para abrir o laboratório?

Friedrich sacudiu uma argola de ferro na qual estava presa uma chave maior que as comuns.

— Perfeito — aprovou Sam. — É melhor você ficar aqui para me avisar em caso de perigo.

— Não prefere que eu vá com você?

— Se agarrarem nós dois juntos, não vamos conseguir nada! O melhor é você ficar na espreita, é mais seguro. Existe algum lugar para eu me esconder se as coisas derem errado?

— No andar em cima do laboratório, no topo da torre.

— Combinado. Se alguém chegar, você entra para me avisar e a gente se esconde lá em cima. Com um pouco de sorte, ninguém nos verá.

— E quanto à prova, como vai fazer?

— Eu me viro. De toda forma, também tenho uma coisa para recuperar.

Samuel se lançou pela escada. No segundo andar, girou a chave na grande fechadura em forma de boca de lobo, depois acionou a porta, que rangeu ao abrir. O recinto era menos escuro do que se podia esperar, graças aos dois vãos bem amplos por onde a luz entrava. Era circular — normal para uma torre — e estava abarrotado de livros, frascos, mesas soterradas por pergaminhos, aves empalhadas, gravuras estranhas, com instrumentos metálicos que pendiam do teto como salames enferrujados, tudo impregnado por um cheiro de queimado — um ponto em comum com o ateliê de Baltus. No lado oposto à lareira estava o fogão, onde Klugg provavelmente realizava seus experimentos. Havia também armários com uma espécie de alambique para destilar álcool, recipientes cheios de ervas e pós, redomas com pequenos animais secos — camundongos e lagartos — ou mergulhados num líquido esverdeado. Sam tentou reunir seus poucos conhecimentos sobre alquimia: ouvira falar da pedra filosofal — obrigado, Harry Potter —, da fabricação de ouro a partir de chumbo ou mercúrio — não se lembrava mais —, e isso era tudo. Ia precisar dos seus instintos...

Aproximou-se do fogão de argila que batia na cintura dele e do qual emanava um suave calor. O compartimento inferior estava cheio de brasas incandescentes e o superior, escavado como uma espécie de pia de barro cozido, recebia um recipiente oval enfiado até a metade no borrinho quente. Era assim que se fabricava ouro? Entretanto, não havia vestígios no laboratório... Abriu em seguida um grande baú sob a janela e deu com o monte de pratos e medalhas mencionados por Friedrich. Aparentemente, tratava-se de criações originais, em formas mais ou menos concluídas, representando os diferentes testes metalúrgicos de Klugg. Samuel chegou a reconhecer espirais que deviam ter servido como modelo para o castiçal de Yser. Mas nada de moeda.

Dirigiu-se então para a mesa perto da segunda janela e seu pulso se acelerou brutalmente; havia uma profusão de esboços da pedra esculpida jogados displicentemente sobre os livros!

Sobressaíam desenhos a lápis, com o túmulo visto de diferentes ângulos e, em um dos pergaminhos, o sol com os seis raios rodeado de indicações cifradas. Um mapa em escala com medidas precisas! O ouvidor

buscava desvendar o segredo da peça, isso era evidente!

Sam inspecionou o gabinete cantarolando. Sentou-se na poltrona em frente ao velho livro de sortilégios aberto no qual Klugg devia estar trabalhando. As páginas estavam cobertas de símbolos incompreensíveis, mas também de pequenos desenhos que representavam meia dúzia de pedras esculpidas em contextos diferentes: um templo — grego? —, o tronco de uma árvore, uma rocha na encosta de uma colina, a base de uma estátua tipo ilha de Páscoa etc. Um catálogo de pedras esculpidas, de certa maneira! Samuel respirou fundo tentando manter as idéias claras. Seus olhos percorriam a página à sua frente onde algumas palavras haviam sido escritas em maiúsculas. Uma tradução em latim, ele supôs, de uma das passagens do velho alfarrábio:

SI QUIS SEPTEM CALCULOS COLLEGERIT, SOUS POTIETUR,

SI EFFECERIT UT SEX RADII FULGEANT, COR EJUS

TEMPUS RESOLVET.

TUM PERPETUUM AESTUM COGNOSCET.

A tinta vermelha ainda estava fresca, sinal de que o ouvidor acabara de largar o trabalho para comparecer à recepção, Samuel xingou o tradutor simultâneo no interior da sua cabeça que só lhe permitia compreender a língua de Bruges. Deveria ter seguido o exemplo de Lili, obrigada pela mãe — uma de suas outras manias — a estudar latim! Paciência, talvez aquele texto não fosse importante: pegou-o e o enfiou no casaco a fim de examiná-lo mais tarde. Percorreu em seguida as folhas do velho alfarrábio. Este não tratava apenas da pedra esculpida, mas também da coleção de monstros ou objetos estranhos que deviam ser usados nos rituais de magia da época. Pelo menos era o que se podia deduzir a partir das ilustrações: um morcego com rosto de criança, uma ave empalhada batendo as asas, um fogão como o do laboratório, um cajado nodoso incrustado de pedras preciosas...

— Instrutivo, não é mesmo?

A pergunta espocou no cérebro de Sam como um fogo de artifício. Não vira nem ouvira absolutamente nada chegar! Voltou-se, gelado, e se viu cara a cara com o ouvidor, que empunhava uma faca. Curiosamente, não parecia furioso, mas, ao contrário, satisfeito.

— Eu estava me perguntando onde você tinha se metido, mocinho. Ou melhor, não, fui levado a me perguntar.

Apontou sob um dos armários para um painel de madeira que girava, revelando um corredor escuro.

— O Prinsenhof tem seus segredinhos, igual a você. Sabe fazer o Sol funcionar, não é? Foi graças a ele que você apareceu outro dia para defender Baltus...

Samuel estava sem condições de reagir. Continuava boquiaberto, estupidamente, sem articular uma sílaba.

— E foi você também que esteve ontem com o banqueiro Grimaldi...

Sei de tudo, ele me descreveu sua cara feia, mocinho... Esperava receber as três libras, não é mesmo?

Klugg sacou um papel do seu gibão e agitou no nariz dele.

— Suponho que reconheça esse cheque... Pena que a velha cobra do Grimaldi não o agarrou de uma vez, isso iria me poupar...

Deixou a frase inacabada, como para não assustar sua presa. Entretanto, suas narinas fremiam de uma maneira esquisita e Sam não estava gostando do brilho amarelo do seu olhar.

— Sabe há quanto tempo me interesse pelo Sol? Samuel fez sinal de que estava por fora.

— Há mais de um ano fui informado sobre essa gravura bizarra no cemitério do Velho Bosque. Num túmulo tão antigo que dizem que é anterior ao próprio cemitério. Sabe como são as lendas... Em todo caso, o dia em que fui até lá era o dia do enterro da mulher de Baltus. Foi então que Yser pela primeira vez. Dois sóis no mesmo lugar, aquilo não podia ser uma coincidência...

Com sua mão livre, virou distraidamente as folhas do alfarrábio.

— Conhece a origem da palavra "alquimia", mocinho? Claro que não. É *cemescb*. Em hebraico: o sol. Tudo nasce do sol. Tudo! O calor, a luz, a vida... É atingindo a pureza do seu fogo que o alquimista pode vir a transformar metal em ouro. Todos os livros repetem isso. Outros evocam os poderes superiores do "Sol sobre a pedra"... O *Tratado das treze virtudes da magia*, por exemplo, que comprei de um árabe. Um livro difícil, mas cheio de ensinamentos. De umas semanas para cá venho tentando resolver os seus enigmas, sobretudo a respeito da maneira de fundir as peças. Você vai me ajudar, espero...

Klugg moveu a lâmina sob o queixo de Sam.

— Aju... ajudá-lo? Como poderia ajudá-lo? Não entendo nada dessa escrita e...

— Blá blá blá! Eu sei que você fez o Sol funcionar, mocinho! Ele estava quente da outra vez, depois da sua passagem. Infelizmente, foi em vão que enfiei a moeda no interior da pedra, ela não quis se

transformar em ouro. Suponho que lhe falte o calor necessário. Mas você... você sabe fazer esse calor renascer, não é mesmo?

A ponta da faca espetou Sam no pomo-de-adão e uma gotinha de sangue escorreu pelo seu pescoço.

— Pense bem, mocinho. Você surrupiou um cheque ao portador e tentou descontá-lo com o banqueiro Grimaldi. Você invadiu o meu laboratório com a esperança de roubar não sei o quê. Ninguém poderá me censurar por tê-lo detido. Ainda que, desgraçadamente, essa detenção vá terminar mal! Portanto, é melhor me responder: sim ou não, você acionou o Sol da pedra no cemitério do Velho Bosque?

Samuel não tinha escolha.

— Eu... Sim.

O ouvidor respirou mais forte e a faca começou a tremer ligeiramente.

— Bem — ele suspirou. — Você é um bom menino. Agora... Três batidas vigorosas estrondearam na porta.

— Patrão, patrão! Era a voz de Friedrich.

— Quem é? — rugiu o ouvidor.

— Van Todds, patrão! O senhor precisa vir imediatamente!

Van Todds?

— O quê?

— Atacaram o conde! Estão chamando o senhor! O ouvidor hesitou uma fração de segundo.

— Entre!

Friedrich abriu a porta e empalideceu ao ver a arma.

— Patrão, o que é que...

— Escute, Van Todds. Acabo de surpreender esse espertinho bisbilhotando no meu laboratório. Quero que fique de olho nele até eu voltar. Ele não pode falar com ninguém! Está entendido?

Friedrich concordou, visivelmente atrapalhado.

— Agora me explique o que aconteceu.

— Um convidado — gaguejou Friedrich. — Sacou uma adaga enquanto o conde admirava os quadros.

— O conde está ferido?

— Está, no braço, mandaram chamá-lo.

— E o agressor?

— Estão atrás dele...

— Tudo bem. Você vai pegar essa faca, Van Todds, e vigiar esse garoto até eu voltar. Se fizer exatamente o que estou mandando, haverá uma bela recompensa para você.

Friedrich pegou a arma evitando olhar para Sam. O ouvidor observou a cena por um instante, depois se dirigiu para a porta, expressão preocupada. Não teve tempo de dar três passos: Friedrich agarrou a frigideira pendurada no teto e se precipitou sobre o patrão. Desferiu-lhe um golpe esplêndido no crânio — tipo um *smash* no tênis —, e Klugg desabou no chão sem uma palavra — *game, set e match!*

— Faz tempo que eu esperava por isso — comentou sobriamente Friedrich.

Empurrou a porta com o pé e se voltou para Sam, que não saíra um centímetro do lugar.

— Tudo bem? Achei que você estava demorando muito para descer e vim saber notícias. Quando ouvi vozes...

— E o conde? Foi atacado de verdade?

— Não, claro que não, precisei inventar uma desculpa qualquer! Mas agora não podemos deixar o ouvidor escapar. Está com a prova? Samuel não respondeu imediatamente.

— Você... você se chama Van Todds, é isso? O outro sorriu.

— Sim, e daí?

— Vou lhe dar essa prova. E você, em troca, vai me fazer uma promessa: vai se casar com Yser.

— Que bela promessa, meu amigo! Não quero outra coisa! Só que, depois do que aconteceu, é bem possível que Klugg não nos receba com flores!

— Você só tem que sair da cidade por um tempo. E inclusive levar Yser com você. Vocês descobrirão um jeito. O importante é que se casem. Vamos, pegue esse papel, ele vai convencer Baltus.

Mostrou-lhe o cheque sobre a mesa e não despregou os olhos dele enquanto ele lia. Friedrich Van Todds! Ele era o tatara-tatara-tatara etc. avô de Alicia Todds! Contanto, claro, que se casasse com Yser e tivessem filhos! Eis por que Yser e Alicia se pareciam tanto! Alicia era o retrato escarrado da sua remota ancestral!

— Klugg canalha! — exclamou Friedrich.

— Não podemos demorar — disse Sam. — O ouvidor pode voltar a si de uma hora para outra. Onde é a saída mais próxima?

— Embaixo, pelas cozinhas. Mas primeiro preciso entregar esse cheque a Baltus e me explicar com Yser. Caso contrário, o ouvidor vai colocar tudo nas minhas costas. E você, conseguiu o que queria?

— Quase...

Samuel se debruçou sobre o corpo inanimado do ouvidor. Tinha certeza de que ela estava ali... Apalpou a espécie de calça embaixo do gibão e descobriu no cinto uma bolsinha fechada com um nó. Enfiou dois dedos no interior: havia efetivamente uma moeda redonda com um furo no meio.

— Tenho que ir, Friedrich — disse esforçando-se para disfarçar sua emoção. — Foi um prazer... foi um prazer ter conhecido vocês, você e Yser. Você não pode imaginar.

— Vamos, Waagen, não faça essa cara, vamos nos ver de novo! Por que não em Malines, seria uma boa idéia, não acha?

— É, boa idéia sim — sussurrou Sam.

Apertaram-se as mãos e desceram a escada sem barulho. Friedrich tomou o corredor que levava ao salão de recepções, enquanto Sam continuava em direção às cozinhas. Estava dividido entre a impaciência de retornar à sua época e o sentimento de abandonar para sempre uma parte da sua história. Traíndo assim Friedrich e Yser... Seria esse o preço da viagem?

XVII

Versão latina

Samuel se levantou titubeante. Estava completamente escuro a sua volta, mas os cheiros lhe eram familiares: uma mistura de livro velho, pano e poeira. Estava de novo na Livraria Faulkner!

Recuperou o celular na cavidade, vibrando por ter finalmente conseguido trazer provas. Ligou o telefone e se orientou pela luz azulada. A tela indicava: *sexta-feira, 11 de junho, 16h42*. Um dia de ausência no total e algumas chateações em vista. Nada comparável ao risco que seu pai corria no castelo de Vlad Tepes... A menos que ele houvesse retornado nesse meio-tempo...

Sam saiu do seu esconderijo com a mesma sensação de enjôo da vez precedente, como se a casa adernasse sobre seus alicerces. Subiu até a cozinha e tomou um copo de água. Procurou um pacote de biscoito, só encontrou um resto nojento de torrada dormida, mas contentou-se com isso e ligou a televisão perto do microondas. Ainda devia estar sob o efeito de sua "transferência", pois o sujeito que comentava as imagens de leões na savana repetia as frases de maneira ridícula:

— Tabatha é a mais brincalhona da ninhada/Tabatha é a mais brincalhona da ninhada, enquanto Paulus é o mais atrevido/enquanto Paulus é o mais atrevido. É ele, assim que a mãe lhe dá as costas/é ele assim que a mãe lhe dá as costas, que leva seus irmãos e irmãs para descobrirem o vasto mundo/que leva seus irmãos e irmãs para descobrirem o vasto mundo.

Quanto ao leãozinho chamado Paulus — Tabatha, Paulus, os leões tinha gostos esquisitos em matéria de nomes —, dava dois chutes seguidos com a pata no coitado de um escaravelho que passava por ali e que, por conseguinte, rolava duas vezes sobre si mesmo. Esse efeito de *déjà-vu* era perturbador, uma vez que se produzia aqui e agora. Ao cabo de dez minutos, felizmente, o eco sumiu.

Um pouco mais lúcido, Sam se deu conta então de duas coisas: em primeiro lugar, francamente, não estava cheirando bem — a tina de água gelada no sanitário de Baltus era muito pouco para ele; depois, tinha manchas bizarras na camisa. Tirou-a por cima sem desabotoar e, após um rápido exame, acabou entendendo: ele enfiara o pergaminho do ouvidor sob seu casaco e a tinta vermelha devia ter decalcado no tecido branco. Quando ele estivera no cemitério do Velho Bosque, tinha efetivamente inserido a moeda no sol, mas não se preocupara com suas roupas. O casaco e a calça haviam se volatilizado durante a viagem, bem como o papel nelas dissimulado. Seria o calor, a energia liberados pela pedra? Em todo caso, os caracteres estavam *impressos* na sua camisa. Ainda que estivessem impressos de trás para a frente...

Samuel correu até o seu quarto no andar de cima, pegou um papel e um lápis e, colando a camisa contra o vidro, copiou por transparência o texto do velho alfarrábio:

SI QUIS SEPTEM CALCULOS COLLEGERIT, SOLIS POTIETUR.

SI EFFECERIT UT SEX RADII FULGEANT, COR EJUS

TEMPUS RESOLVET. TUM PERPETUUM AESTUM COGNOSCET.

Para ser honesto, mesmo numa folha quadriculada do século XXI e com um lápis preto do século XXI, aquelas frases não diziam muito para ele. Lili provavelmente teria mais inspiração... Pegou roupas limpas no armário e decidiu tomar uma chuva. Ainda mais que, com a diferença de temperatura, estava suando em bicas! Ao se ver no espelho do banheiro, achou-se bastante mudado. Seus ombros não estavam maiores? E as coxas também? Ou seria a penugem em suas faces que crescera? Ou ainda simplesmente sua fisionomia cansada que o envelhecia?...

Depois de se enxugar e passar um perfume, Sam fechou sua mochila para voltar para a casa da avó. Ruminava no que dizer quando um barulho de cadeira veio da cozinha. Paulus e Tabatha teriam feito alguma estripulia durante sua caçada ao escaravelho? Sam desceu a escada sorrateiramente. Outro tipo de fera estava diante da geladeira aberta, totalmente mauricinho e bronzeado: Rudolf, o pajem da tia Evelyn.

— Quer uma cerveja? — arriscou Sam o mais animadamente possível.

Rudolf voltou-se para ele, os maxilares crispados.

— Bestalhão! — vociferou. — Era aqui que estava escondido? Bateu a porta da geladeira e agarrou Sam em duas passadas. Na mão

direita, segurava o celular que Sam deixara na mesa.

— Quer dizer então que resolveu nos desafiar! Sabe como estão seus avós? E sua tia?

Sam não se mexeu quando Rudolf ergueu a mão para golpeá-lo. No último instante, entretanto, este se conteve e contentou-se em agarrar o seu braço.

— Por onde anda desde ontem? Procuramos em todo canto...

— Estava em casa — replicou Sam. — Esta casa é minha, sabia?

— Enquanto seu pai não voltar, você está sob a responsabilidade da família! Tem a obrigação de nos obedecer!

— Você não é da família!

Uma faísca de ódio cintilou fugazmente nos olhos de Rudolf. Ele mal se continha.

— Isso é o que veremos — rosnou. — E esse celular? Lili achou que tinha perdido. Foi você que roubou, claro! Para fazer o quê? Para revendê-lo? Você tem cara de um desses garotos de rua dispostos a qualquer coisa para comprar drogas!

Samuel hesitou em lhe dizer que não roubara nada e que fora Lili que, espontaneamente, lhe emprestara o celular — sem pedir sua opinião, além do mais. Mas isso teria apenas colocado sua prima em apuros.

— Pode ver claramente que não o vendi, uma vez que ele está aqui!

— Eu devia levá-lo para a polícia para você perder a vontade de mentir. Se a gente não corta desde o início as asinhas da vadiagem... Você tem sorte de ter a sua tia!

Sorte grande, realmente!

Sem soltar seu braço, Rudolf arrastou-o até o carro. Sam não lhe opôs senão uma débil resistência: de toda forma, não estava com a menor vontade de pegar o ônibus para voltar para a casa dos avós. Em compensação, foi obrigado a sofrer um interrogatório em regra, enfeitado com observações ácidas sobre a irresponsabilidade do seu pai, que o deixava largado no mundo. Sam mordeu os lábios, totalmente convertido às virtudes do silêncio.

Ao chegar a casa da avó, seu falso tio se metamorfoseou: de budolgue agressivo transformou-se em são-bernardo protetor conduzindo a ovelha desgarrada de volta ao redil.

— Encontrei-o, vovó, e não foi nada fácil! Ele diz que dormiu na rua Barnboïm, mas não estou muito certo disso!

A avó se precipitou para o neto para cobri-lo de beijos.

— Meu Sammy! Meu Sammy! Tive tanto medo! Tanto medo! O que houve?

— Eu precisava ficar sozinho, vovó. Afinal, tenho o direito de ficar um pouco na minha casa, concorda?

— Claro, naturalmente! Mas por que fugir? Assim, sem uma palavra, nada!

— Se quer a minha opinião — insinuou Rudolf —, ele não desejava é estar aqui para receber o boletim.

Ai, o boletim.. Nem se lembrava mais do boletim. Obrigado, Rudolf!

— Recebemos esta manhã — admitiu seu avô. — É verdade que não está lá essas coisas. Mas temos que entender que o guri não teve uma vida fácil nestes últimos tempos. E depois, convenhamos, não foi uma tragédia!

— Da minha parte, continuo a achar que deveriam mandá-lo para o internato no ano que vem — insistiu Rudolf. — Se Allan não voltar, vamos ter que tomar uma decisão.

Houve um silêncio aflito que Sam foi o primeiro a romper.

— Ele vai voltar — afirmou em voz alta. — Juro que ele vai voltar! Seu avô balançou a cabeça.

— Claro que vai voltar! Allan volta sempre! Aliás, Sam, um amigo seu telefonou. Onk ou Monk, não entendi muito bem.

Monk? Monk lhe telefonara?

— Para lembrar do torneio de judô amanhã. Parecia fazer questão da sua presença.

Óbvio, Monk planejava arrancar a pele dele na frente de todo mundo!

— Quer dizer, não estou no melhor da minha forma — desculpou-se Sam. — Nem treinei de verdade durante a semana, então se for para ser eliminado na primeira rodada...

Sua avó deu-lhe um tapinha no braço com um sorriso indulgente, mas Rudolf não entendia a coisa daquele jeito.

— Se ceder em relação a isso, a senhora vai lhe prestar um mau serviço. Sobretudo depois do que ele fez! Samuel precisa de regras, de disciplina, e a competição é o melhor instrumento para forjar um caráter. Se ele desiste diante do primeiro que aparece, como fará para se virar depois?

Por que aquele enxerido tinha que se meter? Droga! Sua avó pareceu sensível aos seus argumentos.

— Mas você sempre gostou do judô...

— É... É só porque estou um pouco cansado e...

— Acho que Allan gostaria que você fosse — decidiu seu avô. Rudolf tivera sua desforra. Deu o golpe de misericórdia com satisfação.

— Poderíamos lhe fazer companhia, isso lhe daria coragem! E, pelo menos, saberíamos onde ele está!

Como castigo, Samuel não pôde sair do quarto pelo resto da noite e foi proibido de falar com Lili — como que para limitar sua nefasta influência sobre a menina. O famoso "roubo" do celular pesara na decisão e seus avós haviam sido compelidos a castigá-lo. Estranho como a presença de Rudolf fazia a balança pender em seu prejuízo! E como se não bastasse, durante a refeição, Sam teve que agüentar uma saraivada de críticas da parte da tia Evelyn: mau aluno, quase delinqüente, vagabundo em formação e outros elogios. Vislumbrava seu futuro: se o seu pai não voltasse, seria mandado para o internato-prisão de Meriadek, nos Estados Unidos. Sam, mais uma vez, julgou prudente manter o bico fechado,

No quarto, pegou quatro ou cinco folhas de rascunho, escreveu umas palavras e amassou-as. Foi então até a sacada e lançou as bolas de papel pela janela aberta de Lili: precisava falar com ela de qualquer maneira...

Ela ainda estava no andar de baixo com a mãe, mas ia acabar subindo e descobrindo as folhas no carpete. Enquanto isso, Samuel sentou em frente ao computador. Procurou "Hans Baltus" na internet, sem sucesso: existiam alguns Hans Baltus, músico ou campeão de ciclismo, mas nenhum relacionado ao pintor da Idade Média. Aproveitou para aprender que "Klugg" — ou Klug — era um tipo de bolo ao rum e que Yser era um rio da região de Bruges — Bruges situando-se, como ele presumira, no noroeste da Europa. Navegou em seguida pelas galerias de arte virtuais sobre pintura flamenga, mas igualmente sem sucesso: se havia muita coisa sobre os quadros de Van Eyck, não havia vestígios do retrato de Yser. As duas mãos brancas e o vestido preto que ele se esmerara ao pintar não haviam passado à posteridade!

Dali a pouco um pequeno sinal sonoro avisou-o de que Lili acabava de se conectar ao chat indicado por ele nas bolas de papel. Nome do usuário: *garotodapraia*.

LILI: Parabéns! Meu quarto = lixeira! Brincadeira, estou contente de poder falar tranqüilamente. Não sei o que minha mãe tem, deve ser o Rudolf. Está todo mundo pirado por aqui! E você, tudo bem? Soube que teve que aturar R no jantar.

SAM: Não vi o meu pai = não era a época certa. Recuperou as moedas?

LILI: Vi você no Livro do Tempo. Estava em Bruges, em 1430, não é? As moedas estão ok, na minha bolsa. Não parei de pensar em você!

SAM: 1.000 x obrigado. Sem você, eu teria simplesmente sido enforcado! Conto depois. Fez progressos em latim? Você precisa traduzir uma coisa para mim. Talvez seja importante:

"SI QUIS SEPTEM CALCULOS COLLEGERIT, SOLIS POTIETUR. SI EFFECERIT UT SEX RADII FULGEANT, COR EJUS TEMPUS RESOLVET. TU PERPETUUM AESTUM COGNOSCET."

Não entendo nada! Obrigado!!!

Lili prometeu traduzir o mais rápido possível, se ficasse embatucada recorreria ao professor que sua mãe lhe arranjara. Samuel aproveitou para deitar na cama. Estava quase apagando quando bateram de leve na porta.

— Sammy? Posso entrar?

— Claro, vovó, entre.

Sua avó fechou a porta com precaução como se não quisesse ser surpreendida.

— Não pense que me agrada mandar você para o quarto! — ela sussurrou. — Mas como não quer explicar o que está acontecendo... O celular, as fugas, seu avô e eu não podemos ficar de braços cruzados!

— Não estou reclamando, vó.

— Eu sei — ela disse sentando-se no pé do cobertor —, é justamente isso que me preocupa... Mas não foi para fazer um sermão que subi. Você já sofreu com a Evelyn! Não, queria lhe contar um... um segredo. Não sei se vai ajudar... Seu avô lhe contou sobre o estágio de Allan no Egito há alguns anos? Contou como quase perdi a cabeça?

— Estava com medo que lhe tivesse acontecido alguma coisa, foi isso? Mas a senhora estava nos Estados Unidos na época e não podia largar a mercearia de Chicago para ir até lá.

— Teríamos ido se fosse necessário. Mas num certo sentido, não era. Como dizer isso... Eu estava longe, a milhares de quilômetros, e sentia claramente que Allan estava em perigo. No entanto, juro, Sammy, eu tinha *cem por cento de certeza* de que ele não estava morto. A noite, quando eu dormia, eu tinha como uns flashes, rapidíssimos. Eu mentiria se dissesse que o via. Tinha sobretudo a *sensação* da sua presença. É uma coisa que não engana uma mãe, você sabe, mesmo em sonho. Ele estava lá, envolvido na bruma, em meio a formas estranhas, como cenários de cinema. As vezes sorria, às vezes contorcia o rosto.

Ela estava emocionada e Sam a abraçou.

— Acredito na senhora, vovó.

— Você é um doce, Sammy. Infelizmente, não terminou — ela soluçou. — No dia em que... em que sua mãe saiu da estrada na colina...

Você estava no hospital, lembra?

Sam lembrava-se muito bem de cada detalhe daquele dia maldito. Acabava de ser operado de apendicite e tinha sido uma enfermeira que lhe contara o drama. Chamava-se Belinda, era ruiva, com uma espécie de repolho na cabeça e grandes olhos negros um tanto estúpidos. A expressão de pânico na fisionomia dela ficara gravada para sempre em sua memória.

— Quando a polícia telefonou para nossa casa para nos avisar, eu soube no mesmo instante que não havia mais esperança. Não adiantou o policial dizer que ela estava sendo levada para o atendimento de urgência, para mim, não restava dúvida. Foi a mesma coisa, eu *senti* aquilo.

Samuel não estava especialmente com vontade de mergulhar de novo naqueles momentos terríveis. Hoje, não. Era melhor cuidar do presente. Enfim, maneira de falar...

— E agora, vó? O que a senhora *sente* em relação ao papai?

Ela o fitou nos olhos e lágrimas brilharam em sua face.

— Ele está vivo, meu querido, tenho certeza disso. Acredite na sua velha avó: ele está vivo!

— E... está sorrindo ou sofrendo?

— Isso... Nos meus sonhos mais recentes a bruma está densa demais para distinguir alguma coisa. Mas ele está lá, tenho certeza. Então, por favor, Sammy, não cometa tolices. Não quero que ele tenha alguma queixa quando voltar.

Beijou-o na testa e se retirou na ponta dos pés antes de cair no choro. Samuel ficou por um instante deitado moendo e remoendo o que acabava de ouvir. Seu pai estava vivo... Devia acreditar cegamente na vovó? Um dia, haviam abordado com Maverick, o professor de ciências, a questão das premonições e outras percepções extra-sensoriais. Para Maverick, as pessoas que achavam ter tido aquele tipo de experiência simplesmente colocavam a memória para funcionar de maneira seletiva: "Se repito dez vezes para mim mesmo que um carro azul vai aparecer na esquina", explicava, "e na décima, finalmente, um carro azul aparece, minha tendência é esquecer meus primeiros fracassos para me ater ao meu sucesso.

Isso me faz dotado de visão dupla? Sou inclinado a premonições? Não, claro que não. Mas é reconfortante achar que controlamos o que nos escapa..."

Uma semana antes Sam teria aplicado sem hesitar esse raciocínio à sua avó: ela interpretava *a posteriori* acontecimentos que na realidade eram fruto do mais puro acaso. Por outro lado, de uma semana para cá, seu ponto de vista sobre muitas coisas havia mudado! Era o fim da era das certezas!

Ao mesmo tempo que fazia essas reflexões para si, Sam ouvia intermitentemente fiapos de conversa do outro lado da parede: Lili se virava para traduzir o texto. Cansado de esperar, acabou dormindo.

O toque do computador — uma espécie de "bip" — arrancou-o do sono por volta de uma da madrugada. Correu para a tela: *garotodapraia* tentava fazer contato. Clicou no pseudônimo da prima.

LILI: Obrigada pelo dever de casa das férias! Tive dificuldade e acabou sendo a professora de latim que me ajudou por e-mail. Sorte que ela gosta de mim! Aí vai a tradução que ela fez:

"AQUELE QUE REUNIR AS SETE FICHAS SERÁ O SENHOR DO SOL. SE CONSEGUIR FAZER OS SEIS RAIOS BRILHAREM, SEU CORAÇÃO SERÁ A CHAVE DO TEMPO. ELE ENTÃO CONHECERÁ O CALOR IMORTAL."

Samuel leu e releu a mensagem dez vezes para tentar desvendar seu sentido: *As sete fichas; o senhor do sol; fazer os seis raios brilharem; o calor imortal...* Óbvio, aquilo tudo tinha relação direta com a pedra esculpida. Mesmo com algumas expressões não ficando claras, agora compreendia por que Klugg acreditava que, enfiando uma moeda na cavidade, esta se transformaria em ouro. Mas não era de alquimia que se travava no caso, apenas de "viagem": *seu coração será a chave do tempo!*

SAM: Você é a + incrível das primas da galáxia!!! Bom, vamos ao texto. Na minha opinião: fichas = moedas. Portanto, é necessário juntar 7 moedas furadas para fazer a pedra funcionar efetivamente (= escolher sua época?). Os 6 raios são os do sol. Como fazê-los brilhar? Nenhuma idéia. O sol deve ser aceso, talvez? O calor imortal dá a impressão da queimadura que lhe contei: a gente queima e não morre = calor + imortal... Enfim, é o que suponha! Acha que posso estar certo?

Esperou uns minutos para ver se *garotodapraia* confirmaria suas intuições, mas depois de quinze minutos teve que se render à evidência: *garotodapraia* devia estar dormindo a sono solto...

XVIII

Surpresa

Era a multidão dos grandes dias: nenhuma vaga no estacionamento do ginásio. Rudolf xingara tudo que podia — pequena satisfação — antes de conseguir parar o seu Porsche 4X4 reluzente de novo a 100 metros de distância, atrás de um prédio caindo aos pedaços. Possivelmente já se arrependia da decisão de ter vindo! A avó de Sam pusera, o bonito vestido florido que lhe dava uma aparência alegre — apesar do seu estado de ânimo —, e seu avô não parará de dissertar sobre os assuntos mais instigantes, como feijões vermelhos em lata e as marcas de conservas mais vendidas nas mercearias norte-americanas. Sam não abrira a boca, para mostrar a todo mundo que estava sendo levado à força para o matadouro — O que era pura verdade. Tia Evelyn não se dignara a vir — achava o hóquei mais formador, repetira isso mil vezes para Allan — e Lili simplesmente não fora convidada, a fim de ser mantida longe do primo. No e-mail que lhe enviara de manhã, ela dizia que pegara uma tonelada de livros na biblioteca municipal e que, de toda forma, tinha que devolver. Num certo sentido, Sam preferia...

Seu primeiro reflexo ao entrar na arena de esportes foi procurar Monk com os olhos. Metade das arquibancadas já estava ocupada por espectadores que conversavam ruidosamente e cujas vozes ecoavam amplificadas pelo teto metálico. Os projetores presos no alto iluminavam meia dúzia de tatames, instalados sob a supervisão dos árbitros. Os capitães das equipes conversavam entre si, alguns judocas se aqueciam de roupão e, na área técnica, as tabelas das lutas podiam ser consultadas em computadores. Mas nada de Monk.. Uma bronquite fulminante? Uma torção no pulso frustrando seus planos? Uma súbita conscientização de que era contra a moral quebrar os dentes dos seus coleguinhas? Não custava nada sonhar...

Samuel deixou a parentada na tribuna Nicolas-Gill — nome de um grande campeão canadense — e se encaminhou a contragosto para os vestiários. Não demorou a topar com mestre Yaku, que o recebeu com um sorriso imperceptível. Mestre Yaku não era do tipo expansivo, o que não o impedia de se interessar de perto pelos seus alunos e freqüentemente saber sobre eles mais que os próprios pais. Era em geral a essas qualidades profundamente humanas que atribuíam o sucesso do seu curso e sua técnica, na época em que participava dos campeonatos, de "ler" o jogo dos adversários e encurralá-los.

— Fico contente que tenha vindo, Samuel. Sei que não está muito em forma para esse torneio, mas vai ser uma boa experiência para você. Não hesite em confiar em si mesmo, ok? Agora vá mudar a roupa e relaxar.

Sam resmungou um vago obrigado, mais convencido ainda de que deveria ter embarcado num avião para o outro lado do mundo. Escolheu um armário afastado e se despiu lentamente, indiferente às piadas dos seus colegas sobre a competição. De toda forma, ele era um dos mais jovens — 14 anos há uma semana! —, suas chances de se sair razoavelmente bem no torneio aproximavam-se do zero absoluto. Vestiu o quimono — seu *judogui* em termos técnicos —, amarrou sua recentíssima faixa marrom, fez algumas flexões e outros exercícios, depois encaminhou-se para o *dojo* entre os últimos.

Os sessenta competidores já estavam alinhados perante os árbitros, e o burburinho do público não cessava de aumentar à medida que as arquibancadas eram ocupadas. Monk também estava lá, claro, montanha de músculos e agressividade. Felizmente, não viu Sam chegar, ocupado que estava em zombar de um varapau louro, um de seus possíveis rivais. Samuel perfilou-se imediatamente na outra ponta da fila e manteve a cabeça baixa. Os alto-falantes começaram a cuspir uma música folclórica e o locutor tomou a palavra para abrir oficialmente o 27º torneio de judô Sainte-Mary/Fontana. A lenda dizia que as duas cidades, Sainte-Mary e Fontana, alimentavam uma rivalidade desde sua fundação e que, ao longo de 150 anos, a rapaziada havia se enfrentado em brigas tão violentas quanto espetaculares. Depois da Segunda Guerra Mundial, as prefeituras haviam decidido substituir aqueles duelos bárbaros por festas mais pacíficas e de boa vizinhança. Isso fez com que os clubes de judô, inspirando-se na tradição, passassem a organizar competições para todas as faixas nas categorias 11-13 e 14-16 anos, o vencedor sendo considerado uma espécie de campeão regional. No ano anterior, Sam havia caído diante do imbatível Monk logo na primeira fase, depois que este o virará como um crepe no 43º segundo. Monk, que era apenas alguns meses mais velho que Sam, ganhara o troféu de 11-13 anos e, naturalmente, pretendia ganhar agora o de 14-16. Quem, aliás, poderia impedi-lo? Embora não fosse o mais velho, era certamente o mais forte e, em todo caso, o mais cruel. Todos rezavam para não cruzar com ele na tabela!

Samuel dirigiu-se para o tatame onde o combate de abertura devia se realizar. Lançou um olhar para a tribuna Nicolas-Gill, de onde sua avó lhe enviou um aceno de estímulo. Pegou a faixa vermelha que o árbitro lhe estendia, amarrou-a em cima da sua e postou-se diante de Pete Moret, um dos seus colegas do clube. Como a equipe de Sainte-Mary tinha de fato os melhores lutadores — muito melhores —, haviam decidido de uns tempos para cá opor sem distinção de origem os representantes das duas cidades. O que explicava o risco de ter que medir forças com Monk...

— *Hadjim!* — ordenou o árbitro.

Samuel avançou dois passos tentando pegar a manga ou a gola do *judogui* de Pete Moret. Claro, havia a possibilidade de desabar imediatamente e dizer adeus ao torneio, mas não pretendia dar esse prazer a Rudolf. O que não ouviria? Por outro lado, Pete Moret estava longe de ser um ás dos *dojos*, e mestre Yaku provavelmente desconfiaria daquela derrota. Sam então deixou Pete se esfaltar tentando emplacar o seu "especial", *Koshi guruma*, um movimento de pêndulo com os quadris, e, na primeira oportunidade, derrubou-o dando-lhe uma simples rasteira em sua perna de apoio. Pete cambaleou no tapete e o árbitro anunciou:

— *Wasa-ari!*

Waza-ari eram 7 pontos no bolso, excelente começo.

Sam agarrou-o imediatamente no solo com uma de suas imobilizações favoritas, o braço direito apertando com firmeza a nuca de Pete, enquanto o braço esquerdo e o peso do corpo o mantinham no

chão. Nessa posição girou um momento sobre si mesmo com sua vítima sufocada embaixo, ao mesmo tempo em que desfiava mentalmente os segundos: "22, 23, 24..."

— *Ippon!* — proclamou o árbitro.

Ippon era a maior vantagem, os 10 pontos que garantiam a vitória. Samuel e Pete se levantaram, endireitaram seus quimonos e se

cumprimentaram. O árbitro abriu o braço na direção de Sam para apontar o vencedor. Aplausos frenéticos dos avós nas arquibancadas!

Enquanto calçava as sandálias para voltar para o vestiário, a deliciosa voz de Monk murmurou atrás dele:

— Nada mau, Faulkner. Pete Moret é bem do seu nível... Eu não queria que você perdesse, se quer saber.

Apertava suas manzorras com uma expressão belicosa.

— Foi um grande prazer não decepcioná-lo, Monk.

Sam não titubeou e escapuliu no focinho dele: inútil infligir-se uma humilhação extra. Quanto a saber se teria que enfrentá-lo, preferia não pensar no assunto. Refugiou-se no banheiro para ficar mais tranqüilo e só voltou para o segundo combate.

O restante da manhã desenrolou-se como um sonho. O sorteio lhe havia sido favorável, pois, até as oitavas de final, Sam só encarou adversários do seu porte, que ele derrotara pelo menos uma vez no passado. Além disso, sentia-se numa forma olímpica, aplicando os golpes com a mesma facilidade e até com mais força que de costume. Sam sempre fora um bom judoca, pelo menos no plano da agilidade e da técnica, mas faltavam-lhe força nas investidas e resistência no trabalho de solo. Mas nesse dia estava mais à vontade do que nunca. Viu seu reflexo no espelho do banheiro, suas coxas e seus braços que lhe pareciam mais fortes, e terminou por se convencer de que efetivamente estava mais musculoso. Teria sido sua passagem pelo guindaste em Bruges? Suas corridas no Velho Bosque? Talvez viajar no tempo fosse melhor que qualquer academia de musculação!

Animado abordou seu quarto embate da manhã com mais serenidade. Dessa vez seu adversário era um garoto de Fontana, um faixa marrom nervoso e rápido que ele não conhecia. Este o atacou de surpresa logo de cara e lhe infligiu um *Yuko* — 5 pontos — ceifando seu pé direito enquanto Sam tentava agarrar sua guarda. Felizmente, caiu de lado e conseguiu se enroscar para evitar a imobilização. Nenhum dos dois levava vantagem no solo, o árbitro os separou — *Mattel* —, e o combate recomeçou com os dois de pé. Foi somente no último minuto que Sam vislumbrou a solução, graças a um *Uki otoshi* pouco ortodoxo: aproveitando-se de um ataque imprudente do adversário, puxou-o para si agachando-se ligeiramente, em

seguida imprimiu-lhe um movimento brusco no sentido contrário. Duplamente desequilibrado, o garoto de Fontana caiu de costas, o que valeu a Sam um belo *Waza-ari*, 7 a 5, a conta certa...

Sua avó estava nas alturas quando eles se encontraram ao meio-dia na cantina perto do ginásio.

— Quartas de final, Sammy! E você não queria nem vir!

— Tive sorte — ele respondeu sem levantar os olhos do seu espaguete à bolonhesa.

— Pode acreditar nisso — enfatizou Rudolf. — Nos tapetes da esquerda, a conversa era outra! Pareciam todos maiores e mais altos. Principalmente aquele com quem você estava falando no início, ali...

— Monk?

— Talvez! O cara parece um açougueiro. Acabou com todos eles em menos de um minuto!

— E... você pode tê-lo como adversário? — preocupou-se sua avó.

— Não consultei a tabela — esquivou-se Sam. — De toda forma, não vou muito longe esta tarde. Posso comer outra massa?

Na sobremesa, Rudolf tirou o celular de Lili do bolso e o colocou sobre a mesa com um ar enigmático.

— Tenho uma pergunta para lhe fazer, Samuel... Você não vendeu o telefone, mas usou, não é? Tirou fotos?

"Droga!", pensou Sam. Só faltava aquele idiota ter fuçado o álbum digital! Ainda bem que tinha apagado as fotos que tentara tirar dos cavaleiros!

— Você bisbilhotou, Rudolf? Lili não vai gostar de saber... Rudolf bateu com a mão aberta no seu guardanapo.

— E além de tudo está querendo me dar lições de moral? Que fotos são essas?

— Do que se trata? — indagou o avô.

— De uma velha cidade sob a neve. Sob a neve nesta estação, acredita? Eu gostaria de saber onde foi que ele tirou...

— Ah, é só isso... — suspirou o avô.

— Não percebe? — excitou-se Rudolf. — Ele está zombando de nós desde o início! Ele não estava na casa do pai outro dia! Nem na estação no último fim de semana! Anda zanzando não sei por onde!

Por um segundo Sam julgou-se desmascarado. Rudolf o observava de uma maneira realmente perturbadora, como se fizesse daquilo um caso pessoal. Ou Lili teria aberto o bico? Não, impossível. Simplesmente Rudolf ficava louco quando alguém o contrariava.

— Passou um programa excelente sobre as cidades da Europa na quinta à noite. Não assistiu? Eu apenas fotografei a tela...

— Está mentindo! O resultado não teria esta qualidade!

— Está enganado, Rudolf, essa câmera tem uma excelente definição. Dois megapixels, se li direito... Você escolhe sempre a melhor, não é mesmo? Agora me desculpe, preciso me aquecer de novo.

E se levantou da cadeira a fim de impedir qualquer interrogação suplementar...

Quando entrou no *dojo*, ainda faltava muito para o reinício da competição. Muita gente comia um sanduíche nas tribunas, e os judocas haviam se agrupado por afinidade em torno dos tatames.

— Um grande dia para você! — foi o gentil cumprimento de Pete Moret. — Nunca vi você tão avassalador!

— Obrigado!

— Já sabe quem vai pegar nas quartas?

— Tenho... tenho que ver.

Na realidade, Sam fez antes um desvio pelo vestiário, pois percebera Monk perto dos computadores e não pretendia ser vítima de novas piadas. Monk perto dos computadores... Essa idéia ficou zumbindo na sua cabeça enquanto lavava as mãos. Monk perto dos computadores! Mas, claro, como era estúpido!

Enfiou o quimono rapidamente e correu até a mesa técnica. Monk era fera em informática, Cathie lhe contara. Era inclusive mais ou menos o responsável pela manutenção dos computadores! Poderia muito bem ter manipulado o sorteio a fim de que Sam tivesse que atravessar várias rodadas antes de se encontrar com ele! Escalando adversários mais fracos, por exemplo... O que explicaria sua série de sucessos pela manhã!

— Com licença, viu a tabela das quartas-de-final? Jonathan Robin, secretário do clube, fez a impressora funcionar e lhe entregou uma folha.

— Boa sorte, Faulkner!

Sam mergulhou angustiado nos retângulos e nas flechas. *Quartas-de-final A: Jerry Paxton vs Samuel Faulkner*. Ufa! Não era Monk! E Jerry Paxton, Sam conhecia, era da equipe de Sainte-Mary... Sem ser um monstro, era bem forte e do tipo casca-grossa, não seria portanto nenhuma vergonha perder para ele! E evitar Monk em seguida! Samuel recuperou o sorriso: ia se defender frouxamente e terminar o torneio incólume, escapando honrosamente da humilhação! Rudolf podia ficar com suas reflexões sobre disciplina e caráter! Na pior das hipóteses, se Paxton cometesse um erro grosseiro... Sam pegou novamente a tabela: *Quartas-de-final B: Milton Farley vs Ronald Joly*. Era contra um desses dois que a semifinal ia ser disputada! A vida lhe sorria em todas as simulações!

Sam examinou as tribunas tentando localizar seu adversário. O público voltava ao ginásio para acompanhar o fim do torneio e muitos espectadores se deslocavam ou esperavam seus amigos de pé. Jerry devia estar com os mais velhos do clube na ala norte e... De repente Sam foi atingido pelo raio. Paxton estava realmente na ala norte, mas afastado dos outros. Estava na parte inferior das tribunas com um braço apaixonado em volta do pescoço de Alicia Todds... *Sua Alicia Todds! ALICIA TODDS ESTAVA LÁ!* E estava saindo com Jerry Paxton!

Samuel teve que se apoiar no painel de avisos para não cambalear. As imagens de Yser lhe voltavam à mente e se superpunham às de Alicia, com seu jeans apertado e sua blusinha preta revelando o umbigo. Mesmo daquela distância, sua beleza se irradiava pelo ginásio. Paxton a abraçava gulosamente como se ela tivesse acabado de chegar e suas mãos estavam enlaçadas. Sam tinha vontade de vomitar... Sua esfuziante alegria de um tempinho atrás se esfumou subitamente e ele teve a impressão de que o seu coração encolhia dentro do peito. Respirava com dificuldade e seus neurônios chafurdavam numa sopa azeda. Alicia... Provavelmente não era o melhor momento, mas ele precisava falar com ela. Existia um laço entre eles, um laço de cuja existência ela nem sequer suspeitava, mas que transcendia tudo. Até mesmo seu constrangimento e seus medos, até mesmo... Não havia escapatória, tinha de falar com ela. Avançou como um robô para a ala norte e parou atrapalhado na frente dos namorados.

— Oi!

Eles levantaram os olhos para ele, estranhando que alguém se atrevesse a perturbá-los.

— Faulkner? — resmungou Jerry. — Não vai me dizer que isso vai recomeçar!

— Não, quer dizer...

— Samuel e eu, a gente se conhece há muito tempo — interrompeu Alicia com sua voz melodiosa. — Fomos vizinhos uma época.

Ela o avaliou com alguma coisa de indefinível no olhar, um misto de interesse, curiosidade, rancor talvez, e recordações, tantas recordações! Samuel cravou as unhas na palma das mãos para não chorar.

— Conhece o Faulkner? — perguntou Paxton. — Não me contou isso.

— Faz uns três anos que a gente não se fala... — replicou Alicia. — Eu não podia imaginar que ele viria nos dar bom-dia! A menos que seja apenas por causa da luta...

— Sinto muito, Alicia — gaguejou Sam. — Fui... fui idiota. Eu deveria ter falado com você, explicado. Estava tudo tão confuso na minha cabeça! Me odeio por isso... Você... você mudou!

"Você está uma gata", acrescentou interiormente, "e deve estar na cara que ainda te amo."

— Espero que seja um elogio — brincou Alicia. — Você também cresceu.

Paxton estava perdendo a paciência:

— Bom, tudo bem, Faulkner, a gente acerta isso daqui a pouco, ok?

É melhor você ir fazer o seu aquecimento com o coitado do Moret, vai precisar.

— Claro, claro, não quero atrapalhar...

Foi saindo de marcha à ré com a nítida consciência de ter feito papel de idiota. Alicia continuava a fitá-lo e Paxton lhe desferiu um sorriso desdenhoso, tipo: "Cai fora, palhaço, isso não é para o seu bico! Alicia é minha!"

Já não passava mais pela cabeça de Sam entregar a luta...

XIX

Hansoku-Make

As lutas da fase final desenrolavam-se no tatame central. Os menores tinham terminado suas quartas-de-final, e agora era a vez da turma dos 14-16 anos entrar. Sam fizera alguns exercícios com Pete, estimulado por uma raiva surda. De vez em quando dava uma olhada para Alicia, mas ela estava de costas para ele. Mas uma hora ia ter que olhar...

— Samueel Faulkneer!

Ele entrou no tapete debaixo de aplausos e se inclinou diante do adversário.

— *Hadjim!*

O primeiro choque foi brabo. Samuel e Jerry travaram uma verdadeira batalha com as mãos para agarrar a manga ou a gola de seus respectivos *judoguis*. Mas Sam não tinha nenhuma intenção de ceder: não ajudara seis séculos antes o ancestral de Alicia Todds a se livrar do ouvidor para ser ridicularizado na frente da sua descendente! Paxton tentou várias rasteiras usando seu peso, mas Sam manteve-se firme. Contava com a arrogância do rival e com seu excesso de confiança: Jerry parecia tão seguro de si! O problema era que ele era 5 ou 6 centímetros mais alto e precisava mantê-lo a distância. Sam esboçou então um ou dois ataques, menos na esperança de marcar pontos do que para não ser punido por falta de combatividade. Durante o terceiro minuto, quando Sam já sentia o cansaço, Jerry abriu a guarda: convencido de sua superioridade física, largou a gola de Sam e agarrou seu pescoço para puxá-lo para trás e tirar seu apoio. Sam não contou até três: num átimo, enfiou seu ombro sob o braço de Paxton, dobrou os joelhos no mesmo movimento e se projetou para a frente. O corpo de Jerry desenhou uma bela curva no ar e foi se estatelar no tapete. Pow!

— *Ippon!* — gritou o árbitro.

Houve uma chuva de aclamações. Sam vencera! Ele se aprumou sem acreditar... Sua avó lhe mandava beijos e Rudolf estava com cara de tacho. Vitória dupla! Lá na tribuna norte, Alicia se levantara. Agora, sim, olhava para ele.

Mestre Yaku foi um dos primeiros a lhe dar os parabéns.

— Que foi que eu disse, Sam? Não deve ter medo de confiar em si mesmo! Você tem os meios para chegar ao fim!

Sam aceitou o elogio e evitou confessar que ia ser achatado na semifinal. Seu destino já estava traçado!

Durante a meia hora que se seguiu, assistiu com um olhar distraído aos três outros combates. Para ele, estava tudo acabado... Ronald Joly venceu a quarta-de-final B após ter lutado ferozmente no solo e Monk se classificara sem surpresas à custa de um faixa preta de Fontana. Mas isso não tinha nenhuma importância... As lutas dos meninos de 11-13 anos deixaram de interessá-lo, e foi com a cabeça totalmente vazia que se preparou para disputar — e perder — sua semifinal. Mas não é que, a dois minutos do combate, Jonathan Ribbs, secretário do clube apareceu?

— Faulkner! Tenho uma boa notícia para você. Você passou diretamente para a final!

Samuel teve um sobressalto.

— O quê?

— Ronald Joly acabou de se machucar, acho que teve uma luxação no ombro. Pediu dispensa.

— O quê?

— Está surdo, Faulkner? Você está na final!

No microfone, com efeito, o locutor confirmava a anulação do combate e apresentava atropeladamente os outros semifinalistas — no caso, Monk e o louro varapau, os mesmos que faziam piadinhas na abertura do torneio. Sam estava aniquilado. Do seu banco, viu-os projetarem-se um contra o outro como animais selvagens e se chocarem soltando gritos roucos. Sam não estava preparado para resistir àquilo! Num certo momento, o varapau louro tentou levantar Monk berrando sob o seu peso e deu para ouvir nitidamente suas vértebras estalarem. Ou seus ossos, ou suas cartilagens, impossível saber... O ataque não rendeu frutos e ambos continuaram no solo agarrando-se freneticamente. O árbitro teve inclusive que intervir para evitar que se arrancassem os olhos!

Samuel fechou os olhos. "Vou enfrentar o Monk na final", repetia consigo, "e na frente da Alicia... Vou enfrentar o Monk na final e na frente da Alicia... etc." Quando os abriu, Monk estava nas costas do adversário, aprisionando-o entre suas pernas e o estrangulando tão ferozmente com o braço que o outro estava quase roxo. O louro varapau bateu várias vezes no chão em sinal de desistência. Foi uma nova explosão de aplausos. Restavam a Samuel apenas mais alguns segundos de vida!

Os últimos quinze minutos antes da final foram particularmente terríveis. Todo mundo o encorajava dando-lhe conselhos, enquanto ele sentia apenas náuseas. Igualzinho a quando fazia uso da pedra... A pedra, justamente, era agora que precisava dela! Uma voltinha pelo Japão, por que não, em qualquer época. Mas em vão se concentrava na moeda e no sol, não acontecia nada. Ia morrer ali, no *dojo* de Sainte-Mary, diante de uma multidão em delírio!

Tirou as sandálias e pisou no tapete com a morte na alma. Monk ficava ainda mais impressionante de quimono branco e a um metro de distância. Uma espécie de Yeti.... um Yeti que lambia os lábios, além do mais. Pois era verdade, Monk estava lambendo seus lábios. Ia devorá-lo cruzinho!

Samuel tentou se concentrar no que resolvera fazer: sucumbir talvez, mas de cabeça erguida. Alicia estava lá, não podia esquecer disso... Porém, quanto mais se concentrava, mais tinha a impressão de que uma leve neblina lhe tapava os olhos. Seu inconsciente, possivelmente, que se negava a ver...

— *Hadjim!* — bradou o árbitro.

Vamos lá, resistir mais de 43 segundos, um recorde a ser batido! Monk pulou em cima de Sam, que conseguiu a muito custo salvar sua guarda. Entretanto, o outro conseguiu agarrar a manga dele e tentou derrubá-lo. Sam fez uma esquiva para não ceder. Monk era muito mais pesado, evidentemente, muito mais forte. Além disso cheirava a suor, e os pés... Dez segundos transcorridos? O Yeti avançava a perna, tranqüilamente, para testá-lo do lado direito. Como no treino... Para falar a verdade, parecia não ter pressa de acabar com aquilo. Primeiro, cansá-lo, divertir-se com ele... A velha história do gato e do rato! Em seguida Monk fez um movimento com o quadril e Sam só teve tempo de se distanciar para fazer a esquiva. Na passagem, torceu o pulso e reprimiu uma careta de dor. A silhueta de Monk, enorme e grotesca, agarrada ao seu *judoqui*, parecia-lhe irreal. Já o seu hálito...

Percebeu então que Monk repetia cada vez mais freqüentemente cada um dos seus gestos. Como sua prima Lili quando voltara para o porão... Ou como o leãozinho Paulus correndo atrás do escaravelho na televisão...

Monk esticava o braço para agarrar sua gola, esboçava uma finta de corpo para atraí-lo para si, depois esticava de novo o braço, repetia a finta de corpo... Era tão desconcertante que Sam não viu chegar a rasteira magistral que o atirou no tapete. Caiu estatelado e só evitou o *Ippon* aplicando-lhe um pontapé na bunda em vez de nas costas,

— *Waza-ari!* — anunciou o árbitro.

Samuel se encolheu para escapar das manzorras de Monk, que tentavam virá-lo para si. Se quisesse de verdade, este não teria tido nenhuma dificuldade para vencê-lo no solo, Mas, visivelmente, tinha outros planos,

— *Matte!*

O árbitro intimou os dois adversários a se separarem e arrumarem seus quimonos. O silêncio era completo nas arquibancadas e todos seguravam a respiração pressentindo que o Yeti estava prestes a concluir.

Monk avançou saltitante, um ligeiro sorriso no canto dos lábios. Depois recuou bruscamente e recomeçou a pular avançando, o mesmo sorriso — ignóbil — no canto da boca. Samuel arregalou os olhos: o eco se instalara definitivamente. Uma espécie de distorção no tempo que lhe permitia ver o que estava prestes a acontecer com um ou dois segundos de antecedência, provocando aquele famoso efeito de *déjà-vu*. Em outras palavras... Sam afastou rapidamente o tornozelo no instante em que Monk ia tentar derrubá-lo. Em outras palavras, Sam podia prever as iniciativas do seu adversário um ou dois segundos *antes* que este as empreendesse! Aquela maneira de se abaixar, por exemplo: Monk preparava-se para enfiar o braço entre as pernas dele para levantá-lo, girá-lo por cima dos ombros e conseguir um *Ippon* retumbante! Samuel precisou apenas recuar alguns centímetros para desarticular a manobra e desequilibrar seu adversário por um instante. O Yeti parecia espantado e houve um murmúrio no ginásio. O que estava acontecendo?

Monk aproximou-se então e fez um movimento de quadril para levantar o flanco de Sam. Porém, mais uma vez Sam previra tudo. Acompanhou o gesto contornando Monk e deu-lhe uma tímida rasteira. O Yeti ficou desconcertado: uma segunda tentativa fracassada! E de maneira igualmente inexplicável! Evidentemente, pensou Sam, o judô nessas condições não era muito justo. Mas o que havia de justo numa luta entre ele e Monk?

Durante intermináveis segundos, o Yeti fez de tudo para colocar seus golpes, mas seu franzino oponente os encaixava, reagindo prontamente. A luta virou urna espécie de dança, um bale inesperado entre Davi e Golias. E Monk estava ficando nervoso... Irritado por não concluir seus golpes, desencadeou um de seus ataques prediletos, o *Morote*, em que o antebraço dobrado passava sob a axila do adversário e, por meio de uma rotação do corpo, arremessava-o no ar e no chão. Só que, como Sam já vira o trailer desse ataque, pois Monk tivera a extrema delicadeza de ensaiá-lo "no vazio" dois segundos antes... Assim que ele armou seu antebraço para girar, Samuel se jogou com toda a força para o mesmo lado, arrastando-o na queda. Carregado pelo próprio impulso e peso, o Yeti descreveu uma espécie de arco imperfeito antes de cair pesadamente no tapete. — *Waza-ari!* — exclamou o árbitro. Um arrepio de espanto percorreu o público: 7 pontos para os dois judocas, Samuel acabava de empatar! Levantou-se prontamente — tinha tudo a perder no solo — e procurou os números vermelhos do cronômetro na parede: 38 segundos... Mais 38 segundos a resistir!

Monk se levantou por sua vez. Não precisamos dizer que o Yeti não estava de bom humor. Apenas deu uma arrumada na sua faixa e se arrojou por duas vezes! — bufando como um boi. Com o braço esticado, tentava agarrar Sam pela manga, mas, como por mágica, este não parava de se esquivar e suas manzorras se fechavam no vazio. Uma ou duas risadas explodiram no ginásio — uma delas de Alicia, Samuel podia jurar —, o que deixou o Yeti fora de si.

— Vou te esmagar — ele berrou —, vou te...! O árbitro interveio batendo com o pé no chão:

— *Hansoku-Make!*

Os dois lutadores estacaram de repente como congelados no espaço. Um anjo passou sobre o *dojo* enquanto o árbitro apontava Monk com o dedo, *Hansoku-Make* era a desqualificação imediata por

atitude contrária ao espírito do judô. Com efeito, era proibido ameaçar o adversário... Monk estava eliminado! Sam vencera a final!

Uma tempestade tropical pareceu se abater sobre o ginásio: o público delirava fazendo as arquibancadas tremerem. Sua avó balançava a cabeça, incrédula, e seu avô levantava os polegares em sinal de vitória. Os dois finalistas se cumprimentaram — Monk olhava para o chão —, e Sam logo foi carregado em triunfo, idéia de Pete Moret. Deu duas voltas no ginásio, empoleirado sobre uma floresta de ombros e braços que gritavam: "Sa-mu-el! Sa-mu-el!", enquanto ele tentava localizar Alicia. Viu-a no canto da tribuna norte e lhe pareceu que sorria para ele...

Depois de dez minutos de comemoração e da entrega oficial das medalhas, Sam conseguiu finalmente escapar para os chuveiros e se acalmar. Ficou um tempo infinito sob o jato d'água, até que o "eco" houvesse desaparecido totalmente! Obrigado, pedra! Obrigado, viagens! Nunca teria conseguido se livrar de Monk de outra forma! Nunca teria ganhado a medalha de ouro!

Foi em seguida para o vestiário, gotejante e com a toalha em volta da cintura, especulando se por acaso Monk não o esperava em seu armário. Mas o recinto estava vazio, o Yeti fugira!

Em compensação, alguém batia numa das janelinhas do alto. Sam examinou a silhueta agachada atrás do vidro fosco. Será que Alicia...

Girou a maçaneta, o coração a mil por hora.

— Lili?

— Sammy... Desculpe por...

Ela olhou pelo vidro para se certificar de que ninguém a ouvia.

— Rudolf está esperando você com vovô e vovó no estacionamento, eu não queria que eles me vissem.

Samuel se perguntou por que a prima estava tão pálida. Poderia tê-la puxado para o vestiário, mas o basculante era muito estreito.

— Sabe o que ganhei? — pavoneou-se. — A medalha de ouro, tem noção?

— Eu sei, Pete Moret me contou, é maravilhoso!

— Parece cansada...

— Eu tinha que ir à biblioteca municipal hoje de manhã, lembra? Eu tinha reservado uns livros.

— Sim, e daí?

Puxou o fecho da mochila e tirou um livro.

— Eu... eu continuei a pesquisar sobre Vlad Tepes. Todas as informações possíveis.

— Muito gentil da sua parte, mas...

Passou-lhe o exemplar pela janela.

— Acabei descobrindo este. Fala de um dos castelos dele na Valáquia.

Samuel pegou o livro nas mãos: *Bran, a morada do Drácula*. A capa estampava um castelo sobre uma escarpa rochosa, com torres e fortificações.

— Tem um monte de fotos — ela acrescentou. — E inclusive... de algumas masmorras nos subsolos. Coloquei um marcador, veja.

Ela pronunciou estas últimas palavras com uma voz minúscula e Sam correu para abrir no lugar indicado. Havia diversas imagens de uma sala baixa com paredes carcomidas e correntes e bolas de ferro. Samuel começava a adivinhar por que sua prima estava tão transtornada. Não seria aquele o lugar onde Vlad Tepes prendera o seu pai? Pois, pelo que se lembrava, a ilustração do Livro do Tempo mostrava um castelo daquele tipo...

— Observe a última foto à direita — disse Lili. — Segundo o autor do livro, uma pichação da época.

Samuel inclinou o livro para obter um pouco mais de luz. Via-se um pedaço de parede em close, com uma espécie de inscrição esbranquiçada gravada toscamente sobre a pedra. Samuel levou alguns segundos para decifrá-la, algumas palavras não eram muito legíveis. Mas o significado do conjunto era claro e o autor da mensagem não deixava dúvida... Seis séculos antes, do fundo de sua cela, Allan Faulkner escrevera:

AJUDE-ME, SAM!